

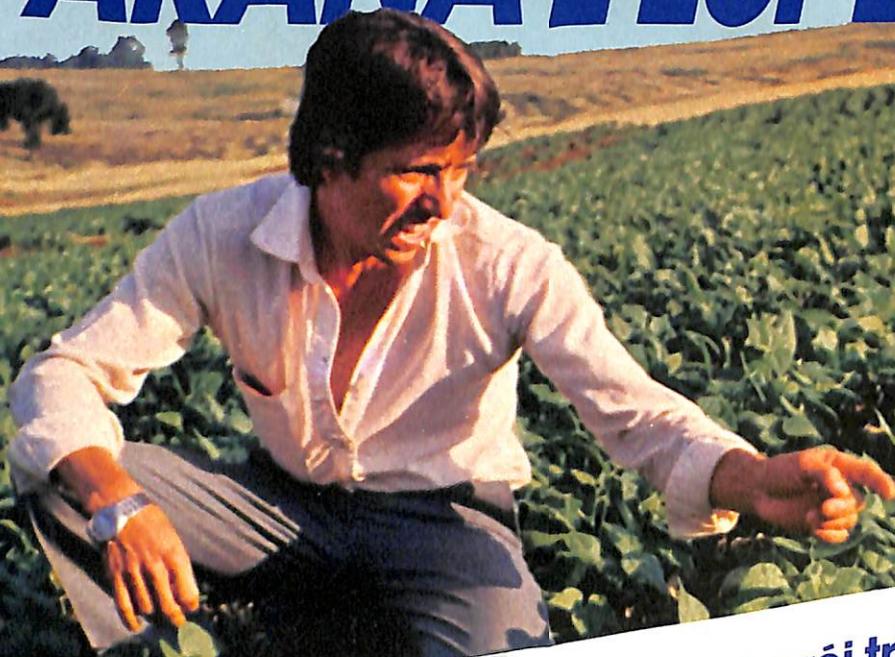
Novembro/87 - Nº 478 - Ano 43 - Cz\$ 80,00

# a granja

A REVISTA  
DO LÍDER RURAL

## O PARANÁ É ESPECIAL

UM GOVERNADOR QUE PRENDE CORRUPOTOS



O super-herói trigo  
Mais pasto na paisagem  
Soja nunca tem erro  
Cooperativismo sem dor  
A ordem é plantar na palha  
Mão-de-obra pesa no algodão  
As sete-vidas do peixe-gato  
Suínos e aves: só tragédias  
Cafê tira sono do produtor



**QUEM PLANTA SOJA, PLANTA ÓLEOS VEGETAIS,  
FRANGOS, OVOS, SUÍNOS, LEITE E DÓLARES.**

Os plantadores de soja são responsáveis por 95% dos óleos vegetais consumidos no Brasil. O farelo de soja, rico em proteínas, vira ração para os frangos, ovos, vacas leiteiras. É a soja garantindo o abastecimento no mercado interno, e também os dólares para a balança comercial, com aproximadamente US\$ 2,5 bilhões a cada ano. A Sanbra, que foi uma das pioneiras no fomento da soja no Brasil, opera em Ponta Grossa um dos maiores complexos industriais do mundo, com capacidade de processar mais de 3 mil toneladas de soja por dia.

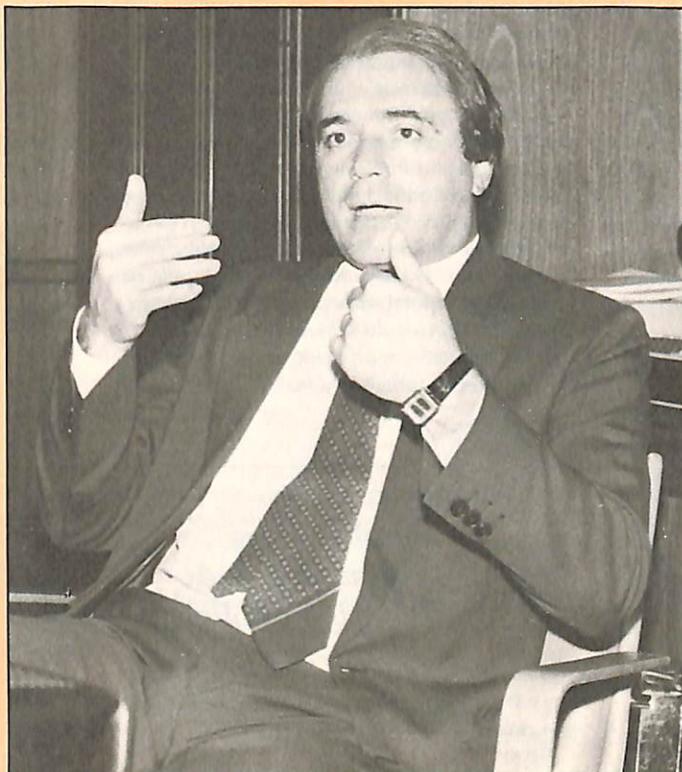


PIONEIRA NA TECNOLOGIA DE ALIMENTOS

# Paraná rural

*Para conter o êxodo rural, o governador Álvaro Dias propõe um programa de aumento de produtividade e de qualidade de vida no campo*

Uma política agrícola consistente, definida no tempo, para que o produtor tenha tranqüilidade no seu trabalho. Ao preconizar esta providência, o governador do Paraná não inova. Afinal, esta é a reivindicação que a agropecuária do País faz há meio século aos governantes. Acontece que, para esta providência ser bem-sucedida, é preciso que os governados acreditem nos governantes, hoje desacreditados especialmente pela impunidade que vegeta como erva daninha. E aí Álvaro Dias inova. Em seis meses, ele patrocinou a prisão administrativa de 19 funcionários públicos e um empresário, entre outras incursões punitivas. O resultado disto pode ser observado em todo o Paraná: a maioria dos paranaenses acredita no seu governador (ao contrário de outros estados) e oferece-lhe a necessária contrapartida do respaldo ao seu programa de governo. É com base nesta credibilidade que Dias, paulista de 43 anos, licenciado em



Álvaro Dias: pequena propriedade viável

**A Granja — O PMDB, através do presidente Tancredo, prometeu atender todos os interesses da agricultura, mas isso, pelo menos até agora, segundo os produtores, não foi cumprido. Como o sr. vê essa situação, levando em conta que o Paraná representa 25 por cento da produção de grãos do País?**

Álvaro Dias — O velho discurso do PMDB pode ser repetido hoje. Não há uma política agrícola definida no País que ofereça consistência, segurança, estabilidade ao produtor rural. A ausência de uma política agrícola a médio e longo prazo é a razão maior do desestímulo do agricultor brasileiro e sobretudo das distorções que acarretam enormes dificuldades. Há pouco tempo, o Paraná recebeu o ministro Íris Rezende e secretários da Agricultura de todos os estados, por proposta do nosso secretário da Agricultura, Osmar Dias, e nesta reunião defendeu-se a necessidade da elaboração de uma política agrícola para o País que consultasse aqueles que realmente vivem o problema da agricultura no poder públi-

co e na iniciativa privada. Uma política agrícola que contemplasse a necessidade de crédito, preço justo, orientação técnica e extensão rural, zoneamento, enfim, que contemplasse todos os interesses da agricultura, que necessariamente deve ser colocada pelo governo como prioridade na prática da ação administrativa, já que no discurso a agricultura sempre foi prioridade de todos os governos. É indispensável, portanto, que se adote uma política agrícola, já que a ausência dela tem desestimulado o setor, promovendo em estados agrícolas como o Paraná uma verdadeira reforma agrária às avessas. Quando se fala em reforma agrária, é preciso que se fale também na proposta de política agrícola, pois o governo perde a autoridade ao falar em reforma agrária quando inviabiliza a pequena propriedade rural. O Paraná é um exemplo dessa realidade: em vários anos, tivemos no Paraná 3.500 famílias assentadas no programa de reforma agrária em área que deveria acolher apenas 2.500 famílias, com um excedente de mil famílias. Enquanto isso, as-

História pela Universidade Estadual de Londrina — onde iniciou-se na vida pública — lançou o Paraná Rural, dentro da linha de voltar-se para o interior do estado que marcou o governo de seu antecessor, José Richa. Trata-se de um ambicioso programa de aumento de produtividade e de qualidade de vida no campo, sem o quê o êxodo rural continuará produzindo os efeitos desastrosos que hoje põem em risco a estabilidade estadual. Note-se, a propósito, que o Paraná tem uma das melhores estruturas sociais do País. Ao procurar o aumento de produção dentro da unidade produtiva onde se localiza o produtor, o governador do Estado que contribui com um quarto dos grãos colhidos nas lavouras brasileiras pretende mostrar concretamente como se fixa o homem no campo. Se isto ocorrer, o Paraná terá dado mais um exemplo ao Brasil — e, no caso, um exemplo de efeitos também políticos consideráveis.

sistimos o desassentamento de cerca de 40 mil famílias, 40 mil pequenas propriedades rurais despareceram nesse período inviabilizadas pela política agrícola incompatível com a realidade que nós estamos vivendo.

**A Granja — Na sua opinião, qual seria a reforma agrária ideal, e o que o Paraná vem fazendo nesse sentido?**

Álvaro Dias — Na verdade, a reforma agrária é uma responsabilidade da União, cabendo ao estado apenas a atividade complementar, a tarefa suplementar. Mas a reforma agrária tem sido a nossa grande preocupação. Como temos cerca de 12 mil famílias vivendo em situação de irregularidade, ou em áreas invadidas ou em acampamentos, gerou-se uma falsa expectativa em relação à reforma agrária e isto naturalmente provocou todas as distorções que estamos verificando no processo de sua implementação. No Paraná, nós não temos áreas disponíveis para o assentamento de todas as famílias cadastradas, e é evidente que o processo tem sido conduzido com grande lenti-▷

dão por parte do governo federal. Não há recursos suficientes para viabilizar a propriedade de um trabalhador assentado. O exemplo também do Paraná é válido nesse aspecto. As famílias assentadas aqui estão assentadas sem as mínimas condições de viabilizar um empreendimento em áreas áridas, sem a necessária correção, sem a devida orientação técnica, enfim, sem o apoio necessário, e isto levou a frustrações sucessivas de safras. O processo de reforma agrária vem sendo conduzido com muita ineficiência no Brasil, e se o governo realmente deseja a implantação da reforma agrária, deve alocar uma soma maior de recursos. Nós estamos, no Paraná, procurando recuperar essas propriedades resultantes dos assentamentos realizados, repassando ao tesouro estadual, nesses seis meses de governo, cerca de Cz\$ 83 milhões para que a Secretaria de Agricultura possa fornecer sementes, assistência técnica, até máquinas, para viabilizar uma safra que ofereça perspectivas de recuperação às famílias assentadas.

**A Granja — A colonização de terras públicas poderia resolver o problema de reforma agrária?**

**Álvaro Dias** — No estado, não existe a possibilidade do aproveitamento de terras públicas, porque as existentes são insuficientes para a implantação dos assentamentos; solicitamos um levantamento e não encontramos áreas disponíveis em poder do estado para assentamentos. Em nível de País, a realidade é diferente, há áreas disponíveis para assentamento de trabalhadores sem terra, e creio que a reforma agrária deveria começar por aí.

## **G**overno precisa definir créditos especiais para a agricultura

**A Granja** — Em termos de Constituinte, o sr. acha que ela deve colocar a agropecuária numa posição privilegiada e também definir o limite da propriedade da terra?

**Álvaro Dias** — É evidente que a Constituinte deve estabelecer normas básicas que protejam a agricultura, que é um grande patrimônio da Nação. A agricultura tem sido a mola propulsora do nosso progresso, do nosso desenvolvimento; é evidente que ela deve ser uma preocupação dos nossos representantes na Assembléia Nacional Constituinte. Sem o estabelecimento de normas sobre o nosso sistema fundiário, teremos dificuldades maiores para a implementação do programa de reforma agrária, e até mesmo para a adoção de uma política agrícola compatível com as necessidades atuais da agricultura.

**A Granja** — É possível desenvolver-se com menos desigualdades num país em que 40 por cento do PIB estão nas mãos dos bancos, os mesmos bancos que financiam a produção a juros, hoje, entre 10 e 15 por cento ao mês?

**Álvaro Dias** — O governo deve, embora não se defenda o subsídio à agricultura, estabelecer linhas de crédito especial para fomentar a produção agrícola no País, para dinamizar o setor pro-

duativo da agricultura. Uma das reivindicações que temos encaminhado a Brasília é no sentido de se estabelecer taxas de juros que viabilizem a atividade agrícola, porque as taxas de juros estabelecidas e que levaram a agricultura a uma situação pré-falimentar desestimularam o agricultor. Além do estabelecimento de taxas que viabilizem a atividade produtiva e da agricultura, é preciso que o governo adote mecanismos de eficiência no repasse desses recursos e por isso reivindicamos do governo federal o repasse do crédito rural também através dos estabelecimentos oficiais de crédito nos estados. O nosso Banco do Estado do Paraná tem uma malha de atendimento que possibilita maior eficiência, atingindo todas as regiões do estado, para que, do anúncio da medida à implementação da medida, haja um espaço menor em relação àquele que nós temos verificado ultimamente. Da decisão do governo, em Brasília, até a prática da medida no campo, temos uma distância muito longa, e o retardamento na implementação das medidas anunciadas pelo governo tem sido um enorme prejuízo, porque, quando implementadas com atraso, os resultados ou estão minimizados ou completamente anulados. Portanto, é preciso que o governo reduza a distância do poder público, dos estabelecimentos oficiais, essa distância tem que ser reduzida. A descentralização, com repasse criterioso dos recursos do crédito rural através dos bancos estaduais, me parece que transformará essa estratégia, tornando-a mais eficiente.

## **C**onservação do solo é uma responsabilidade do poder público

**A Granja** — Em termos de política agrícola, o que o Paraná tem feito neste sentido? Há um projeto chamado Paraná Rural?

**Álvaro Dias** — A atividade da Secretaria da Agricultura tem sido abrangente, mas eu destaco dois programas fundamentais: programa de conservação do solo, através das microbacias, do manejo integrado dos solos e das águas, que tem por objetivo combater a erosão, assegurando a fertilidade da terra e o aumento da produtividade. Nós entendemos que a conservação do solo é uma responsabilidade do poder público, porque a terra é propriedade individual circunstancialmente, já que definitivamente é um patrimônio da humanidade que deve ser preservado para ser repassado às gerações vindouras, que desse patrimônio arrancarão a sua sobrevivência, como hoje. Esse programa está empolgando a agricultura do Paraná. Nós estamos em fase final de execução de 600 microbacias e pretendemos chegar a 1.900 a duas mil microbacias até o final do nosso governo. Ao lado desse programa, há um programa de irrigação e drenagem pelo qual pretendemos incorporar novas áreas, novas técnicas ao processo produtivo, aumentando a produtividade da nossa agricultura especialmente na produção de alimentos. O objetivo é em quatro anos atingir cerca de 150 mil hectares de terras irrigadas, especialmente várzeas e meias-encostas. Te-

mos um grande potencial no estado, cerca de 450 mil hectares de várzeas que ainda não estão incorporadas ao processo produtivo. Constituem-se, portanto, numa fronteira agrícola interna. Estamos seguros de que vamos atingir esses objetivos, porque, nos primeiros seis meses, em que pese a crise do primeiro semestre, que atormentou a nossa agricultura, chegamos já a sete mil hectares de áreas irrigadas e drenadas no estado, e chegaremos até o final deste ano a 12 mil hectares. Isto significa elevar a nossa produtividade, e já que quintuplicaremos a produtividade do arroz, triplicaremos a produtividade do feijão, para ficar apenas nesses dois exemplos, quando temos para o arroz a mesma produtividade da década de 70, o que é lamentável, e para o feijão uma redução de cerca de 20 por cento da nossa produtividade nos últimos anos. Este programa é fundamental, e nós vamos seguramente elevar os níveis de produtividade de nossa agricultura. E o Paraná é um estado adequado para ampliar a sua produção de alimentos, já que colocado estrategicamente próximo dos grandes centros consumidores, possibilitando uma redução no preço final do produto ao consumidor.

## **S**e tiver qualidade de vida, homem não troca o campo pela cidade

**A Granja** — O projeto de microbacias vai melhorar a vida do agricultor e, ao mesmo tempo, fixá-lo no campo?

**Álvaro Dias** — Sim, procuramos resolver esses dois problemas básicos. Estamos vivendo essa fase de urbanização acelerada, e estatísticas demonstram que ela atingirá parâmetros surpreendentemente altos: por volta de 1990, cerca de dois milhões e quinhentos mil habitantes viverão na região metropolitana de Curitiba. Se nós não temos o direito de impor onde a população deve viver, temos a obrigação de preparar as localidades para acolher as populações que nelas desejam viver com dignidade. Temos a possibilidade de orientar a ocupação espacial do nosso território, edificando diques de contenção deste êxodo, que se dirige basicamente para a região metropolitana de Curitiba. E por isso, além naturalmente dos planos de governo em outras áreas, na área de agricultura nós estamos com o programa de rodovias rurais, que pretende asfaltar as ligações do campo com a cidade, da produção com a comercialização, ligando a agricultura ao corredor de exportação. Já realizamos recursos para execução de quatro mil quilômetros dessas rodovias nos padrões do nosso governo, e através do Paraná Rural pretendemos viabilizar recursos para mais 3.500 quilômetros de rodovias rurais, completando em quatro anos, se atingirmos esses objetivos, 7.500 quilômetros de rodovias rurais. É claro que isso motiva a permanência do homem no campo, porque melhora a qualidade de vida. Além do programa de eletrificação rural, que no Paraná foi sucesso absoluto no governo anterior e que tem continuidade no atual governo. O Paraná Rural, além dos recursos destinados às ro-

dovias rurais, ao programa de microbacias, de irrigação e drenagem, contempla recursos para um programa de armazenagem e um programa de produção animal. Com o Paraná Rural, nós dinamizaremos setores produtivos a ponto de aumentarmos a arrecadação de ICM em 300 milhões de dólares. Esses programas, se aprovados pelo Banco Mundial e pelo BIRD, deverão ser pagos em 25 anos com cinco de carência e são auto-sustentáveis, ou seja, pagarão por si com o aumento da arrecadação do ICM.

## **C**ombate à corrupção estimula o contribuinte. Um exemplo é o ICM

*A Granja* — Muitos governadores se queixam da falta de recursos, mas parece que não é o seu caso, especialmente até porque o sr. atacou muitas áreas, muitos vazamentos que estavam ocorrendo, como o caso da Claspas.

**Álvaro Dias** — Tem um depoimento que eu considero importante e vou registrar. O depoimento do secretário do Planejamento, Francisco Magalhães Filho, que, em recente reunião do secretariado, testemunhou que como servidor público há 28 anos, servindo aos mais diversos governos, em 28 anos ele jamais viu um governo realizar tanto, com tão escassos recursos em tão pouco tempo. Trata-se da racionalização administrativa com a maximização dos recursos, e sobretudo o estabelecimento de prioridades, levando em conta a necessidade da relação entre custo e benefício econômico e social do empreendimento público realizado. É por isso que a agricultura tem sido contemplada com uma parcela de recursos que podemos repassar e temos repassado significativamente, subsidiando esses programas com convênios que celebramos com prefeituras municipais, numa descentralização administrativa que possibilita maior eficiência na execução desses programas. Tanto é que quando nós assumimos o governo tínhamos 80 microbacias concluídas, e hoje nós temos 600 em fase final de execução. Estamos mudando o panorama da agricultura do estado, e é evidente que este combate implacável à corrupção estimula, até, o contribuinte a pagar impostos, porque ele chega à conclusão de que o dinheiro do imposto pago com sacrifício será com competência e probidade investido em setores fundamentais, atendendo sobretudo às necessidades básicas da população. É a razão de termos paulatinamente promovido uma elevação na arrecadação do ICM, ao ponto de em setembro termos atingido um recorde de arrecadação, pela primeira vez. Este ano, nós lutamos com terríveis dificuldades, porque trabalhamos com um orçamento que foi elaborado por outro governo e em outro tempo econômico, na época do Plano Cruzado. É claro que esse orçamento se deteriorou totalmente, implodiu. No próximo ano, teremos condições de estabelecer de forma mais eficiente as nossas prioridades, tendo em vista as diretrizes básicas que estabeleceremos para o programa de governo.

## **S**em apoio dos produtores não é possível realizar nenhum programa

*A Granja* — Além da Claspas, onde mais o governo detectou problemas?

**Álvaro Dias** — Na Claspas, houve um rombo de 50 milhões de cruzados em dinheiro de hoje, em uma operação fraudulenta de final de governo, mas não foi a única operação desonesta, outras estão sendo investigadas. Na área da agricultura, tivemos na Ceasa uma prisão por desvio de alimentos destinados a populações carentes; na área do porto de Paranaguá, um prisão por desvio de óleo diesel e gasolina ao longo do governo anterior; tivemos prisões administrativas em outras áreas do governo estadual, decretamos 15 prisões administrativas e uma preventiva. Ainda agora tivemos a decretação da prisão administrativa do empresário que negociou com o governo anterior, vendendo equipamentos que sequer foram importados, mas recebendo pelos equipamentos. É evidente que isto não se fez isoladamente; este empresário deve ter sócios no governo, e nós chegaremos a eles através de inquérito policial que estamos procedendo. Um outro empresário da área rural, grileiro de terras no estado há vinte anos, foi também detido graças ao desengavetamento que determinamos da CPI da Corrupção realizada na legislatura anterior pela Assembléia Legislativa e que se encontrava engavetado. Ele se envolveu em negócios irregulares com a Banestado Reflorestadora e está detido. Esse procedimento consagrou o expediente da prisão administrativa e os hábeas-corpus requeridos foram negados pelo Tribunal de Justiça, negativa confirmada pelo Supremo em decorrência dos recursos apresentados. Esta postura de governo, de austeridade de um lado e de combate de irregularidades e corrupção, além de recuperar a credibilidade ao longo do tempo que os governantes perderam, em função da prevalência da impunidade diante da justiça, motiva os setores produtivos, e este apoio transfere ao governo energia e motivação, para que prossiga caminhando os caminhos da correção, da lei e da justiça. Este apoio tem-se refletido também na ação administrativa, porque há uma participação efetiva de todos os setores da comunidade na obra administrativa. Estes programas da agricultura não seriam realizáveis sem a participação dos produtores rurais. Na conservação do solo, o produtor rural participa ao lado do governo; no programa de irrigação e drenagem, da mesma forma; os produtores rurais participam integrados à ação do poder público. E esta participação efetiva e criativa dos mais diversos segmentos da sociedade em relação à agricultura, especialmente dos produtores, tem viabilizado estes programas, maximizando os recursos e possibilitando estes resultados altamente expressivos de realização em tão pouco tempo.

*A Granja* — Os produtores paranaenses de suínos e aves queixam-se da possibilidade de falta de milho e da alta muito grande dos insumos.

**O sr. acha que a oligopolização das empresas fornecedoras de insumos é um risco?**

**Álvaro Dias** — É um grande risco e este é um tema antigo. O poder público deveria orientar, estimular, fomentar a iniciativa privada na direção de alternativas que impossibilitassem a imposição de custos dos insumos que são gravantes para a agricultura. É evidente que o governo deve agir, procurando alternativas para impedir esta imposição de preços. Em relação à outra questão, a venda do milho a que você se refere, o Banco do Brasil venderá milho diretamente ao produtor, reduzindo os custos do produto, e me parece que esta reivindicação estaria sendo atendida já. Este procedimento já é adotado em outros estados, Rio Grande do Sul, São Paulo, e agora passa a ser adotado aqui no Paraná.

## **P**recisamos harmonizar interesses da exportação com os do mercado interno

*A Granja* — O que o sr. acha do modelo exportador brasileiro? Deve ser mantido?

**Álvaro Dias** — Nós precisamos, sobretudo, de organização para a agricultura. O governo importa em determinados momentos e compromete os interesses nacionais da produção agrícola, porque importa desnecessariamente, muitas vezes sem consulta aos setores especializados. De outro lado e ao longo do tempo, adotou-se o modelo exportador em função da necessidade de pagarmos juros e serviços da dívida, e a sede governamental era uma sede de exportação que crescia na medida em que o tempo passava. Hoje, nós temos que compatibilizar os interesses da exportação com os interesses internos do abastecimento. O governo deve estimular a produção de alimentos, e aqui no estado nós estamos adotando esta postura. O nosso programa de irrigação e drenagem está voltado para a ampliação da nossa produção de alimentos. E já que o Paraná pode realmente colocar mais comida na mesa do Brasil, acho que o governo federal deve estabelecer um planejamento adequado, estabelecendo os limites do bom senso em relação ao estímulo da produção dos produtos exportáveis e àqueles que necessariamente são consumidos internamente.

*A Granja* — Como homem do PMDB, como o sr. vê o governo do presidente Sarney?

**Álvaro Dias** — É um governo de transição e, por consequência da transitoriedade e das circunstâncias vividas na fase de transição, marcado por uma heterogeneidade que compromete a eficiência administrativa, a sintonia. Mas este é um risco calculado, o importante é que este governo consolide o processo democrático e faça a passagem do autoritarismo para a democracia em paz e tranquilidade. Isto, por si só, justificaria o governo de transição do presidente Sarney, mas não podemos, naturalmente, exigir avanços fundamentais do setor econômico e social em função de todas estas questões abordadas. Mas é evidente que o fundamental é que o governo Sarney consolide o processo democrático. 

**Nossa Capa**  
Agricultura e pecuária, freqüentemente integradas, fazem a força do Paraná, como mostramos nesta edição.



Diretor-presidente  
Hugo Hoffmann  
Diretora comercial  
Leoni Zaveruska  
Diretor-executivo  
Léo I. Stürmer

## a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

### REDAÇÃO

Erico Valduga (editor), João Paulo Uriartt, Luciano Klöckner, Paulo Sérgio Pires (repórteres), J.M. Alvarenga (fotografia), Luiz Antonio Pينهيرو (diagramação), Jomar de Freitas Martins (revisão).

### COMPOSIÇÃO E ARTE

Luiz Alberto O. da Fonseca (supervisor), Jair Marmet, Maria Helena F. da Rocha, Lecilda Alves Caliendo, Elisabete F. Leitão (composição), Júlio Costa Jardim (arte-finalista).

### CIRCULAÇÃO

João Manoel M. Prates (gerente de vendas de assinaturas), Antônio João Carazzo (gerente de venda avulsa), Sinara Weber da Costa (coordenadora).

### PUBLICIDADE (RS)

Luciano Araújo, Maria Cristina Pereira dos Santos (contatos).

### SUCURSAL DE SÃO PAULO

Richard Jakubaszko (diretor regional), Mário Luiz Fugulin (contato), Praça da República, 473, 10.º andar, conj. 102, fone (011) 220-0488, telex (11) 31567, CEP 01045, São Paulo.

### Representantes/Publicidade

PARANÁ - Spala - Marketing e Representações, rua Alcides Munhoz, 69, conj. 31, fone (041) 225-1972, CEP 80000, Curitiba; RIO DE JANEIRO - Intermedia Representações Ltda., avenida Gomes Freire, 315, sala 605, fone (021) 224-7931, CEP 20231, Rio de Janeiro. SANTA CATARINA - Saga Representações - Rua Alexandre Schlemm, 753 - conj. 202 - fone (0474) 22-5207 - Joinville.

## a granja

é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob n.º 088. p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (0512) 33-1822, telex 051-2333, cx. postal 2890, CEP 90060, Porto Alegre/RS. ASSINATURAS de A Granja + A Granja do Ano (via superfície): no País - 1 ano, Cz\$ 700,00; 2 anos, Cz\$ 1.300,00; 3 anos, Cz\$ 1.900,00; no Exterior - 1 ano, US\$ 70,00; 2 anos, US\$ 130,00 (porte simples). Exemplar avulso: Cz\$ 80,00; exemplar atrasado: Cz\$ 85,00. A revista não se responsabiliza por originais não-solicitados.

Paraná Especial	12
O pão de cada dia	14
Grão do lucro	18
Milho sem recorde	24
Está pesado colher algodão	29
Café tira o sono	32

Feijão produz pouco	37
Cooperativismo	40
Microbacias é o futuro	46
Iapar não apaga incêndio	52
Duas safras de uva	56
Aumenta espaço do boi	58
Leite dá lucro	62
Aves dão prejuízo	64
Ovinos: PR vai longe	66
Bagre que dá certo	70
Crise na suinocultura	74

## Próxima edição

O crioulo nos Campos Gerais  
Brasil Central  
"Fora-de-série" para o campo

### SEÇÕES

Caixa Postal	8
Aqui Está a Solução	9
Remates & Exposições	10
Classificados	77
Novidades no Mercado	80
Ponto de Vista	82

## Estoque duvidoso

Inconfidências da Companhia de Financiamento da Produção permitem estimar o estoque governamental de milho em cerca de quatro milhões de toneladas. A quantia garantiria o consumo até fevereiro/março, quando entra o milho novo — se a estimativa for correta. Produtores de suínos e frangos, maiores interessados no estoque, desconfiam que as reservas são menores, e alguns chegam mesmo a afirmar que a saca de milho, hoje em Cz\$ 300 (média nacional), chegará a Cz\$ 1.000 no final do primeiro trimestre de 1988. Uma questão, porém, é incontestável: o País está plantando de 12 a 15 por cento menos de milho.

## De mal a pior

Mas o preço do milho não é a única questão a atormentar os produtores de suínos e aves. A crise é grave, e para aqueles que trabalham com os dois setores não há saída: ou o quadro melhora ou abandonam a atividade. Isto é constatado, inclusive, no Paraná, como se pode ver nesta edição de **A Granja**. Na raiz da crise, os custos, que os preços mínimos não cobrem. Os suinocultores estão abatendo matrizes e vendendo reprodutores como se fossem animais terminados,

comprometendo ainda mais o futuro das pequenas e médias propriedades do Centro-Sul, especialmente. Nem as chamadas “integrações” com os frigoríficos, que via de regra representam estabilidade para o produtor, conseguem anular os custos de instalações, mão-de-obra e energia.

## Concorrência subsidiada

Os problemas da avicultura, no entanto, atingem também as exportações. De janeiro a setembro, os embarques de frango inteiro caíram 13 por cento, o que significa 16 milhões de dólares a menos (40 milhões de dólares nos últimos dois anos). E por quê? Porque os norte-americanos, subsidiados pelo Export Enhancement Program, estão nos desalojando de mercados tradicionais. Também não resistimos à concorrência da Comunidade Econômica Européia, outra a subsidiar sua produção, e a quem, na verdade, se destinaria o EEP. Na briga entre o mar e o rochedo, sofre o marisco. Só o Ministério da Fazenda do Brasil não vê o nosso papel de molusco.

## Devagar na soja

O pior é que o rosário de desgraças do produtor nacional

não vai livrar nem a soja (cuja perspectiva de comercialização parece tão boa que tomou espaços da lavoura de milho). Dirigentes da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais revelam que a produção de soja da Comunidade Econômica Européia saltou de 86 mil toneladas na safra 1983/84 para 1,3 milhão. O objetivo claro é importar menos proteínas para rações animais (com as quais produzem carne e leite), e ainda exportar. Enquanto isto, os norte-americanos aumentaram sua produtividade, para competir com europeus e asiáticos.

## Negócio é negócio

Não estranhem se defensivos animais estão sumindo das prateleiras de atacadistas e lojas agropecuárias. As 103 indústrias do ramo (77 nacionais e 26 estrangeiras) reagem da única forma que podem contra a política de preços do CIP e contra as restrições de importações da Cacex. A propósito, de março de 1986 a maio de 1987, os produtos veterinários aumentaram 84%, contra 220% da carne bovina, 268% do pão, 287% do açúcar, 295% do feijão, 313% dos ovos médios, 337% do álcool, 365% do leite C e 403% do sal.

## Fome x dieta

“... a falta de alimentos que se desenha para 1999 será mais grave ainda que a atual crise de petróleo, podendo se prever a criação de uma ‘OPEP de Alimentos’ por parte dos países produtores — como o Brasil — que têm grandes extensões de terra fértil. A desorganização da produção poderá, pois, desde já ser um dos objetivos da classe dominante dos países ricos consumidores que já não dispõem de base territorial ampla e renovável. Muito mais bem-informadas do que nós sobre essas possibilidades estão as empresas transnacionais. (...) Agindo com grande habilidade, financiando projetos no Terceiro Mundo, seu objetivo, elaborado nos escritórios de Nova Iorque, Moscou, Paris ou Tóquio, é a criação de uma ‘Fazenda Global’. Isto é, sem invadir os países da periferia, colocar a caipirada a seu serviço, como fornecedores de ração e comida. Elas sabem que oitenta por cento da população do Terceiro Mundo é faminta, desdentada, carente de proteína. (...) Os desenvolvidos dizem que isto se deve à ‘escassez de terras aráveis e ao crescimento da população mundial’. Mas o americano Joseph Collins, autor do livro ‘Food First’, afirma que ‘se todos os alimentos fossem distribuí-

dos racionalmente, sem ganância e sede de lucro, cada ser humano poderia dispor de um quilo e meio de cereais por dia, no mínimo’. Segundo ele, a escassez mundial interessa aos conglomerados transnacionais que controlam a distribuição de alimentos. (...) O fato é que os conglomerados transnacionais decidiram ‘especializar’ determinados países na produção de determinados alimentos. (...) Assim, certos produtos consumidos no Hemisfério Norte passaram a ser importados por preços até quatrocentos por cento mais baratos que os produzidos lá mesmo, onde o maior problema da população hoje é fazer dieta para emagrecer.”

*Paulo Ramos Derengoski  
Lages/SC.*

## Plantio direto

“Lendo a edição de outubro de 87, da revista **A Granja**, no Ponto de Vista, o sr. Hans Peeten afirma que o ‘plantio direto era desconhecido neste mundo até 1960’. Puro engano. Esta técnica já era praticada pelos índios sul-americanos no plantio de milho... e sem herbicidas. O plantio direto ‘introduzido’ no Brasil após 1972 é apenas um pacote tecnológico.”

*Carlos A. Picinini  
Porto Alegre/RS.*

## Roda d'água rodou

“Li em sua edição **A Granja do Ano 1987/88** o artigo ‘Entra água, sai energia’, sobre a produção de energia utilizando pequenos cursos d'água, em propriedades rurais. Embora a roda d'água seja uma opção a ser levada em consideração, é já completamente obsoleta. O custo de uma roda d'água, computados todos os seus componentes, é muito alto. (...) Rodas d'água, por muito bem equilibradas que sejam, fabricadas com material não-encharcável, montadas sobre rolamentos, só oferecem um rendimento final de 25 por cento de potência (...). Qualquer turbina — logicamente fabricada por indústrias especializadas e com a assistência de técnicos — oferece rendimentos que variam de 36 por cento (para tipos mais rudimentares) a 80 por cento de rendimento final nos bornes do gerador em vazões e quedas mais consideráveis. Turbinas hidráulicas — em igualdade de padrões de rendimento potencial — custam aproximadamente o mesmo que as rodas, além de disporem de reguladores automáticos de rotação para controlar a variação da demanda, proporcionando uma corrente energética estável. Outra vantagem das turbinas hidrelétricas é que não precisam de operador permanente para o seu funcionamento. É necessário apenas uma lubrificação periódica — geralmente uma por mês. (...)”

*Elmir Monteiro  
Bauru/SP.*

## Eleições

“Temos a satisfação em participar-lhes a eleição da nova diretoria para o biênio 1987/1989 da Associação Brasileira de Criadores de Ile-de-France: Oscar Caleffi (presidente), Décio J. Cesar (vice-presidente), Renato Cauduro (1º secretário), Teófilo G. Garcia (2º secretário), Eliseu Ely Moraes (1º tesoureiro), Luiz Carlos V. Brum (2º tesoureiro) e João Carlos O. Giudice (diretor-técnico).”

*Oscar Caleffi  
Porto Alegre/RS.*

## Correções

\* Na edição de setembro, pág. 25, quem fala sobre a raça normando e aparece na foto, tomando chimarrão, é o conselheiro técnico da ANCN, José Luiz Castilhos, e não o 2º vice-presidente João Alberto Dutra Silveira.

\* Os fundadores do Frigorífico Ideal são: João Corso, José Zílio, Fioravante Cervieri, Miguel Soccol e Afonso Martinelli, e não Reynaldo Migliavacca, como foi publicado na pág. 3 da edição de outubro.

# EMERGÊNCIA

**SUA EMPRESA PRECISA DE ASSISTÊNCIA?  
NÃO ESPERE MAIS.**

- ★ Temos a melhor assistência médica para sua empresa.
- ★ Cuidamos de seu funcionário, preservando sua saúde para que ele tenha um bom rendimento em seu trabalho.

**NÃO PENSE MAIS.**

Faça um contato conosco.

A saúde de seu funcionário é a garantia do seu lucro.



**SERVIMED**

SERVICO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA LTDA

Av. Independência, 944 - Fones: 27-2666 - 24-3400 - Porto Alegre - RS

## Livros de veterinária

“Solicito-lhes uma listagem de obras na área de medicina veterinária.”

Afonso Heusser Júnior  
Balneário Camboriú/SC.

R — *Dirija-se às seguintes livrarias: Livraria e Editora Agropecuária Ltda. (Leal), na rua Pinheiro Machado, 234, CEP 90210, Porto Alegre/RS; Livraria Nobel, na rua da Balsa, 559, CEP 02910, São Paulo/SP; Livraria e Editora Hemus Ltda., rua da Glória, 312, CEP 01510, São Paulo/SP; Instituto Campineiro de Ensino Agrícola Ltda., rua Antônio Lapa, 78, CEP 13025, Campinas/SP; Livraria Veras Ltda., rua Silveira Martins, 70, 3º andar, CEP 01019, São Paulo/SP; e Livraria Mercado Aberto, rua Riachuelo, 1291, CEP 90010, Porto Alegre/RS.*

## Terneiro desmamado

“Ao ler a revista **A Granja** de junho, fiquei muito interessado na reportagem com o zootecnista Getúlio Villela, sobre ‘Desmame aos 90 dias’. Mas desejo outras informações, tais como: qual é o manejo dos bezerras antes e após os 90 dias de idade?; a alimentação apenas de forragens (braquiárias decumbens e humidícola) é suficiente para alimentação de bezerras?; este manejo se presta para animais leiteiros (mestiços holandês-gir)?; qual é o manejo de reprodução recomendado para os nelores, por exemplo?; qual é a lotação ideal do piquete de bezerras e sua localização adequada na propriedade?; qual o melhor tipo de bebedouro e comedouro?; como se comporta a fertilidade das matrizes alimentadas exclusivamente com forrageiras implantadas?”

Dickson Martins Rodrigues Júnior  
Goiania/GO.

R — Segundo Villela, o manejo anterior ao desmame se restringe unicamente à identificação dos bezerras que serão desmamados. Após o desmame, o passo mais cuidadoso é a everminação, realizada periodicamente a cada 30 ou, no máximo, 45 dias. Ele lembra que se houver disponibilidade de resíduos alimentares na propriedade, convém fornecê-los aos bezerras, salientando, entretanto, que isto não é fundamental. As experiências realizadas pelo zootecnista, com alimentação exclusiva em pastagens nativas, têm alcançado bons resultados. Com relação às braquiárias, Villela acredita que trata-se de uma boa forragem, porém, faz um alerta: a pastagem deve ser nova, ainda tenra, pois os bezerras não comerão pasto crestado, fibroso e velho. Da mesma maneira, ele entende que não há razão para

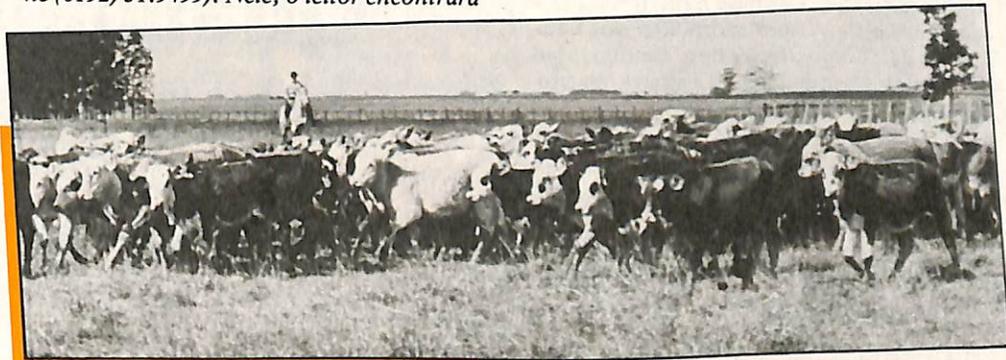
## Como melhorar o sítio

“Possuo um sítio de 210 hectares em Uberlândia/MG, onde tenho suinocultura com capacidade para 200 matrizes e também uma criação de vacas de leite. Em 1988, pretendo implantar um sistema de irrigação numa área de 30 hectares. O que vocês me sugerem para a realização de possíveis melhoras em meu sítio?”

Ademar de Paiva Neto  
Uberlândia/MG.

R — Em primeiro lugar, recomendamos que leia o livro “*Perspectivas da Pequena Propriedade Agrícola*”, de L. Hofstetter, editado pelo Instituto Campineiro de Ensino Agrícola (rua Antônio Lapa, 78, caixa postal 1148, CEP 13025, Campinas/SP, fone (0192) 51.9499). Nele, o leitor encontrará

boas sugestões de como aproveitar racionalmente seu sítio. Suas informações são pouco objetivas, e indicamos que se comunique com as seguintes entidades: CNPSA (Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves), na BR 153, km 110, caixa postal D-3, fone (0499) 44.0681, telex 49.2271, CEP 89700, Concórdia/SC, que pode lhe ajudar quanto à exploração suinícola; e ao CNPGL (Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite), na rodovia MG-133, km 42, fone (032) 212.8550, telex 32.2945, CEP 36155, Coronel Pacheco/MG. Quanto à irrigação, e dependendo da cultura, diversas edições de **A Granja** trataram da matéria nos últimos anos.



## Criação de caracóis

“Na edição de dezembro do ano passado, saiu uma reportagem muito interessante a respeito da criação de escargot. No entanto, gostaria de saber mais alguma coisa sobre esta atividade, assim como mercado existente, onde obter matrizes, tipo de instalações, bibliografia e endereço de associações e de criadores.”

Anderson Lima  
Rio Grande/RS.

“Solicito informações adicionais sobre a criação de escargot.”

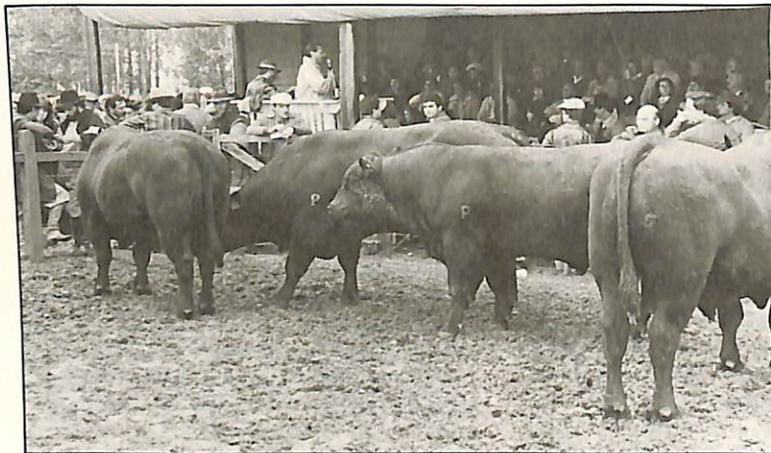
João Vianey Assis Cartaxo  
Salvador/BA.

R — Com relação a publicações, recomendamos o livro “*Criação de caracóis*”, de Jaceguay Ribas, editado pela Livraria Nobel (rua da Balsa, 559, CEP 02910, São Paulo/SP, fone (011) 857.9444). O próprio autor, também criador, pode fornecer outras informações e vender matrizes, no seguinte endereço: rua José R. de Macedo Jr., 19, Jardim Social, CEP 82500, Curitiba/PR, fone (041) 262.1664. Comercialização é assunto para o helicicultor João Pedro Griesbach (rua Utucura, 400, CEP 04950, São Paulo/SP, fone (011) 523.2828). Por fim, indicamos o endereço da Associação Brasileira dos Criadores de Caracol: rua Gláucio Bandeira, 1801, CEP 82000, Curitiba/PR, fone (041) 264.2223, que também pode ser útil.

**A** pesar das dificuldades do momento econômico, o Remate Cinco Estrelas da Cabanha Azul obteve preços médios considerados bons e acima dos praticados no mercado. Ao todo, foram movimentados Cz\$ 13 milhões 150 mil com a comercialização de 302 animais, sendo 138 touros e 49 ventres bovinos e 17 machos e 98 fêmeas ovinas. O remate da cabanha pertencente ao grupo Macedo, Linhares, Mascarenhas (MLM), realizado a 15 de outubro, mesmo com mau tempo levou cerca de 1.200 participantes à Estância São Pedro, em Uruguaiana/RS. Entre os presentes, criadores de diversos estados brasileiros e dos países do Prata. Antes do remate, dentro das comemorações dos 80 anos da Cabanha Azul, o ex-secretário da Agricultura e atual presidente da Federação dos Clubes de Integração e Troca de Experiências (Federacite) e da Associação Sulina dos Criadores de Búfalos (Ascribu), Getúlio Marcantonio, fez uma rápida palestra no próprio local da venda.

A comercialização foi comandada pelo escritório rural Irmãos Bastos Ltda., de Uruguaiana, com o trabalho dos leiloeiros Carlos Alberto Bastos e Vidal Faria Ferreira. O leilão foi considerado muito bom para os compradores, que tiveram a oportunidade de adquirir “produtos de luxo” que, mesmo acima do mercado, foram acessíveis, considerando a qualidade da oferta. No dia 20 de novembro, a Cabanha Azul fará novo remate, também na Estância São Pedro, quando estarão na pista os animais — bovinos e ovinos — que não puderam ser oferecidos no último leilão e mais a oferta normal da produção de campo.

**Competência** — O ex-secretário Getúlio Marcantonio, em sua breve palestra, após destacar o trabalho realizado por Lauro Dornelles Macedo, lembrou que a pecuária, ao contrário de outros ramos de atividades, é capaz de, a cada ano, produzir e renovar a



**Aberdeen-angus ficou com o maior preço**

## Qualidade de 80 anos vende bem

vida. Profundo conhecedor do setor, indagou “por que há mais de 50 anos o desfrute do rebanho gaúcho não ultrapassa os baixos níveis situados entre 11 e 12 por cento”. Classificou a Cabanha Azul, com seus 80 anos de performance, como “uma fonte cristalina da genética rio-grandense”. Resaltou que a competência é o único caminho capaz de livrar as propriedades rurais das invasões que vêm sendo promovidas pelos agricultores sem-terra. Marcantonio observou que “a realidade da pecuária gaúcha, infelizmente, está muito distante dos níveis alcançados pela Cabanha Azul”. O ex-secretário da Agricultura criticou o governo, “que a cada momento se afasta mais da pecuária”, e defendeu a necessidade de programas oficiais de desenvolvimento do se-

tor. Crítico do conservadorismo dos pecuaristas, sentenciou: “quem não mudar, pode ser mudado”.

**Resultados** — O remate registrou as seguintes médias: touros aberdeen-angus PO — Cz\$ 96.900,00; touros aberdeen-angus tatuados “CA” — Cz\$ 62.100,00; touros hereford PO — Cz\$ 73.400,00; touros hereford “H” — Cz\$ 56 mil; touros devon PO — Cz\$ 63.500,00; touros devon tatuados — Cz\$ 68.800,00; vacas aberdeen-angus PO — Cz\$ 60.100,00; vacas hereford PO — Cz\$ 37.800,00; vacas hereford tatuadas “H” — Cz\$ 27.500,00; vacas devon PO — Cz\$ 43.100,00; vacas devon tatuadas “D” — Cz\$ 28.500,00.

Os borregos corriedale PP chegaram a Cz\$ 55 mil; borregos corriedale tatuados “SO” — Cz\$ 10 mil; borregas corriedale PP — Cz\$ 12 mil; borregas corriedale “SO” de campo — Cz\$ 3 mil; borregas corriedale tatuadas “RD” de campo — Cz\$ 2 mil; borregos merino australiano PP — Cz\$ 27 mil; carneiros merino australiano PP — Cz\$ 63.300,00; borregos merino australiano tatuados “SO” — Cz\$ 16.200,00; carneiros merino australiano tatuados “SO” de campo — Cz\$ 7 mil; e borregas merino australiano PP — Cz\$ 6.700,00.

O principal destaque do remate ficou com um touro aberdeen-angus PO adquirido por Cz\$ 310 mil, por Leonildo Potter, de Dom Pedrito/RS. Os compradores contaram com 20 por cento de desconto para os pagamentos feitos até 20 de outubro; prazo de 30 dias com 10 por cento de desconto; 60 dias sem juros ou correção monetária ou ainda uma entrada e mais quatro vezes, sem juros ou correção monetária. □

### MÉDIAS



□ O 3º Leilão Internacional da GR de Nelore Mocho, realizado em Presidente Prudente/SP, no final do mês passado, vendeu 75 animais, com um total de Cz\$ 14,128 milhões e médias gerais de Cz\$ 188.373,33. As 38 fêmeas alcançaram um total de Cz\$ 7,232 milhões, com médias de Cz\$ 190.315,79, ao passo que os 37 machos chegaram ao total de Cz\$ 6,896 milhões, com médias de Cz\$ 186.378,38. O maior comprador do leilão foi a Fazenda Veraneio Agropecuária Ltda., com Cz\$ 2,640 milhões, seguida pelo pecuarista José Marques Pinto de Rezende, com Cz\$ 1,888 milhão.

□ Com 104 animais vendidos, o 9º Leilão Curral de Cima, no município de Igreja Nova/AL, no mês passado, alcançou um total de Cz\$ 15,672 milhões. A fêmea mangalarga marchador “Opção da Sedução”, de nove meses, foi o animal mais caro, vendida por Pedro Luciano Balbi de Queirós para a Companhia Agropecuária Vale do Ribeirão por Cz\$ 1,2 milhão. As médias gerais foram de Cz\$ 150 mil, para uma oferta de 26 marchadores, 12 quartos-de-milha, quatro appaloosas, um árabe, quatro piquiras, um jumento pêga, 12 ovelhas santa inês, 21 nelores, 15 guzerás e oito zebus gir. O maior comprador do leilão foi a Agropecuária Vale do Ribeirão, com Cz\$ 1,2 milhão, enquanto que o maior vendedor foi Carlos Fernando Villas Coutinho, com Cz\$ 6,816 milhões.

# A FORÇA DA FAMÍLIA.



É uma família numerosa: 24 modelos de tratores, cada um com seu jeito, sua personalidade, para você encontrar sempre o parceiro ideal para o trabalho na sua propriedade.

Uma coisa eles têm em comum: a força. E muita raça, para enfrentar um dia-dia que você, melhor que ninguém, sabe que não é fácil.

Para isso, eles nascem com a herança que só a família Massey Ferguson pode oferecer. A enorme experiência. A tecnologia mais avan-

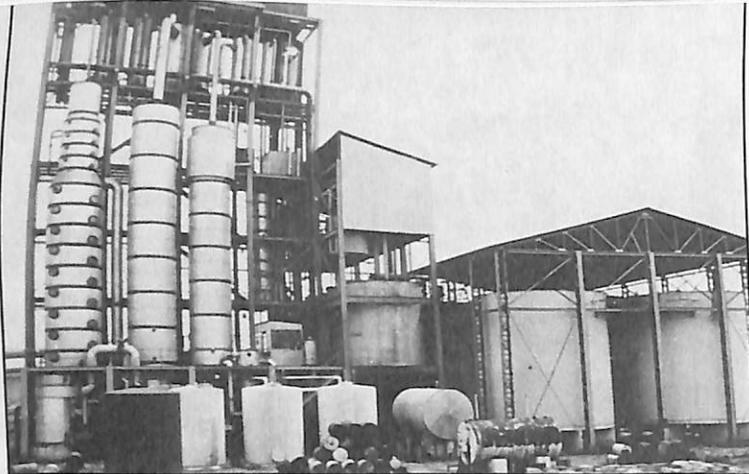
**MF**  
**Massey Ferguson**

çada e confiável. A eficiência da maior rede de assistência técnica, sempre a postos, sabendo o quanto é importante o máximo em desempenho pelo máximo de tempo.

Por isso, você olha em volta, olha para seus vizinhos, para a sua região, e vai ver que os tratores Massey Ferguson são os líderes da nossa terra, com metade da frota nacional.

Na hora de escolher, fique com Massey Ferguson.

**A FORÇA DA FAMÍLIA.**

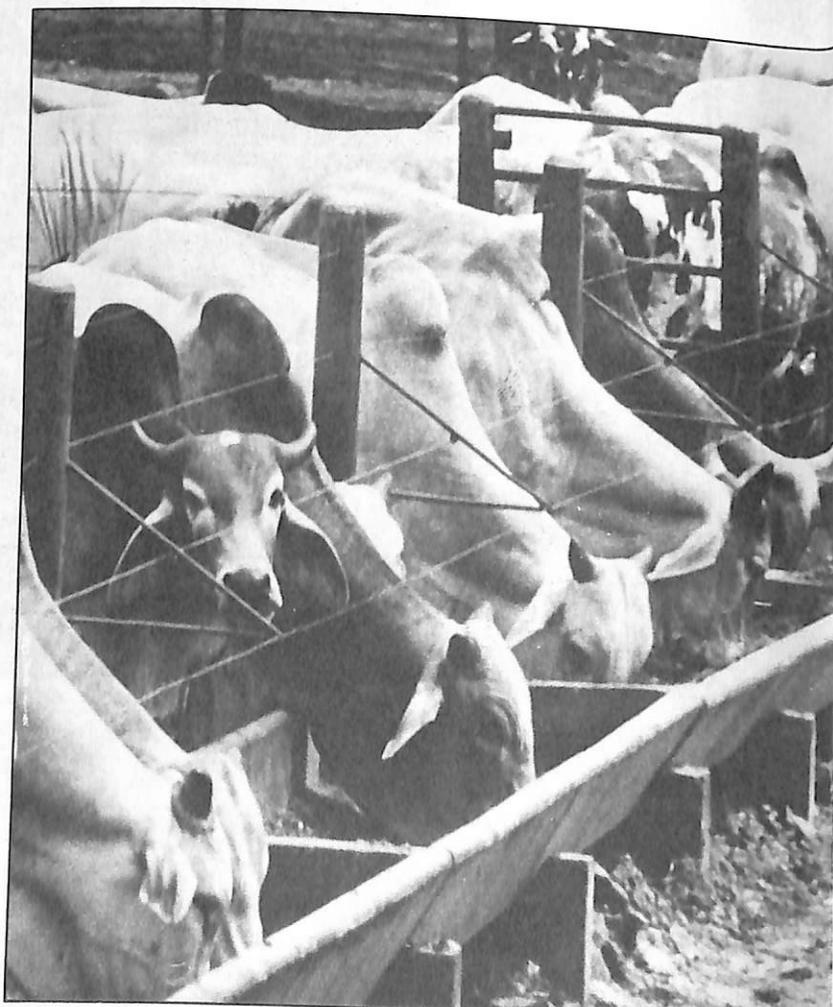


# Porque o Paraná é especial

O Paraná é mesmo especial: nem a crise que nunca se viu tão grande impediu que os produtores do estado tenham colhido um quarto dos grãos plantados no País. Bom exemplo é o trigo, eterno peso da balança de importações, que os paranaenses sozinhos plantam e colhem 60% da produção nacional. Esta safra, diga-se de passagem, com área menor e produtividade maior (de 1.510kg/ha em 1986 para 1.800kg/ha). Os números das safras confirmam o poderio estadual no setor primário, e apontam um dado concreto: o Paraná mantém-se como grande produtor de alimentos — informação importante dentro do quadro de um País caracterizado por altos e baixos. Esta estabilidade, que **A Granja** vem constatando em levantamentos anuais, desde 1983, passa agora a ser acompanhada do verdadeiro termômetro do desenvolvimento — a produtividade. Produzindo mais e mais sem fronteiras agrícolas horizontais, está provado que começou o crescimento vertical, que tem raiz na tradição e na tecnologia.

Na pecuária, que se cuidem paulistas e gaúchos, pois os paranaenses começaram a integrar o gado europeu do sul com o zebu do norte do estado, e hoje o sétimo rebanho bovino brasileiro está em quarto lugar na produção de carne. É a produtividade, novamente. No entanto, o setor é o que mais problemas tem, sintetizados no desespero de suinocultores e avicultores, cujos prejuízos seguramente comprometem o futuro das duas atividades.

Por fim, ressalta-se a contribuição das autoridades paranaenses ao processo de desenvolvimento agropecuário, e agroindustrial do Paraná, não só no restabelecimento da confiança dos governados nos governantes, como na planificação dos setores de produção — de que o Paraná Rural é um legítimo exemplo.

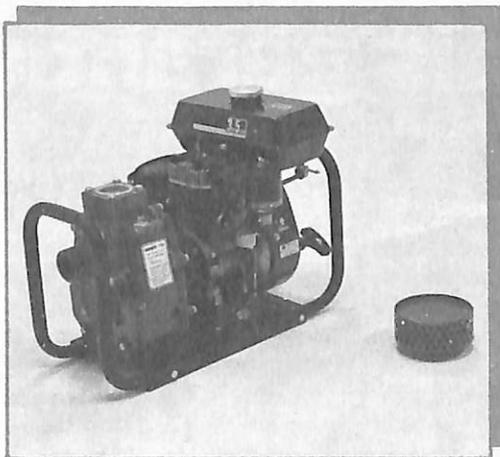




**BRANCO**

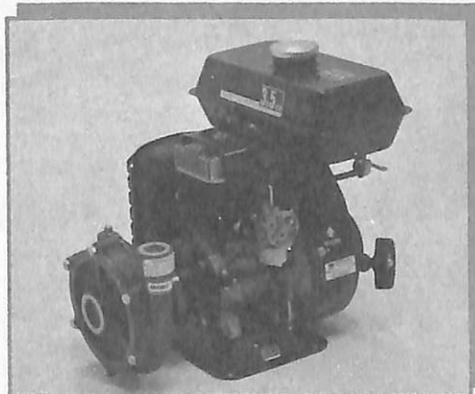
**MOTOBOMBAS** • 710  
• 715

**Produtividade e Economia Acima de Tudo!!!**



A Motobomba que dá tudo de si para auxiliar o homem do campo no trabalho do dia-a-dia.

Este é o ponto alto das Motobombas 710 e 715 Branco



- Abastecimento de água
- Irrigação
- Pulverização de Animais
- Limpeza de Máquinas e Implementos Agrícolas

**INTERMOTOR**

Alameda Arpo, 750 - Fone: (041) 282-4142  
Telex (41) 2182 IIMO  
83.100 - SÃO JOSÉ DOS PINHAIS - PARANÁ

## Trigo

*O super-herói da lavoura paranaense superou-se: deu mais grão em menos espaço*

# O pão nosso cada vez mais garantido

**P**rincipal produtor brasileiro de trigo, o Paraná encerra sua colheita com uma excelente perspectiva: de três a 3,1 milhões de toneladas, ou cerca de 60 por cento da produção de todo País. E mais ainda: a produtividade da lavoura tritícola voltou a subir, pois mesmo com uma área plantada menor que a do ano passado (1,7 milhão de hectares este ano contra 1,953 milhão em 86) o rendimento médio pulou de 1.510 quilos/ha para pouco mais de 1.800 quilos/ha.

Esta verdadeira supersafra tritícola confirma a tendência dos últimos três anos, garantindo ao cereal o posto de mais importante produto agrícola esta-

dual. Altamente tecnificada, a lavoura de trigo do Paraná encontra concorrência apenas com a soja, sua sucedânea de verão, que apresenta preços mais remuneradores por causa de seu vínculo com o mercado internacional. De qualquer forma, nunca se arrancou tanto trigo do território paranaense (ver tabela), com boas perspectivas de incremento, a partir do desenvolvimento dos moinhos coloniais e de uma pesquisa que possibilite cultivares mais adaptados e mais resistentes. Antes de 1985, os produtores praticamente não se preocupavam com as culturas de inverno, plantando trigo apenas por plantar. As boas condições climáticas e ▷

# Carreteiro não encobre. Cobre.

## Faça chuva ou faça sol.



A Lona Carreteiro 105 é mais que 100%.

Ela garante cobertura total para o seu investimento no campo, na cidade, onde quer que seja. Carreteiro tem um milhão de utilidades. Ela é assim: você usa, puxa, estica, dobra, guarda, usa de novo, guarda mesmo molhada que ela não mofa, nem apodrece. A danada é boa até debaixo d'água.

Super leve e super resistente, a Lona Carreteiro 105 protege todo tipo de máquina, trator, colheitadeira, faz silo-trincheira e guarda as safras com maior segurança.

Lona  
**Carreteiro**  
105

EXCLUSIVOS ILHOSES  
PLÁSTICOS DE  
METRO EM METRO.



Fabricada com alta tecnologia, é a mais leve e mais resistente do mercado, facilitando seu manuseio. Agora, para facilitar a amarração, Carreteiro vem com exclusivos ilhoses plásticos de metro em metro.

Um produto Itap.



## itap s.a.

Av. Marechal Mário Guedes, 77 - Jaguaré - São Paulo - SP - CEP 05348  
Tel.: (011) 268-2122 - End. Teleg. Plastitec - Telex (011) 24949 - 24808

FILIAIS: Rio de Janeiro - RJ: Av. Augusto Severo, 156 - S/104 - Lapa -  
Tel.: (021) 221-2728 - Telex (021) 22243 - Belo Horizonte - MG: Rua Matias  
Cardoso, 11 - C/204 - Tel.: (031) 335-0043 - Telex (031) 1533 -  
Cambé - PR: Rod. BR-369, km 158 - Tel.: (0432) 53-1144 - Telex (0432) 337  
Aratú - BA: Av. Periférica, 4312 - Tel.: (071) 594-8677 - Telex (071) 2385

Contato



Scanagatta: agricultor muito pacífico

a tecnologia empurraram a cultura para a frente.

**Os problemas do ano** — O sucesso do trigo está intimamente ligado às condições tecnológicas utilizadas na lavoura. Cultura tida como sensível, ele depende fundamentalmente das condições climáticas, e qualquer oscilação mais brusca pode afetar seu desempenho. Além disso, o trigo é muito exigente em nutrientes e possui a indesejável capacidade de acumular doenças ao longo das gerações. Esta sensibilidade foi responsável, por exemplo, por dois problemas que contribuíram para que a safra de trigo paranaense não fosse ainda melhor: uma seca de aproximadamente 60 dias, sobretudo nas regiões central e oeste, as mais produtoras; e um surpreendente ataque de brusone nas lavouras da região norte.

Migrando das lavouras do Mato Grosso do Sul, o fungo da brusone (comum no arroz mas um novato em trigo) se fixou no norte do Paraná, causando sérios prejuízos aos triticultores. Com uma especial predileção pelas variedades mexicanas anahuac e cocoraque, ele permanece na palha até o próximo ano, aguardando o momento certo para voltar ao ataque. Essa capacidade de dormência transforma a brusone em inimigo número um do plantio direto — a técnica de cultivo que mantém a resteva para proteger e melhorar a fertilidade do solo, justamente apontada como uma das mais importantes contribuições para o bom desempenho da agricultura estadual.

Sem um método de combate conhecido até agora, a brusone promete incomodar, e a saída se restringe à rota-

ção de culturas e de variedades. Isto implicará, possivelmente, numa diminuição de produtividade da região norte, pois as variedades mexicanas são as que melhores resultados apresentam em solos com alto teor de alumínio. Nas regiões central, sul e oeste, onde predominam cultivares como o Iapar 6 — tapejara e IAC 5 — maringá, a brusone não se manifestou, mas aí foram as complicações meteorológicas que tiraram o sono dos produtores. Quem plantou no tarde, amargou uma estiagem de agosto a meados de outubro, além de enfrentar uma crônica incidência de mal-do-pé. Para evitar a doença, os produtores só têm uma alternativa: fazer a rotação de culturas. E já existe um campeão em preferência: o triticales, que somente na região de Cascavel teve um aumento de 385 por cento na área plantada. Foram 6.827 hectares de triticales, prometendo um rendimento médio de 1.980 quilos/ha, maior que o obtido com trigo.

**Triticales resistente** — Um dos produtores que optou pelo triticales foi Danilo Domingos Scanagatta, da Fazenda Três Pinheiros, em Cascavel. Nos 298 hectares da fazenda, Scanagatta plantou 62 hectares de triticales contra 52 de trigo. Nesta última cultura, ele colheu 1.958 quilos/ha, enquanto que no triticales, ainda não colhido, estimava um rendimento de no mínimo 2.100 quilos/ha. Mesmo reconhecendo os bons resultados com o trigo (“foi um ano bom para o trigo aqui em Cascavel”), Scanagatta mostrou-se entusiasmado com o triticales: “É mais resistente às doenças”, afirmou, “e não precisa fazer as duas aplicações de fungicidas como no trigo. Este ano, eu não tive problemas de doença com o trigo, mas não é fácil cultivá-lo aqui em Cascavel, pois sempre aparece alguma septória, ferrugem ou oídio, em função das oscilações climáticas”.

Seu entusiasmo com o triticales, no entanto, está diretamente ligado à política agrícola para a cultura. “Infeliz-

mente”, reclama o agricultor, “o governo não vai mais incentivar o triticales no ano que vem, e estamos esperando uma grande redução na área plantada. Se o triticales tiver seu preço mínimo reduzido aos níveis do milho, por exemplo, eu serei o primeiro a não plantar mais. Vou fazer pastagens para o gado”, acrescenta Scanagatta.

Dono de um eficiente sistema de rotação de culturas, que alterna milho e soja no verão, e trigo, triticales e aveia, no inverno, Scanagatta soma-se aos milhares de agricultores paranaenses que, desestimulados com a política agrícola de preços mínimos, começa a investir mais em pecuária. Este ano, ele plantou 72 hectares de aveia para fazer feno e pastoreio do gado. “Por enquanto”, conta ele, “tenho 200 cabeças de holandês vermelho e branco, das quais 75 são vacas produzindo leite. Mas estou propenso a entrar no gado de corte. Só não entrei ainda porque creio que se precisa de mais área”.

Além da rotação, Scanagatta se preocupa também com a conservação dos solos e seu desgaste. Há três anos, ele faz um acompanhamento pluviométrico, “para conhecer melhor as flutuações do clima regional”, e se empenha em um esmerado sistema de proteção de solos, que inclui desde o plantio direto (adotado há sete anos), frequentes correções (este ano, ele aplicou gesso, numa proporção de 1,5 tonelada/ha) e a construção de curvas de nível em toda a propriedade. “Eu sempre achei que se deve conservar o que se tem, e nunca mais fizemos queimadas”, sustenta ele, um antigo madeireiro da região. “Não sacrificando a terra, ela produz”, sentencia o produtor. “Antes, tínhamos muita erosão e por isso destruimos os murunduns, botamos bastante esterco de galinha onde eles estavam (cerca de três toneladas por hectare) e transformamos tudo em curvas de nível mais elevadas”. Ao mesmo tempo, Scanagatta adota um rigoroso manejo de pragas, principalmente na soja, onde elas são mais frequentes. “Eu resisto até o último minuto na hora de aplicar lagartidas, só usando em casos extremos, e mesmo assim, aplico inseticidas mais leves, menos tóxicos e menos poluentes”, afirma ele, salientando que só é preciso combater nas manchas “para não botar dinheiro fora”. No ano passado, o agricultor usou baculovírus para combater a lagarta-da-soja e obteve bons resultados. Desta vez, ele espera que não haja a ocorrência de lagartas e percejejos. “E se não houver seca em ja-

Desempenho do trigo no Paraná (81/87)			
Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
81	785.000	915.000	1.165
82	1.175.000	1.025.000	872
83	898.265	1.066.000	1.187
84	829.211	1.113.009	1.342
85	1.295.548	2.696.023	2.085
86	1.953.000	2.950.000	1.510
87*	1.700.000	3.100.000	1.800

Fonte: IBGE, Seab-Deral — \* estimativa

neiro, espero colher de 90 a 100 sacos por alqueire, ou 2.355 quilos por hectare, numa área total que deve chegar a 250 hectares”.

Sobre seu desempenho na oleaginosa, que cultiva desde 1971, ele informa que a melhor época foi em 75/76, “quando os preços eram melhores, existia dinheiro suficiente e os juros eram realistas. Hoje”, continua, “estamos vivendo o pior momento da agricultura. Por exemplo: comprei uma colhedeira em cinco de setembro do ano passado e fiquei devendo Cz\$ 302 mil ao banco, com um prazo de sete anos para o vencimento, com juros que seriam de 12 por cento ao ano; hoje, aquela quantia está em Cz\$ 1,132 milhão, fora os juros. Por isso, quando dizem que a agricultura vai de vento em popa, eu afirmo que vai de vento em popa para o barro. Por causa destas coisas é que nossa agricultura não deixa resultado que dê sequer para a sobrevivência. Se não mudar, o agricultor vai quebrar e passar para a pecuária ou para outros setores”.

Suas reclamações vão além. Preocupado com o endividamento do setor, ele lembra que se tivesse comprado dois tratores para manter a renovação



**Mariotto e d. Izallina: terra cansada**

da frota (quatro tratores, três colhedei-ras, um caminhão e uma série de carretas agrícolas), “teria que vender alguma coisa para pagar as contas”. No trigo, exemplifica o produtor, “o governo estimulou a produção e depois, ao parcelar o pagamento, desestimulou. Ora, com esta falta de segurança, não se pode trabalhar”. E comentou, com indignação: “que culpa temos nós, agricultores, se fizemos financiamentos sem saber que se tratava de dinheiro estrangeiro? Acho mesmo que o agricultor é muito pacífico; ele deveria ser mais agressivo na busca de suas rei-

vindicações. Só assim conseguiríamos preços mínimos justos e mais tranquilidade para produzir”.

**O juro acaba com tudo** — “O que acaba com a lavoura são os juros. A gente financia Cz\$ 100 mil e quando vai pagar é Cz\$ 200 mil. Isto é uma vergonha”, declarou indignado o tricultor José Mariotto, 77 anos, da Fazenda São José, em Cascavel. Paulista de Chavantes, há 25 anos no oeste do Paraná, pelo terceiro ano consecutivo Mariotto entregará a produção para o Proagro (seguro agrícola vinculado ao financiamento), uma vez que foi atingido pela estiagem que se abateu sobre a região. Dos 170 hectares da São José, 145 foram ocupados com trigo da variedade anahuac, e o restante são pastagens, com destaque para a estrela-africana, onde pastam 10 cabeças de holandeses e 65 de gado geral.

Além disso, Mariotto mantém uma reserva de 14,5 hectares de matas virgens que, como informa, está guardando para os netos e bisnetos. No entanto, apesar dos problemas com uma lavoura que insiste em render menos de 1.200 quilos/ha, quando o normal seria render pelo menos a média regio-▷

# Ideal. A máquina pra quem não sabe perder.



**Quem tem uma Ideal só entra em campo pra ganhar.**

Ela tem um exclusivo sistema de retrilha independente que proporciona grãos mais perfeitos.

A Ideal também sai ganhando no descarregamento.

O tubo é horizontal, com maior altura, que descarrega os grãos em carretas de grande porte em qualquer posição.

Conheça a Ideal no seu revendedor. Ou procure saber a opinião de quem já tem uma.

É bom conversar com quem está acostumado a ganhar sempre.



**INDÚSTRIA  
DE MÁQUINAS  
AGRÍCOLAS  
IDEAL S.A.**

Rodovia RS 344 - Km 1  
Caixa Postal 68 - 98900  
Santa Rosa - RS - Brasil

nal, que é de 1.735 quilos/ha, Mariotto afirma que "vale a pena plantar trigo; disso eu tenho certeza". Acontece que, junto com a seca, a lavoura do agricultor sofreu de um outro mal: o esgotamento do solo, devido ao excessivo e continuado cultivo de trigo e soja. Com problemas de descapitalização, o agricultor nem se lembra da última vez que aplicou calcário na terra. "Só sei que naquele ano veio uma chuva e levou todo o calcário", revelou ele, "e a terra vai cansando. Não tive nem erva, nem nenhuma doença no trigo e nem formiga existe por aqui", relata, "mas plantei muito tarde". Aliás, no seu entender, estes são os segredos da agricultura: usar mais adubo e plantar no tempo certo.

Para contornar a situação, o produtor concorda que não pode parar de produzir. Pelo contrário. "O que se deve fazer é melhorar a terra, e quem tem que fazer estas melhoras é a gente mesmo". Foi pensando nisto que ele parou de praticar a queimada das restes e também se obstinou em construir curvas de nível protegidas por milho em toda a propriedade, controlando uma erosão que o perseguiu vários anos. □

## BEZERROS QUADRIGÊMEOS

Para se obter quatro bezerros por vaca **NELORE** ou em outras raças, não é preciso esperar nascer quadrigêmeos. Basta aplicar a mais avançada tecnologia de criação que é o **SISTEMA INTEGRADO PRECOCHO/RUMEVITA/ATIBION-H**. Com ele você vai obter quatro bezerros por vaca, enquanto hoje no mesmo período você obtém de dois a três bezerros no máximo. Solicite informações técnicas ao fabricante.

**L. AMORIM JABOTICABAL**  
Ind. e Com. de Medicamentos e Equipamentos Veterinários

**RUMEVITA**<sup>®</sup>  
L. Amorim

### MATRIZ:

Av. Major Hilário Tavares Pinheiro, 3277  
Fones: (0163) 22.4850, 22.4636 e 22.4544  
Caixa Postal 182 - CEP 14870 - Jaboticabal/SP

### FILIAL:

Rua Alagoas, 1081  
CEP 79100 - Campo Grande/MS

## Soja

*Produtividade já é a maior do País, e a área plantada aumenta às custas do milho*

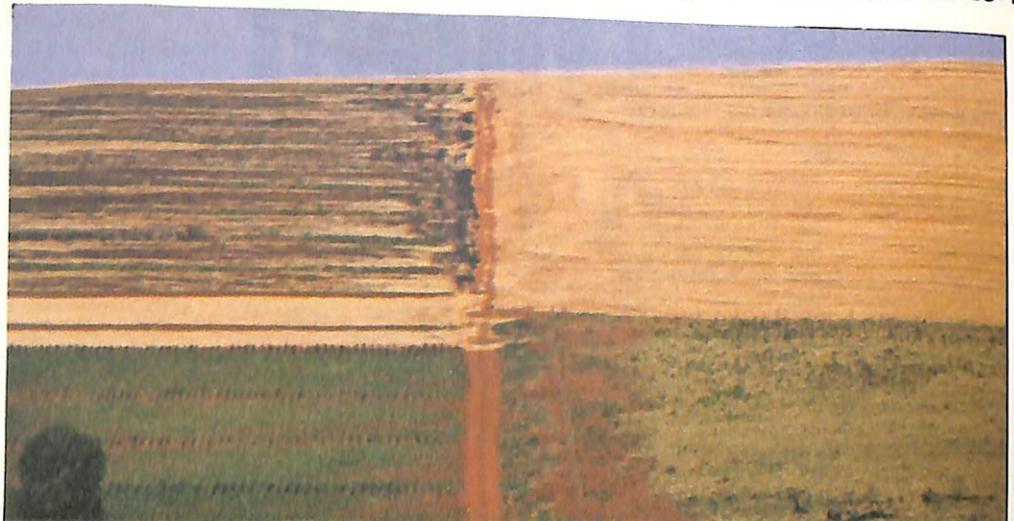
# O grão do lucro está sempre bem

**D**epois do susto de 1986, quando uma desastrosa seca de verão arrasou 395 mil hectares, e do desestímulo deste ano, quando o milho foi um forte concorrente, a lavoura paranaense de soja promete retomar seu crescimento, devendo produzir cerca de 4,2 milhões de toneladas em 1988. Ou seja, após dois anos de adversidades, haverá um incremento real de 61 por cento na produção da oleaginosa. Só da safra 87 para a próxima, o aumento será de aproximadamente 15,2 por cento, através de um rendimento médio de 2.058 quilos por hectare.

Acontece que, se o verão ajudar, não sendo seco demais, os sojicultores do Paraná plantarão 2,04 milhões de hectares, atraídos pelas boas perspectivas de comercialização do mercado mundial. Com isto, o estado segue mantendo o segundo lugar na produção nacional de soja, só perdendo para o Rio Grande do Sul. Nesta safra, a produção gaúcha foi de cinco milhões de toneladas, para uma área plantada de 3,160 milhões de hectares. A questão da disputa interestadual é uma questão

tecnológica, pois a lavoura gaúcha rende modestos 1.580 quilos por hectare, contra o desempenho paranaense acostumado a produzir por volta de dois mil quilos/hectare.

**A hora da vingança** — No ano passado, atendendo a um chamamento do governo, os agricultores paranaenses plantaram 2,873 milhões de hectares de milho, produzindo 7,6 milhões de toneladas. Um recorde estadual e nacional difícil de ser repetido com tanto afinco e dedicação. Na hora da comercialização, entretanto, as baixas cotações do grão deixaram um gosto amargo na boca dos produtores. Quando começavam a preparar a lavoura para 1988, o governo federal mudou as regras do jogo, estipulando um preço mínimo que ficou abaixo da expectativa e criou um deságio para vigorar na época da colheita. A resposta foi imediata: redução da área do milho em torno de 13 a 16 por cento. Justamente neste espaço cedido pelo grão verde-amarelo é que a lavoura de soja vai expandir-se, num comportamento que chega a lembrar uma vingança. Com o nível tecno- ▷



Queimada (E) e plantio direto: neste, a fertilidade do solo é maior e soja rende mais

# As águas vão rolar.

Standard



## Tudo bem, tem Lonaleve.

Lonaleve é a melhor alternativa para a proteção na agricultura e construção civil. É só cobrir com Lonaleve que fica tudo protegido.

Lonaleve é mais leve e versátil que as lonas de algodão e mais resistente que os filmes plásticos, durando muito mais tempo.

Seu manuseio é fácil e muito prático. Depois de usar pode ser guardada até molhada: ela nunca mofa.

Quem dá toda esta cobertura é a Alpargatas.

E deixa as águas rolar.

 **lonaleve**  
Cobre mais e custa menos.



# ANTENAS PARABÓLICAS

## VOCÊ AINDA NÃO TEM A SUA PORQUE AINDA NÃO SABE

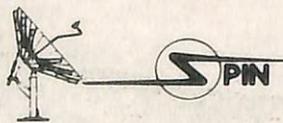
As Antenas Parabólicas Spin, não são mais o privilégio de poucos. Elas chegaram para facilitar a sua vida. Esteja você onde estiver, através de um sistema via satélite Spin, vai ter **imagem perfeita** em todos os canais que operam com satélite no Brasil e no exterior.

Hoje, com o custo bastante acessível, as parabólicas Spin já fazem parte da paisagem brasileira, mesmo nos lugares mais distantes, como sua propriedade.

No sistema mais simples (Brasilsat), você vai assistir as seguintes redes de TV: Globo, Manchete, Bandeirantes, SBT e Embratel.

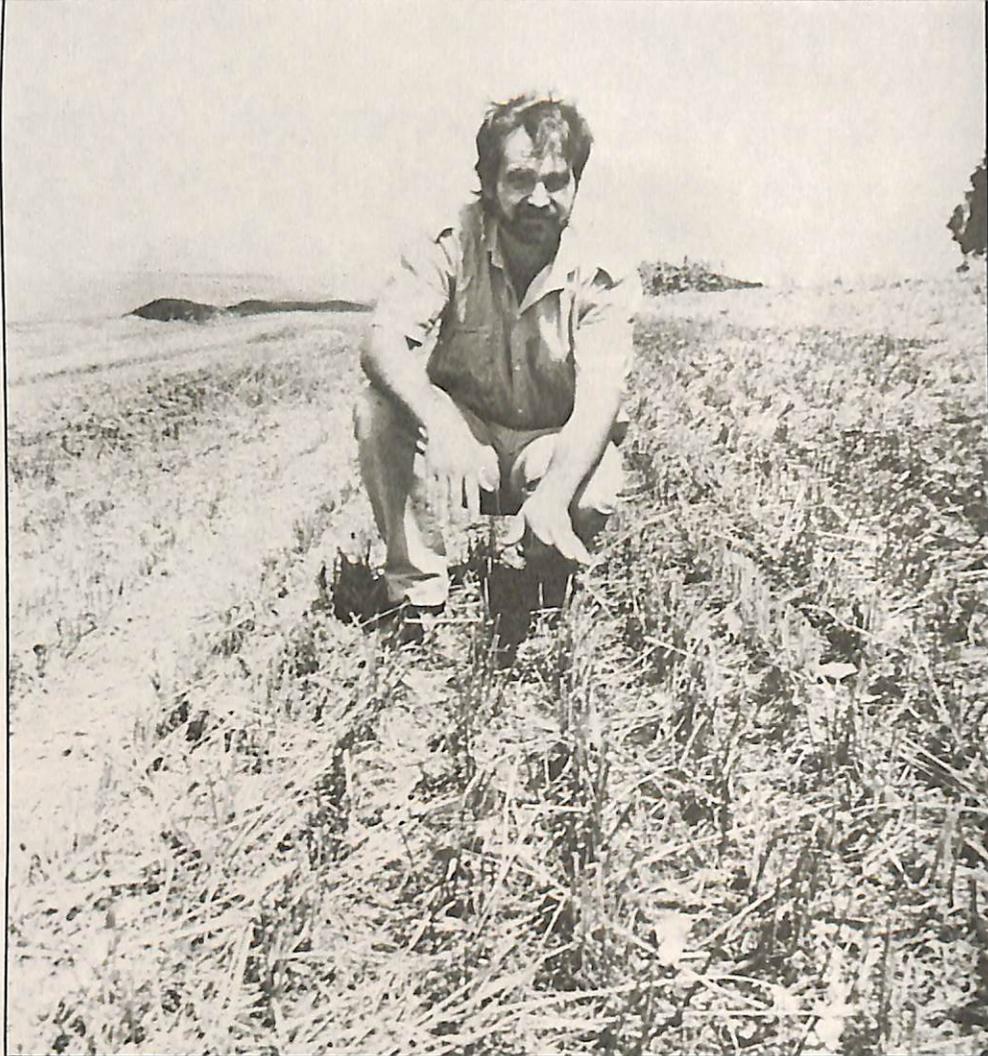
No sistema internacional, você vai assistir programas do exterior através do Intelsat.

Fique ligado no mundo de hoje. Solicite um representante Spin.



Ind. e Com. de Eletrônica Ltda.  
Rua Ouricuri 71 Ramos — RJ  
Rio de Janeiro

Tels. 290-0398/ 270-6737  
**FUEGO — Ind. e Com. Ltda.**  
Distribuidor Autorizado



### Bognar e o segredo de quem planta 2.250ha: investir em tecnologia

lógico dos produtores paranaenses, sobretudo os médios e grandes, a passagem do milho para a soja é uma travessia relativamente fácil.

“O segredo é investir em tecnologia. Quem não aplica em tecnologia, não produz; quem aplica, pode não produzir no primeiro ano, mas depois produz”, afirma o agrônomo Valdomiro Bognar, há oito anos administrador da Agropecuária Ipê S/C Ltda., que produz sementes certificadas e fiscalizadas com a marca “Mourão”. Ao prever esta tendência do mercado, o grupo parou de plantar milho há dois anos e passou a se dedicar à produção de sementes, um insumo básico dentro das conquistas tecnológicas dos produtores paranaenses. Hoje, nas três fazendas que possui (Rio Sem Passo, Carinthia e Recorde), todas em Campo Mourão, no centro-oeste do estado, a Agropecuária Ipê exibe um retrospecto invejável: 2.275 hectares de área plantada, de um total de 2.578 hectares. Somadas as áreas utilizadas com soja nas três propriedades, chega-se a 2.250 hectares, que rendem **uma média de 100 mil sa-**

cos, ou seis mil toneladas de sementes, com uma produtividade de 2.670 quilos/ha.

“A época da agricultura para aventureiros já passou”, empolga-se Bognar, “e hoje não tenho mais medo de não produzir no ano que vem”. Auxiliado por um exército de funcionários (só na Carinthia são oito famílias fixas) e um bem-estruturado parque de máquinas (15 colhedoras, 17 tratores, 10 semeadeiras de plantio direto, três caminhões-contêineres, duas carretas, um caminhão e várias camionetes), o agrônomo é responsável por um eficiente sistema produtivo, assentado no plantio direto em 100 por cento da área cultivada, há cinco anos consecutivos. “Mas só o plantio não chega”, lembra ele, “e nosso manejo inclui todas as técnicas de adubação, correção dos solos, controle de ervas daninhas e a associação da época certa de plantio com as variedades corretas”. Além disso, as fazendas possuem curvas de nível em toda a sua extensão, seguindo os contornos das microbacias internas. “Com este sistema, a erosão é zero”, revela Bognar, “pois nos desníveis das divisas existem caixas de retenção e murunduns que impedem o escoamento da água”.

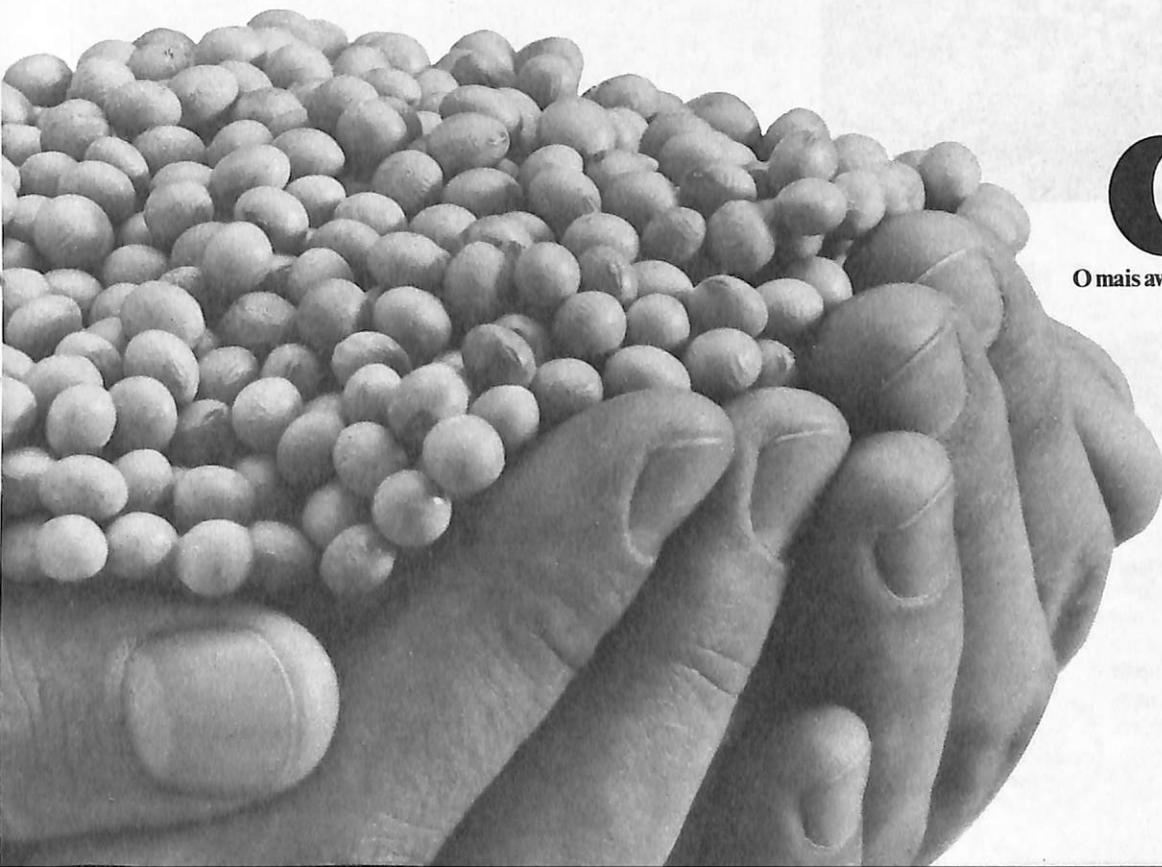
# Seja você também um cobra da soja.

Na safra passada, cerca de seis mil agricultores de todo o país ficaram com Cobra, um avançado herbicida que controla sozinho importantes invasoras de folhas largas da soja, tais como o Picão Preto, Leiteiro, Caruru, Trapoeraba, Guanxuma, Joá, Erva Quente e Carrapicho Rasteiro. E sabe o que aconteceu? Eles ganharam muito com isso.

Porque Cobra provou, pelo segundo ano consecutivo, que é realmente eficaz, proporcionando uma produtividade mais do que excelente. Quem escolheu Cobra ficou com um herbicida que permite rotação com qualquer cultura e que aplicado até meia hora antes da chuva não perde o efeito. E também fez muita economia, pois Cobra dispensa misturas e, por ser pós-emergente, possibilita aplicações somente nas áreas infestadas.

Na próxima safra, seja você também um cobra da soja. Use Cobra e tenha uma produtividade cheia de lucros.

Saldiva



**COBRA**<sup>®</sup>  
HERBICIDA

O mais avançado pós-emergente da agricultura moderna.



Com a segurança

**Hoechst** 



**Menos compactação** — Da mesma forma, uma prática cultura da lavoura de soja administrada por ele tem apresentado resultados tão favoráveis que começa a ser comum na região: as linhas fixas de pulverização. Conforme Bogнар, trata-se de uma medida racional e simples, que consiste no deslocamento dos tratores em faixas fixas da lavoura, evitando o desperdício de produtos e combustível e diminuindo a compactação do solo. “Medimos a barra de pulverização”, explica, “e estabelecemos as linhas de 17 em 17 metros, e quando precisamos aplicar algum produto até a soja ter 60 dias usamos somente estes caminhos”. Depois, outras pulverizações serão feitas de avião, se houver necessidade.

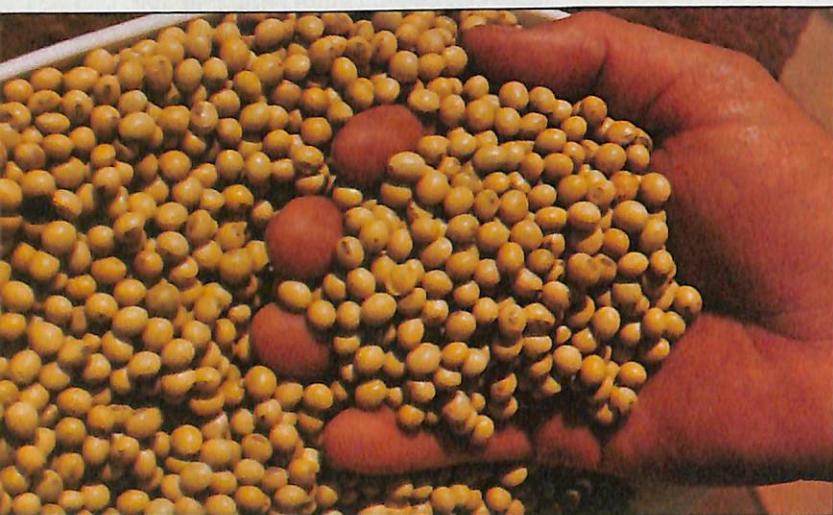
Trabalhando com os cultivares IAS-5, bragg, BR-6, davis, paraná, bosier, primavera e outros, a Agropecuária Ipê enfrenta os mesmos problemas que seus compradores: custos da produção muito altos em relação ao preço de comercialização. “O custo da semente certificada e fiscalizada está muito pa-

recido com o custo do grão”, informa ele, “e o que pode baratear a lavoura é a redução dos seus custos de manutenção; ou seja, usar menos herbicidas, porque a semente está barata demais”. Analisando o fato, o agrônomo explica que gasta energia, sacaria, embalagem, mão-de-obra, insumos e tempo como qualquer produtor de grãos, e também um pouco mais, para garantir a qualidade das sementes que vende. “Hoje, o preço do saco de grão está por volta de Cz\$ 620,00 (preço-dia da Coamo — Cooperativa Agropecuária Mourãoense Ltda, em meados de outubro); o saco de semente de soja é vendido por Cz\$ 670,00 à vista. Ora, pensar em vender a semente com este preço é um grande risco. Seria melhor vender para a indústria, mas, como estamos no mercado, temos que atender os clientes”, argumenta ele.

De qualquer forma, o negócio cresce. “Há 15 anos, essa terra daqui não valia nada”, recorda Bogнар. “Nada era produzido, pois havia samambaia, bambu e muita queimada em toda a

área. Agora, bem no meio desse cerradinho, erguemos nosso laboratório de qualidade das sementes (com banco de germoplasma, salas úmida e seca e de laboratórios), nosso armazém (com capacidade para 40 mil sacos a granel e 20 mil ensacados), nossos oito silos refrigerados (com capacidade total de 2.400 toneladas), a vila dos funcionários, oficinas e escritórios”.

Com relação à possibilidade da conjuntura favorável transformar o Paraná numa imensa monocultura de soja, o agrônomo descarta esta idéia, achando que sempre haverá espaço tanto para a oleaginosa como para outras culturas. “No Brasil Central”, entende ele, “a soja desempenha um papel diferente. Lá, ela é pioneira, e daqui há um tempo talvez ela possa ser substituída por lavouras de alimentos”. De fato, acreditando nas perspectivas de expansão da cultura a partir do Paraná, a Agropecuária Ipê começa a investir no Brasil Central. “Estamos indo para lá, porque aqui já está ficando pequeno demais”, diz, satisfeito. □



Segurar a soja: sem armazém?

## Chicago pode fazer o sonho virar pesadelo

Se colherem os esperados 70 milhões de sacos de soja, os agricultores paranaenses terão um faturamento global de aproximadamente Cz\$ 26 bilhões 250 milhões, uma respeitável soma que só deve ficar atrás do imbatível milho que — mesmo com redução de área plantada, produção e produtividade — renderá algo em torno de Cz\$ 29 bilhões.

Acontece, porém, que o produtor de soja embala seus sonhos na perspectiva de melhor rentabilidade da cultura em função do mercado, não admitindo sequer que se fale em preço mínimo de Cz\$ 375,00 por saco de 60 quilos de soja. Suas esperanças são balizadas pela posição maio/88 do mercado futuro da bolsa de Chicago/EUA. Maio é o mês mais importante na comercialização da safra brasileira de soja, e em Chicago a tonelada de soja está cotada em cerca de US\$ 203,00, ou Cz\$ 11.253,00 (no final de outubro). Isto representa Cz\$ 675,00 por saco.

As previsões dos especialistas do setor, no entanto, apontam para uma comercialização normal, com preços iguais ou pouca coisa superiores ao preço mínimo oficial. Até porque existe uma razoável quantia de

soja estocada e o governo se constitui no maior comprador da produção. A questão, inclusive, tende a se agravar para o produtor, especialmente o paranaense do oeste e do sudoeste. Mais uma vez, o superprodutor do oeste e do sudoeste se debaterá com os problemas de uma depauperada rede de armazenamento oficial e privada, obrigando-se a entregar sua produção a preços aviltados. Nem o artifício de vender a produção no mercado futuro pode ser considerado atraente. Este ano, os produtores paranaenses que venderam antes tiveram um prejuízo global de Cz\$ 12 milhões, no mínimo. Portanto, além da esperança de bons preços na própria evolução do mercado, o sojicultor paranaense terá também muita cautela na hora da comercialização. □

Desempenho da soja no Paraná (81/87)			
Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
81	2.266.200	4.983.210	2.198
82	2.100.000	4.200.000	2.000
83	2.022.000	4.315.000	2.134
84	2.177.900	4.121.000	1.892
85	2.196.370	4.413.000	2.009
86	1.745.000	2.600.000	1.489
87	1.720.000	3.645.000	2.119
88*	2.040.000	4.200.000	2.058

Fonte: IBGE, Seab-Deral  
\* estimativa

# Não queime a sua soja. Aplique Flex.



## Com Flex, as ervas vão e a soja fica.



## Milho

*Foi o ano do milho no Paraná,  
mas em 1988 a concorrência  
da soja reduzirá a produção*

# É difícil repetir esta safra recorde

**S**e 1987 não foi o ano do milho no Brasil, no Paraná foi. Preços atraentes e a queda nas cotações da soja no mercado internacional, com a conseqüente redução na área de plantio, deslocaram para o milho as terras mais nobres e a tecnologia disponível. Os resultados destes incentivos refletiram-se diretamente no Paraná, maior produtor nacional de milho e responsável por 28 por cento da safra 86/87, que colheu a maior produção da sua história. E os números comprovam o excepcional desempenho da cultura no estado: a colheita alcançou 7,6 mi-

lhões de toneladas, somando-se a safra normal com a safrinha, com um rendimento médio de 2.788 quilos/hectare obtido somente na safra normal.

O quadro otimista deste ano, com recordes de produtividade e supersafra, certamente não se repetirá no ano agrícola 87/88, pelo menos se depender dos prognósticos do Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Paraná. As estimativas indicam uma produção para a próxima safra em torno de 5,6 a 5,8 milhões de toneladas. A explicação para esta performance menor,

segundo Norberto Ortigara, coordenador de conjuntura agropecuária do órgão, está na razão inversa do que ocorreu na safra passada. "Com a recuperação das cotações da soja", enfatiza, "as melhores terras e a tecnologia retornarão para esta cultura, em prejuízo direto para o milho".

Em várias regiões do estado, a tendência prevista pelo Deral realmente vem se comprovando. É o caso, por exemplo, da área de ação da Cooperativa Agropecuária de Rolândia Ltda. (Corol). Na safra passada, foram plantados cerca de 11 mil alqueires (26.400 hectares) com milho, mas a expectativa para a próxima é de uma redução na faixa de 15 a 30 por cento. O termômetro para prever tal queda é a aquisição de sementes junto à cooperativa. "Até meados de outubro, os produtores retiraram 5.600 sacos de 40 quilos cada de sementes de milho, quando o normal é de 13 mil sacos", revela o agrônomo Humberto Nogueira Duarte, gerente do departamento técnico da Corol no setor de cereais e grãos.

Se o produtor não demonstra muito interesse pelo milho, o mesmo não ocorre com a soja. "O produtor voltou correndo para a soja", confirma o técnico, ressaltando que normalmente a Corol comercializa, por safra, 45 mil sacos de sementes de soja e até meados de outubro a comercialização atingia 54 mil sacos, numa indicação clara de que a área com soja não só vai ser retomada como vai superar as expectativas mais otimistas.

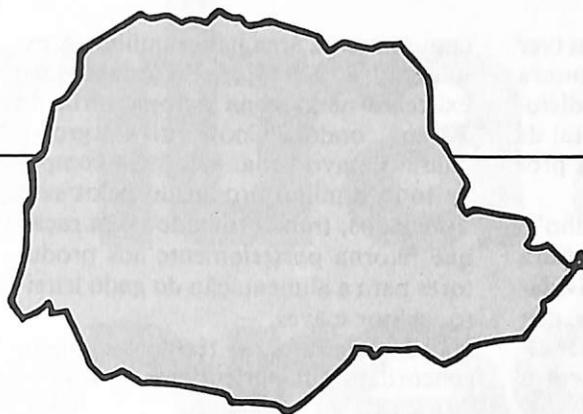
**Fechado com o milho** — Nem todos, entretanto, entraram para o bloco "vou com a soja" e discordam um pouco da posição sustentada pelos técnicos. Um deles é nada menos do que o campeão nacional de produtividade de milho, do X Concurso da Agrocere, com 15.077kg/ha, o descendente de holandeses Bauke Douwe Dijkstra, da ▶

**Ortigara:**  
melhores terras ficarão  
para a soja



PRODUÇÃO DE MILHO NO PARANÁ							
ANO AGRÍCOLA							
DADOS GERAIS	85/86			86/87			87/88*
	Normal	Safrinha	Total	Normal	Safrinha	Total	
Área plantada (ha)	2,250 milhões	570 mil	2,820 milhões	2,640 milhões	233 mil	2,873 milhões	— menos 13 a 16% em
Área colhida (ha)	1,730 milhão	570 mil	2,3 milhões	2,640 milhões	233 mil	2,873 milhões	relação à área plantada
Rendimento (kg/ha)	1.676	2.456	2.066	2.788	1.417	2.102,5	em 86/87.
Produção (t)	2,9 milhões	1,4 milhão	4,3 milhões	7,340 milhões	302 mil	7,642 milhões	— entre 5,6 a 5,8 milhões

\* Estimativa do Deral



# Paraná

Aqui plantamos  
esperança  
e colhemos

**certeza.**

instalações completas para armazenagem de grãos e sementes.

Os silos e secadores Kepler Weber já fazem parte da paisagem agrícola do Paraná, terra fértil onde nossa marca criou raízes, cresceu e se multiplicou, integrando-se ao desenvolvimento e à grandeza deste Estado. Kepler Weber — avançada tecnologia e competência em secadores, silos, sistemas de aeração, equipamentos de transporte, máquinas de limpeza e selecionadores,



Panambi: Rua Herrmann Meyer, 43 - Caixa Postal 2 - 98280 Panambi - RS  
Fone: (055) 375-2322 - Telex: 55.2349 KEWE BR

Porto Alegre - Curitiba - São Paulo - Campo Grande - Cuiabá - Goiânia - Belo Horizonte

Fazenda Ecapel, em Ponta Grossa (ver box). Particularmente, continuará plantando os 35 hectares que tradicionalmente destina ao milho, do total de 100 hectares que compõem a sua propriedade.

“Sinceramente, acredito no milho”, afirma, “pois entendo que é a cultura que melhor responde à produtividade”. No seu entender, a maioria dos agricultores da sua região, cujos rendimentos são elevados, permanecerá

com a mesma área para o milho. A explicação está na própria estabilidade existente nesta zona agropecuária do Paraná, onde a Cooperativa Agropecuária Batavo Ltda. garante a compra de todo o milho produzido pelos seus associados, transformando-o em ração que retorna posteriormente aos produtores para a alimentação do gado leiteiro, suínos e aves.

Em regra geral, os técnicos também concordam que agricultores com boas

produtividades na cultura de milho dificilmente deixarão de plantar ou reduzir suas áreas com o produto. “Quem tiver rendimentos entre seis e oito mil quilos por hectare, continuará ganhando com o milho, não havendo razão para se afastar desta lavoura”, reconhece Humberto Duarte, da Corol, lembrando que para os produtores com médias entre 3.500 a quatro mil quilos por hectare “será mais difícil obter lucro”.

## Trator faz filho ficar na terra

*Como produzir mais sem contar com maquinário sofisticado e apenas confiando na saúde da junta de burros bem treinada, além de fazer uma fezinha na sorte e rezar muito para que os santos garantam bom tempo e as chuvas necessárias? Esta é a questão central para a maioria dos pequenos produtores que vivem em Tabuleiro, uma comunidade encravada no distrito de Guavagi, em Ponta Grossa, região de difícil acesso e de campos dobrados.*

“Não vendo os meus burros de jeito nenhum”, vai logo dizendo com olhar desconfiado Artur Ribas, 68 anos, que pisa fundo no freio da carroça puxada a burros assim que é abordado pela reportagem de *A Granja* na estrada principal que liga a comunidade ao distrito. Como recém adquiriu um trator, “estalando de novo”, o seu primeiro equipamento do gênero na vida, quando vê algum estranho pensa que são possíveis compradores da sua dupla de jumentos, muito elogiada pelos vizinhos.

Aos poucos, “seu Artur”, como é mais conhecido em Tabuleiro, começa a se soltar e diz que a razão principal de ter adquirido só agora um trator foi a de garantir a permanência de um dos dois filhos na propriedade, “já que o menino queria arriscar na cidade”. Conhecedor dos efeitos que o exodo rural causa, com a desagregação da família rural e engrossando a miséria da periferia das cidades, ele preferiu melhorar ainda mais o rendimento das lavouras, já consideradas um modelo para os demais agricultores da região.

“Quem cuida do solo, ganha” — Filho de pai português com mãe suíça, seu Artur tem consciência de que “quem cuida do solo, ganha em produção”. Nos seus 50 hec-



**Seu Artur: de 1.700kg para 9.600kg por hectare**

tares, onde planta anualmente 30 com milho e um de feijão para consumo, é um entusiasta da preservação do solo e aplica as técnicas disponíveis. Em vista disso, recebeu recentemente o primeiro lugar no 3.º Concurso de Manejo e Conservação do Solo, na microrregião de Ponta Grossa, e concorreu ao prêmio máximo do Paraná.

“Sempre tratei da terra com muito cuidado”, afirma, admitindo que de uns três a quatro anos, quando passou a usar a adubação verde, com ervilhaca, azevém e tremoço, é que notou uma melhora acentuada na produtividade. “Veja que terra fofa”, diz entusiasmado, esfregando um pequeno torrão entre as duas mãos. “Aqui, não queimamos nada, tudo entra para dentro da terra, nada é desperdiçado”. A melhora é bem expressiva, e para uma colheita anterior de milho entre 1.700 a 1.800 quilos por hectare, chegou na safra passada a 9.600 quilos por hectare.

Em tom professoral, ressalta que antes de tudo é preciso fazer a análise e corrigir a terra. “Tem gente que não faz nem isso e quer boa produção”, dispara com simplicidade. O seu primeiro passo foi colocar calcário com base na análise realizada em laboratório. Com as correções e a utilização de um pouco de adubo orgânico, Artur Ribas passou a colocar menos fertilizante. “Antigamente, se colocava mil quilos de adubo por alqueire”, diz, “e agora usamos menos da

metade e conseguimos manter constantes a produção e a produtividade da lavoura”.

**Plantio direto é caro** — A chegada do trator na propriedade dos Ribas coloca em pauta o objetivo imediato de qualquer produtor que começa a se equipar: o plantio direto. “Com ele, não tenho dúvidas que minha produção seria ainda melhor”, confessa, ressaltando, entretanto, “que o pequeno não tem recursos para comprar todas as máquinas necessárias. São caras demais”. Mas, mesmo sem o plantio direto e acompanhado há 20 anos pela fiel junta de burros, Artur Ribas improvisa como pode e passa um rolo-faca, construído com uma tora de madeira, além de lâminas e aros fornecidos pelo governo, sobre a adubação verde para que ela se incorpore ao solo.

Sobre esta cobertura vegetal, depois de convenientemente absorvida pela terra, é que é feito o plantio do milho. “Olha aqui”, chama, arrancando e abrindo rapidamente as raízes do tremoço, “estes pontinhos vermelhos nas raízes são nitrogênio que a planta tirou do ar; com isso, gasto ainda menos no adubo químico”, fala animado. E foi justamente a aplicação de técnicas de manejo disponíveis para qualquer produtor é que ele conquistou vários prêmios, um dos quais se orgulha de mostrar: o terceiro lugar no Concurso Regional de Produtividade de Milho da Agroceres, em 1984, com mais de sete mil quilos por hectare. “Veja como são as coisas, moço, hoje já estou tirando quase 10 mil quilos por hectare”, finaliza contente.

# Contra as piores ervas, o melhor é Basagran.<sup>®</sup>

Todas as ervas daninhas prejudicam uma plantação.

Algumas, entretanto, causam mais problemas que as outras.

Porque além de competirem com a planta, interferem muito na hora da colheita, atrapalhando o trabalho da colheitadeira.

Basagran é o mais eficiente herbicida contra essas invasoras de folha larga, que são consideradas as piores ervas da soja: o Picão Preto, a Guanxuma, a Corda-de-Viola e a Trapoeraba.

Por ser pós-emergente, Basagran evita desperdício ou uso desnecessário, pois só é aplicado após o aparecimento das invasoras.



Basagran controla as ervas em estágios de até 6 folhas, independentemente do tipo de solo ou sistema de plantio.

Basagran é altamente seletivo: não afeta a germinação e assegura a mais alta produtividade.

Basagran é um produto BASF, líder mundial da tecnologia pós-emergente.

Conte sempre com Basagran: o fim das piores ervas e o começo de uma grande colheita.



**Pós-Emergência  
Tecnologia BASF**

A retomada de áreas pela soja e o menor plantio do milho têm consequências previsíveis. "Há risco no suprimento do produto no Brasil", alerta o coordenador do Deral, Norberto Ortigara. O economista sustenta sua tese em dois motivos: o plantio reduzido e o nível baixo dos estoques de milho no

País. De acordo com as estimativas do Deral, o estoque em termos de Brasil ficaria em torno de 3,9 milhões de toneladas em fevereiro de 88, capaz de atender a demanda somente durante dois a três meses. Como a safra de 27 milhões de toneladas não vai se repetir, o técnico acredita que somente uma

produção na safra 87/88 em torno de 21 a 22 milhões, igual a média nos últimos 10 anos, seria capaz de completar as necessidades de abastecimento. "Se houver qualquer problema climático", observa, "não tenho dúvidas de que a situação será crítica". □

## Receita do campeão: produzir mais

*Perseguida pelos agricultores, a alta produtividade esbarra, quase sempre, num aumento demasiado dos custos de produção, com reflexos negativos para o bolso do produtor. Mas nem todos raciocinam assim. O bicampeão de produtividade de milho e campeão nacional, Bauke Douwe Dijkstra, 31 anos, acredita que a única maneira da agricultura obter lucros "é através de maiores rendimentos, com investimento e bom manejo".*

*Produtor altamente tecnicizado e adepto do plantio direto, este filho de holandeses conseguiu obter de solos pobres, que caracterizam a região dos Campos Gerais, onde está Ponta Grossa, 10.519 quilos por hectare de milho na safra 85/86 e 15.077 quilos por hectare na safra 86/87 — ou cerca de oito vezes a média brasileira, situada em torno de dois mil quilos/hectare. Por estes resultados, Dijkstra conquistou o título de campeão nacional do X Concurso Agroceres de Produtividade de Milho, atualmente o principal prêmio deste produto, ao lado do concedido pela Embrapa.*

*Franco, Dijkstra revela que as produtividades mais elevadas foram obtidas em apenas cinco dos 35 hectares que normalmente planta com milho. "O manejo em toda a lavoura é bem semelhante, mas na área do concurso utilizamos mil quilos por hectare com uréia na adubação de cobertura, enquanto no resto usamos 200 quilos", admite. Mesmo assim, o rendimento nos 30 hectares de lavoura normal tem médias elevadas comparativamente às lavouras do País: seis mil quilos/hectare em 85/86, devido a prejuízos causados pela forte seca; e 8.500 quilos/hectare na safra 86/87, que, segundo o produtor, "foi beneficiada pelo excepcional regime de chuvas".*

*Solo e produção equilibrados — O segredo de Dijkstra começa a ser desvendado pelo solo, onde se nota o equilíbrio, característica que, aliás, parece nortear todas as ações dentro dos 100 hectares da Fazenda Ecapel. Os solos areno-argilosos, com pH entre 5,5 a seis, necessitam, no sistema do produtor, 50 metros cúbicos/hectare de esterco de frango. Com a terra fertilizada, ele*



**Dijkstra: custo não é baixo, mas produtividade compensa**

*planta no inverno a aveia-preta, que servirá de cobertura vegetal para o plantio direto do milho. Quando a aveia está em ponto de deitar, é passado o rolo-faca com trator e aplicado um herbicida de contato para dessecar a planta.*

*Com o solo devidamente preparado, é feita a semeadura do milho com cinco a seis sementes de híbrido por metro linear, no espaçamento de 90 centímetros, resultando na distribuição de 55 mil plantas por hectare. Junto com o plantio, ele faz uma adubação química com 300 quilos da fórmula 8-30-20, mais 100 quilos de sulfato de amônia, 50 quilos de cloreto de potássio e 15 quilos de zinco. Tudo é misturado e colocado na plantadeira.*

*Assim que o milho germina, ele aplica um herbicida de forma controlada. Passados 30 dias do plantio, faz adubação de cobertura com 200 quilos/hectare de sulfato de amônia, e 15 dias depois aplica mais 200 quilos de uréia. Pode-se ressaltar ainda, no manejo de Dijkstra, a aplicação junto com o herbicida de um inseticida específico para o combate da lagarta-rosca, principal praga do milho na lavoura.*

*Com a utilização de máquinas praticamente novas e insumos caros, o próprio Bauke Dijkstra reconhece que o custo "não é muito baixo, mas como uso adubação orgânica e tenho boa produtividade, acho que compensa". A compensação referida pelo produtor se explica por ser a sua propriedade bem diversificada. Além da lavoura de*

*35 hectares de milho, planta 40 de trigo — com média de 2.880 quilos/hectare, — e a mesma área com soja, onde obtém 3.200 quilos/hectare. O interessante é que nesta área de 40 hectares com soja não é realizada qualquer adubação química, a não ser a orgânica, e o sistema utilizado é o plantio direto na resteva de trigo.*

*A rotação do lucro — Talvez o maior segredo deste descendente de holandeses, casado, dois filhos e mais um a caminho, reside na sua visão de administrador de empresas que o faz a cada ano diversificar a sua produção. Ao lado da agricultura, e integrada a ela, funcionam pavilhões com mil suínos das raças landrace e large white e 45 mil frangos de corte, além de oito mil macieiras, já floridas, que vão estar em ponto de colheita exatamente 15 dias antes da entrada no mercado da safra catarinense, recebendo, assim, melhores preços.*

*"A fruticultura, os suínos e as aves garantem o meu sustento quando a agricultura não vai bem, e assim equilibro as finanças", afirma, como se estivesse dando um conselho aos seus teimosos colegas que insistem na monocultura. Com muitas idéias, diz que pretende investir forte num plantel leiteiro, atividade da qual, aliás, o seu pai, Foppe, e seu tio Auke, ambos imigrantes holandeses, são craques e considerados entre os melhores produtores do estado. Os animais, por incrível que possa parecer, não serão genuínos exemplares da raça holandesa. "Não adianta o animal ser puro", enfatiza Bauke D. Dijkstra, "é preciso que seja bom produtor. Assim, pretendo organizar um plantel com bons PCs e depois vamos melhorando". □*

## Algodão

*Como 40% dos produtores são arrendatários ou parceiros, custo de produção é item fundamental*

# Custo da colheita está pesando muito

**A** costumado a levar sustos, o produtor de algodão foi surpreendido pelo bicudo há quatro anos, praga de sotaque nordestino que rapidamente se espalhou pelas lavouras paulistas, seguindo seu caminho natural até chegar ao Paraná. As autoridades sanitárias do estado imediatamente colocaram em ação um programa de controle ao inseto, através de armadilhas luminosas e práticas de manejo, entre as quais a eliminação da soqueira. Nem bem se refez do susto, o cotonicultor se viu com uma estiagem que reduziu a produção e um custo de implantação da nova lavoura que chegou a Cz\$ 20 mil o hectare.

Se isso não bastasse, aconteceu com o produtor de algodão o mesmo com que o da soja: vendeu a safra por preços ruins. O valor médio por arroba (15 quilos) de algodão em caroço para o produtor foi de Cz\$ 131,00 em abril, e a partir daí, passou a elevar-se gradativamente, chegando em outubro, no mercado internacional, a Cz\$ 450,00, ou cerca de 243 por cento a mais do que o valor real pago ao produtor. Ao mesmo tempo, o algodão em pluma (já beneficiado) atingiu Cz\$ 1.700,00 a arroba na Bolsa de Mercadorias do Paraná em fins de setembro — um valor

tivamente, chegando em outubro, no mercado internacional, a Cz\$ 450,00, ou cerca de 243 por cento a mais do que o valor real pago ao produtor. Ao mesmo tempo, o algodão em pluma (já beneficiado) atingiu Cz\$ 1.700,00 a arroba na Bolsa de Mercadorias do Paraná em fins de setembro — um valor

que, segundo os técnicos, dificilmente será superado.

As boas notícias ficam por conta da produção e das surpresas agradáveis que o governo federal resolveu fazer aos cotonicultores. A safra brasileira de algodão em caroço (herbáceo e arbóreo) em 86/87 chegou a 1,601 milhão de toneladas, das quais 700 mil toneladas foram colhidas nas lavouras paranaenses. Com esta produção, o Paraná continua como principal produtor de algodão do País, respondendo por 43,7 por cento do total. A nota negativa do estado — que só produz o algodão herbáceo, de safra anual — fica por conta da redução de área, que passou de 445 mil hectares em 85/86 para 386 mil em 86/87, devido basicamente à falta de crédito para a implantação das lavouras, preço mínimo baixo e excesso de estoques.

**Crédito é fundamental** — Ninguém tem dúvidas de que crédito acessível é fundamental para qualquer lavoura e mais ainda para o algodão. No caso es-▷

Algodão — Produção no Brasil e no Paraná — 1980/87						
Anos	BRASIL			PARANÁ		
	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1979/80	3.699.495	1.675.884	453	336.000	561.519	1.671
1980/81	3.510.972	1.731.668	493	305.790	581.000	1.900
1981/82	3.643.865	1.935.091	531	369.500	739.000	2.000
1982/83	2.928.500	1.599.235	546	440.000	695.608	1.581
1983/84	3.114.117	2.159.974	694	322.124	611.865	1.899
1984/85	3.580.180	2.856.568	795	540.000	1.035.661	1.918
1985/86	3.134.989	2.146.341	685	445.000	780.000	1.753
1986/87*	1.970.941	1.601.700	812	386.000	700.000	1.813

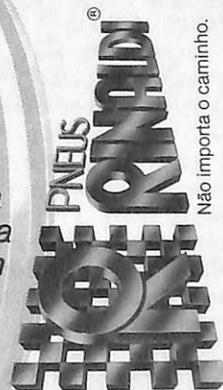
Fonte: FIBGE, SEAG-Deral (\*) estimativa



## PLANTE QUE A RINALDI GARANTE.

Os pneus agrícolas, RR e RG, dianteiro e traseiro da Rinaldi, proporcionam um suor gratificante na lida do campo. Com vazão para lama e barro, evita derrapagens da lavoura à colheita, garantindo um trabalho resistente de sol à sol.

Procure nas melhores revendas.  
Depto. de vendas (054) 252.4588



pecífico do Paraná, 40 por cento dos produtores são arrendatários ou parceiros, “e um custo de produção elevado termina afastando qualquer um da lavoura”, observa Norberto Ortigara, coordenador de conjuntura agropecuária do Deral (Departamento de Economia Rural). Os reflexos desta situação

puderam ser notados na safra passada.

Para implantar um único hectare de algodão de alto valor, o produtor teria de desembolsar, em outubro/87, Cz\$ 35 mil. Neste particular, conforme a avaliação dos técnicos, o governo está sendo complacente ao conceder Valores Básicos de Custeio (VBCs) para a pró-

xima safra que variam de Cz\$ 15.530,00 para faixa de produtividade de 1.401 a 1.600 quilos/hectare até Cz\$ 19.440,00 para rendimentos de 1.801 a 2.200 quilos/hectare.

Também a correção dos preços mínimos com base em 0,648 da OTN satisfêz. Entretanto, a atualização dos va-▷

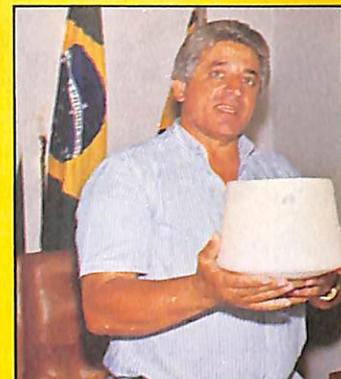
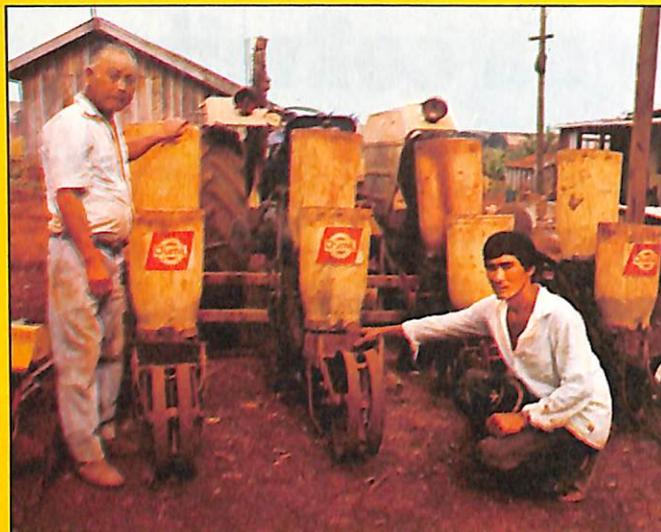
## “Tá danado de bom” para o nordestino

“Virge, tá danado de bom!” A exclamação bem nordestina não foi expressa no sertão, quando os primeiros pingos de chuva caem na terra quente, mas em Assaí, um município de colonização japonesa a milhares de quilômetros do Nordeste, mais conhecido por Ouro Branco, ostentando o título de capital do algodão, por seu pioneirismo nesta cultura. Porém, o autor da frase é um pernambucano nato, atual prefeito da cidade e um dos maiores cotonicultores da região, o bem-disposto Severino Félix Pessoa, 58 anos, que anualmente cobre três mil hectares com a cultura, com rendimentos que variam de 208 a 250 arrobas por hectare.

O otimismo de Severino, como é chamado na cidade, se justifica: afinal, nada foi mais duro do que chegar de Limoeiro/PE, em 1956, trabalhar como nunca, viver com fome e com sono. “Se lembrar tudo que passei, hoje está danado de bom mesmo”, confirma sua frase inicial com humor. E realmente a sua vida, junto com a do irmão Benoni, não foi nada fácil. Mas conseguiram penetrar na comunidade japonesa e conquistar a sua confiança. “Chegamos a este ponto com muito trabalho”, faz questão de ressaltar o nordestino, lembrando que começaram de diarista, passaram para parceiro e só em 1959 adquiriram os primeiros 15 hectares.

Atualmente, ele e o irmão diversificaram os investimentos e plantam, além de algodão, soja, milho e criam gado de corte e leite. “Nossa base foi o algodão”, reconhece, “mas sentimos necessidade de partir para outras culturas e criações”. Apesar da diversificação, a primeira cultura não foi esquecida e, embora acredite que a área com algodão poderá até diminuir na próxima safra em função do crescimento da soja, antecipa que vai plantar cerca de 20 por cento mais do que no ano anterior.

**Bicudo e mão-de-obra** — A invasão da soja nas áreas dos algodoeiros tem um motivo: a mecanização do grão, o que não acontece com o algodão. Para Severino Félix Pessoa, hoje o maior problema da cultu-



Reijiro (em pé) com o filho Takazi; e o nordestino Severino

ra não é o bicudo, “este já está controlado”, mas a escassez de mão-de-obra, que se agrava a cada dia. “Se posso usar um homem para plantar de nove a 12 hectares com algodão”, compara, “este mesmo homem não seria capaz de colher sequer dois hectares”. A única maneira de resolver o problema, na sua opinião, é pagar um preço alto, o que termina comprometendo a reduzida margem de lucro do produtor.

De acordo com ele, de 35 a 40 por cento do valor de venda do produto são gastos em mão-de-obra. Além disso, o algodão exige numerosos insumos, onde a principal praga, depois do controle do bicudo, é a lagarta-rosada. “A nossa salvação foi que os preços reagiram”, diz aliviado, acrescentando que no início da colheita, em abril, os valores por arroba variaram de Cz\$ 110,00 a Cz\$ 120,00, “e quem pegou mais do que isto tinha que sair satisfeito”. Hoje, com a melhora nas cotações, o produto já ultrapassou mais de Cz\$ 400,00 por arroba, oferecendo melhores perspectivas para a próxima safra.

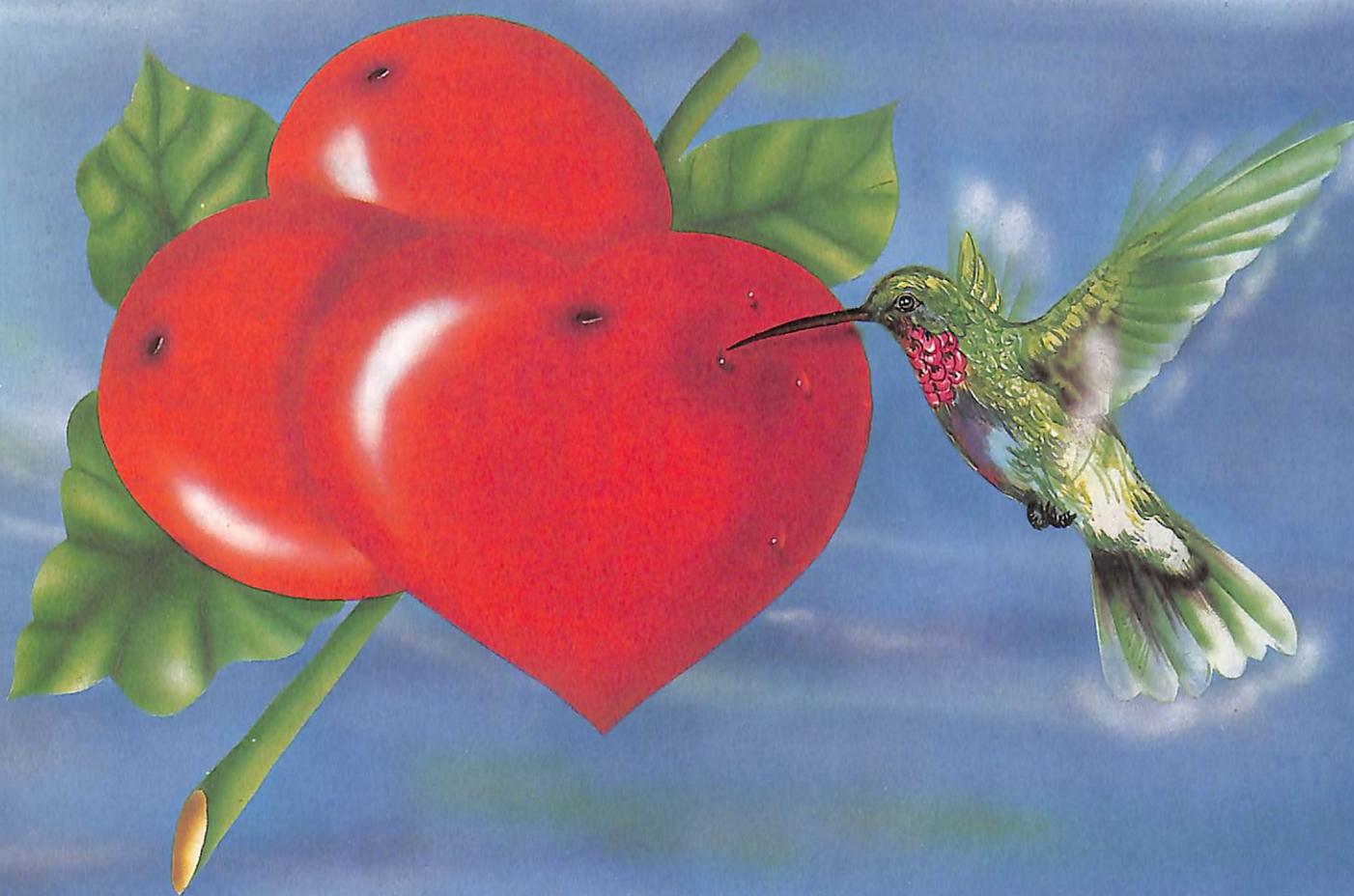
As perspectivas, aliás, parecem realmente muito boas. Tanto é assim que a Cooperativa de Cotia iniciou recentemente a instalação, em Assaí, de uma unidade industrial de fiação, com capacidade de beneficiar 550 toneladas de algodão em pluma/mês e de produzir 450 toneladas de fio/mês. As obras deverão estar concluídas em 1989 e a fiação funcionará, em escala experimental, já a partir de meados daquele ano. Pronta, a unidade industrial ocupará uma área de 19.500 metros quadrados e absorverá 2,5 por cento da população da cidade, ou 550 pessoas permanentemente na atividade.

**Pequeno sofre e desiste** — As prósperas lavouras de algodão e suas infindáveis possibilidades de industrialização constituem um dos lados da história. O outro nem sempre é agradável. É o caso, por exemplo, de Reijiro Furuta, de 70 anos, que veio menino do Japão em 1935, juntamente com os primeiros imigrantes que se estabeleceram em Assaí, como era chamado o município anteriormente, cujo significado é “Terra do Sol Nascente”.

Com uma propriedade total de 5,5 alqueires (13,2 hectares), anualmente ele planta cinco com algodão, obtendo uma produção por alqueire de 400 arrobas. As dificuldades de armazenagem da safra obrigaram Furuta a se desfazer do produto no início da safra, por Cz\$ 105,00 a arroba. Sem saber bem o porquê de os preços subirem, “logo depois que vendi a safra”, o produtor também se queixa do custo elevado dos insumos, o que o faz desanimar de vez do algodão. “Se plantar este ano”, diz, “vou fazer em menos de um hectare”.

A solução que Reijiro Furuta encontrou para escapar da monocultura do algodão foi diversificar. Assim, planta anualmente sete hectares de soja, 10 de tremoço para semente e mais alguma área com milho. Mas o forte da propriedade são os 240 pés de uva Itália, que são cuidados com muito carinho por ele e pelo filho Takazi. “É nossa grande esperança”, confessa, afirmando que a uva “dá mais que qualquer outra coisa”. Contudo, é sincero, lembrando que até o momento a qualidade da uva fina de mesa produzida em sua propriedade não é das melhores. “Precisamos aperfeiçoar os parceiros, e aí sim pretendemos ganhar alguma coisa”, finaliza. □

**D**o primeiro beijo, a gente nunca esquece.



**C**arinho. Proteção. Natureza. Quando você usa Decis no café, é com isso que você se depara. Além de respeito. Inovação. Evolução. Solução. Decis é colheita farta. É o vôo livre ao natural. Ao verde. Com a emoção da pureza. Com a emoção do primeiro beijo.



DECIS. AS PRAGAS SOMEM.  
A NATUREZA FICA.

  
**decis**<sup>®</sup>  
A decisão segura.

QUIMIO   
divisão agro-química

lores iniciará a partir de fevereiro do ano que vem, estendendo-se até julho. Se, por exemplo, esta sistemática já estivesse vigorando, o preço por arroba de Cz\$ 131,00 de abril corresponderia hoje a Cz\$ 275,00 (cotações da OTN de outubro). As boas-novas não param aí. Os chineses cometeram erros de avaliação nos seus estoques de algodão, o que serviu para melhorar as expectativas de preços da cultura para a próxima safra, cuja área plantada no Paraná dificilmente chegará aos 445 mil hectares de 85/86, mas certamente crescerá de 10 a 15 por cento sobre a área de 86/87.

**Sementes, mais uma dificuldade** — Mas a denúncia de que as sementes de algodão subiram 300 por cento em relação ao ano passado pegou produtores e autoridades desprevenidos. O problema foi apresentado pelo presidente da Cooperativa Agropecuária de Rolândia (Corol), Eliseu de Paula, e confirmado por José Aroldo Galassini, presidente da Cooperativa Agropecuária Mourãoense Ltda. (Coamo). Ambos garantem que o plantio está comprometido, devido ao aumento abusivo no valor das sementes.

A denúncia atingiu diretamente a Se-

cretaria da Agricultura e do Abastecimento, porque, no Paraná, toda a comercialização de sementes de algodão é privilégio da Cafe do Paraná, uma empresa vinculada à Seab (Secretaria da Agricultura e do Abastecimento). Basicamente, a Cafe tem dois tipos de sementes: a branca, colocada no mercado a Cz\$ 680,00 a saca, e a hidratada, com preço de Cz\$ 1.555,00. Informado do assunto, o secretário Osmar Dias prometeu resolver a questão, possivelmente, segundo o presidente da Corol, através de uma redução nas “genero-

sas” margens aplicadas pela Cafe.

Os problemas dos cotonicultores, no entanto, não se resumem tão-somente aos preços das sementes, mas decorrem da safra anterior, cujos prejuízos deixaram grande parte endividada e praticamente sem recursos para o plantio da próxima lavoura. Muitos produtores, conta Norberto Ortigara, foram obrigados a se desfazer de suas terras e máquinas, visando saldar os compromissos com os bancos, o que reserva à safra vindoura um forte componente de dúvida. □

## Café

*O Paraná colheu uma das maiores safras dos últimos anos, mas o preço está baixo*

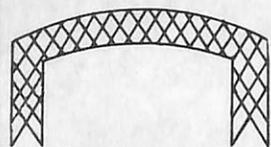
# Preço tira o sono do produtor

“**S**e num ano o cafeeiro vai mal, no outro compensa”. Esta frase, passada de boca em boca pelos cafeicultores brasileiros mais antigos, mais uma vez se comprovou. O País está colhendo uma das mais gordas safras de café dos últimos

anos, com 35 a 38 milhões de sacas beneficiadas de 60 quilos, ou 2,1 milhões de toneladas, cerca de três vezes mais que a colhida no ano passado, de 840 mil toneladas. No Paraná, os pés resolveram produzir como nunca. De um total de dois milhões de sacas da safra

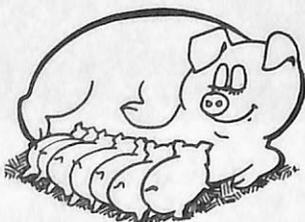
### ESTRUTURAS METÁLICAS

- Rapidez na entrega
- Preços especiais



- Armazéns
- Coberturas
- Galpões
- Hangares

### SUINOCULTURA



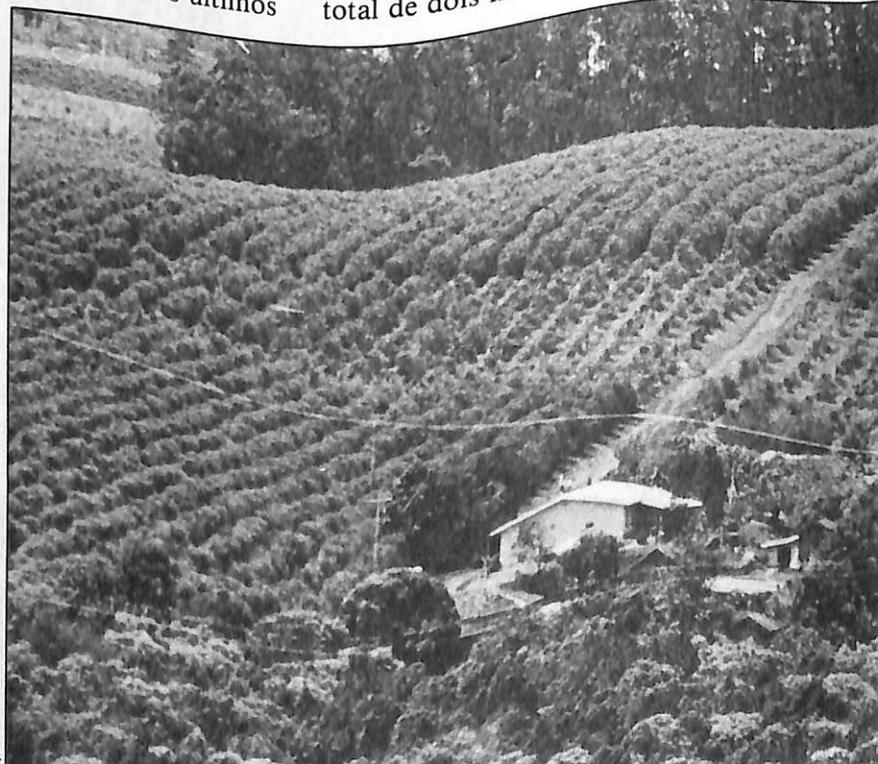
- Box de Gestação
- Baía Parideira
- Creches



**Metalúrgica Colusso Ltda.**

Av. Presidente Vargas, 2550 a 2628  
Fone: (0432) 56.2143  
86.600 - Rolândia - PR

Cafezal novo em Apucarana: futuro preocupa



86, a produção subiu para 7,5 milhões, um verdadeiro recorde de produtividade, pois a área de 450 mil hectares e uma população de 470 mil covas permaneceram iguais às do ano passado.

Mesmo com a superprodução, o estado ficou atrás de São Paulo e Minas Gerais, ambos com uma previsão de colheita de 10,7 milhões de sacas cada um. De qualquer forma, Pedro Simões, economista do Deral, considerou a safra como "anormal", enfatizando que o "futuro será preocupante", pois os preços são baixos e os estoques elevados. Os valores pagos por uma saca de 60 quilos, em setembro, estavam cotados a Cz\$ 2.300,00 no mercado, enquanto o preço de garantia, divulgado pelo governo, situava-se em Cz\$ 3.700,00, resultando em cerca de três mil cruzados livres para o produtor.

Com esta situação de preços, para o técnico, o que novamente se desenha é que o governo será o grande comprador da safra e já adquiriu mais de 2,5 milhões de sacas. "Quando isto acontece", interpreta, "é porque o mercado não está andando em condições normais". A explicação é que a supersafra brasileira, somada aos estoques de seis milhões de sacas já existentes, perfaz um total de 41 a 42 milhões de sacas que, jogadas num mercado internacional que anualmente tem uma produção de 90 milhões de sacas, pressiona naturalmente os preços para baixo.

**Reação à vista** — No entender de Pedro Simões, a tendência é que os preços se recuperem, já que recentemente foi selado o Acordo Internacional do Café

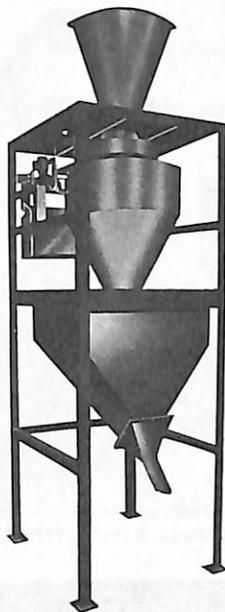


# BALANÇAS ENSACADORAS

## SAC

### PARA CEREAIS E GRANULADOS

PLUS



**Cz\$ 8006**

Pesagem: 30 a 60 kg  
Vazão: 7 ton/h

**Cz\$ 8007**

Pesagem: 10 a 70 kg  
Vazão: 13 ton/h

**Cz\$ 8008**

Pesagem: 10 a 70 kg  
Vazão: 15 ton/h

EXIJA A LEGÍTIMA



**ferrando**

METALÚRGICA UNIVERSO - RS 18 - Dist. Ind. Alvorada F. 88.4400  
TLX 51-2710 Em P. Alegre: 0512 - 41.1944 - C. Postal 126 GRAVATAÍ 94000

# LUCROS SOB MEDIDA.

## SEMEADEIRA-ADUBADEIRA AG 300



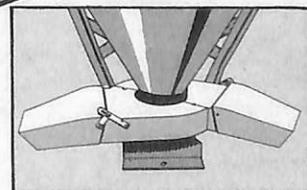
### PARA TRATORES AGRALE 4100 e 4200

- Desenvolvida dentro dos padrões técnicos do trator Agrale 4100 e 4200.
- Dispensa redutor.
- Possui pás de arremesso, permitindo um ajuste perfeito.
- Caixa blindada de alto giro com engrenagens dimensionadas.



PRODUTOS  
**TRILHOTERO**  
VERDADEIRAS MÁQUINAS  
DESDE 1932

Trilho Otero Indústria de Máquinas Agrícolas Ltda.  
Rua D. Teodora, 1461 - Navegantes - Fone: (0512) 42-3366  
Telex: (51) 1035 OTER BR C. Postal (PO BOX) 1125  
CEP 90240 - Porto Alegre - RS - Brasil.



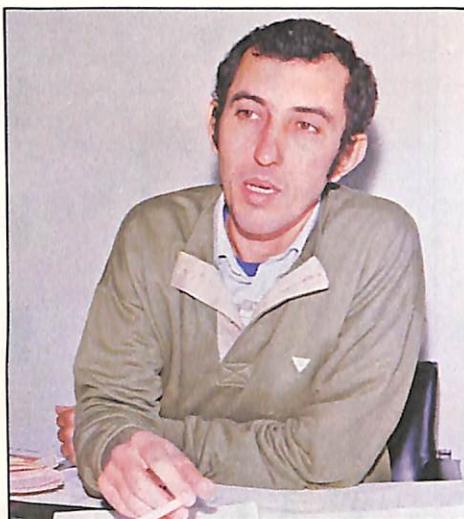
DISTRIBUIDOR ESPECIAL DE DUAS LINHAS PARA FRUTÍFERAS E CAFÉ.

Agência Latina

da OIC — Organização Internacional do Café, que reúne os principais países produtores e consumidores. Entretanto, a reação nos valores somente será observada para o café de qualidade superior, isto é, o tipo exportação.

Outro indicativo para uma alta geral nos valores pagos pelo produto poderá sair em dezembro, quando, anualmente, o Instituto Brasileiro do Café (IBC) divulga a primeira avaliação da cultura para a próxima safra. Esta avaliação, extra-oficialmente, deverá confirmar uma queda na produção brasileira para 88, com possibilidade de maior equilíbrio nos preços. Ainda dentro deste aspecto, um dos fatores com maior influência nos valores do café é o clima. Foi exatamente o que aconteceu no ano passado, quando a safra chegou a dois milhões de sacas no Paraná em virtude de uma forte seca. “Se por exemplo”, prevê Simões, “ocorrerem geadas no ano que vem, a situação da cultura se complicará para 1989”.

Em termos gerais, o Brasil participa com 25 por cento da produção mundial do café. Da disponibilidade em estoque de 42 milhões de sacas, 19 milhões deverão ser exportadas e sete milhões vão atender ao mercado interno. A situa-



Simões: tendência é recuperação

ção de extrema folga no mercado mundial do café é mais um problema que preocupa os produtores que ainda obtêm lucros com a cultura e superaram as geadas de 1975, que destruíram muitos cafezais do País, especialmente do Paraná. Conforme o United States Department of Agriculture (USDA), a produção internacional de café chegará a 97,8 milhões de sacas de 60 quilos nesta safra, elevando ainda mais os estoques mundiais do produto.

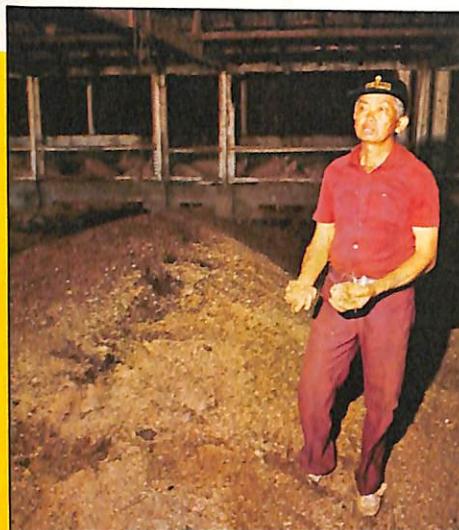
“O Brasil é o café” — Esta frase ficou famosa no parlamento brasileiro entre os anos de 1870 e 1889, quando ninguém tinha mais dúvidas de que um novo ciclo econômico ascendia no País, influenciando na escolha de presidentes da República e nos próprios destinos da política nacional. Passados alguns anos, logo se viu que o café e a crise andavam de mãos dadas e muitos historiadores afirmam que justamente durante o ciclo do café é que o Brasil começou a contrair sua enorme dívida

## Aqui, o adubo é esterco suíno curtido

Quem visita o sítio Assada, uma média propriedade cafeeira, de 72 hectares, encostada na rodovia que liga Londrina a Rolândia, não imagina que os 70 mil viçosos pés de café confirmam a teoria de que na natureza nada se perde, tudo se transforma. Adubados exclusivamente com esterco suíno curtido, os cafezais do descendente de japoneses Hilozi Assada, 54 anos, alcançam produções anuais que oscilam de duas a três mil sacas de 40 quilos em coco ou 80 a 120 toneladas, numa área de 21 a 24 hectares, que está permanentemente em produção.

Anualmente, a propriedade dispõe de 250 a 300 mil quilos de esterco, armazenados ao lado das instalações com capacidade para 300 suínos. “Atualmente, temos só 70 animais”, diz Assada com tristeza, ressaltando “que, assim como o café, a suinocultura também não atravessa um bom momento”. De qualquer forma, os animais produzem matéria orgânica, que é incorporada de três em três anos, em sistema rotativo, em todas as ruas dos cafezais.

A adubação, segundo o produtor, não pode ser feita anualmente, caso contrário se correria o risco de cortar as raízes da planta. Na incorporação da matéria orgânica ao solo, são abertos sulcos de 30 centímetros



Assada: questão de lucratividade

de profundidade e 50 de largura, distanciados um metro de cada planta. Em linhas gerais, a adubação é realizada sempre após a colheita (entre dezembro e janeiro), com a incorporação de cinco a seis quilos por pé de café.

Outra vantagem que a adubação orgânica proporciona para o cafezal é o desaparecimento quase que por completo das doenças e pragas. “Em plantas sadias e fortes, a doença não chega”, ensina Assada, cujo programa predileto é passear por entre os pés de café, fiscalizando planta por planta. O cafeicultor não descarta o uso completo de fertilizantes químicos, utilizando-os, entretanto, somente na fase de formação dos cafezais, ou seja, nos primeiros dois anos após o plantio. “Se quisesse”, confessa, “minha lavoura até poderia render mais

com o adubo químico, mas aí minha lucratividade seria muito menor”.

Insumos e parceria — Apesar de contrário ao uso de químicos nos pés de café, Hilozi Assada reconhece que são necessárias aplicações periódicas de sulfato de cobre, sem o que a ferrugem tomaria conta dos cafezais. Este produto, apresentável em embalagens de 25 quilos, custa cerca de quatro mil cruzados, considerado um “absurdo” pelo produtor. Mas, mesmo neste ponto, ele conseguiu economizar. Em vez das cinco aplicações tradicionais, o produtor conseguiu reduzir para duas, ou no máximo três, “tudo graças ao esterco de suínos”, agradece.

A amizade de Assada com as onze famílias que moram e trabalham na propriedade é outra relação que ele não cansa de cultivar. “Aqui, todos os meus parceiros recebem 35 por cento livres da produção, e só têm o dever de cuidar das plantas, colher e secar o produto”, revela num misto de alegria e satisfação. Lembra, inclusive, que um dos seus funcionários, com mais de 20 anos na propriedade, reuniu suas economias e viajou ao Japão. “E eu ainda nem cheguei perto de lá”, brinca.

Além dos suínos, Hilozi Assada desativou recentemente um pavilhão de bicho-dadada, empreendimento que só lhe deu despesas.

Ali, pretende colocar ainda mais suínos da raça landrace ou investir em aves — “ainda estou em dúvida” —, lembrando que também tem cinco hectares com chá, que pretende aumentar para 10, assim que os primeiros começarem a produzir, o que acontecerá daqui a dois anos. □

## Economia

**Tudo que você  
precisa saber  
para passar  
da conta.**

### **Conta Remunerada Bamerindus item por item.**

Você movimenta, saca, deposita, verifica saldo quando quiser. É uma conta corrente, com saldo inteiramente disponível. Só tem uma diferença: rende diariamente. O cliente da Conta Preferencial ou Especial Bamerindus, que tem a Conta Remunerada, saca dentro do limite de crédito e quando seu saldo positivo ultrapassa o patamar negociado, ele é remunerado. Patamar é o valor de referência negociado com o gerente, a partir do qual a Conta Remunerada começa a render. Aumentando o saldo médio e concentrando negócios e depósitos no Bamerindus, o cliente pode pleitear junto à sua agência uma taxa maior para os rendimentos da Conta Remunerada. Todas as operações da Conta Remunerada Bamerindus são automáticas. Assim, não é necessário que o cliente entre em contato com a agência para solicitação de aplicação ou resgate. Os lançamentos de aplicação/resgate da Conta Remunerada Bamerindus são diários e constam também nos extratos mensais de contas correntes. A Conta Remunerada foi o jeito que o Bamerindus encontrou de fazer render o tempo dos seus clientes. Com a Conta Remunerada Bamerindus quem passa da conta é você.

 **BAMERINDUS**  
O banco da nossa terra.

Conta Remunerada  
**BAMERINDUS**

Em todas as nossas agências.

externa, através de empréstimos de bancos estrangeiros para aplicar nas lavouras.

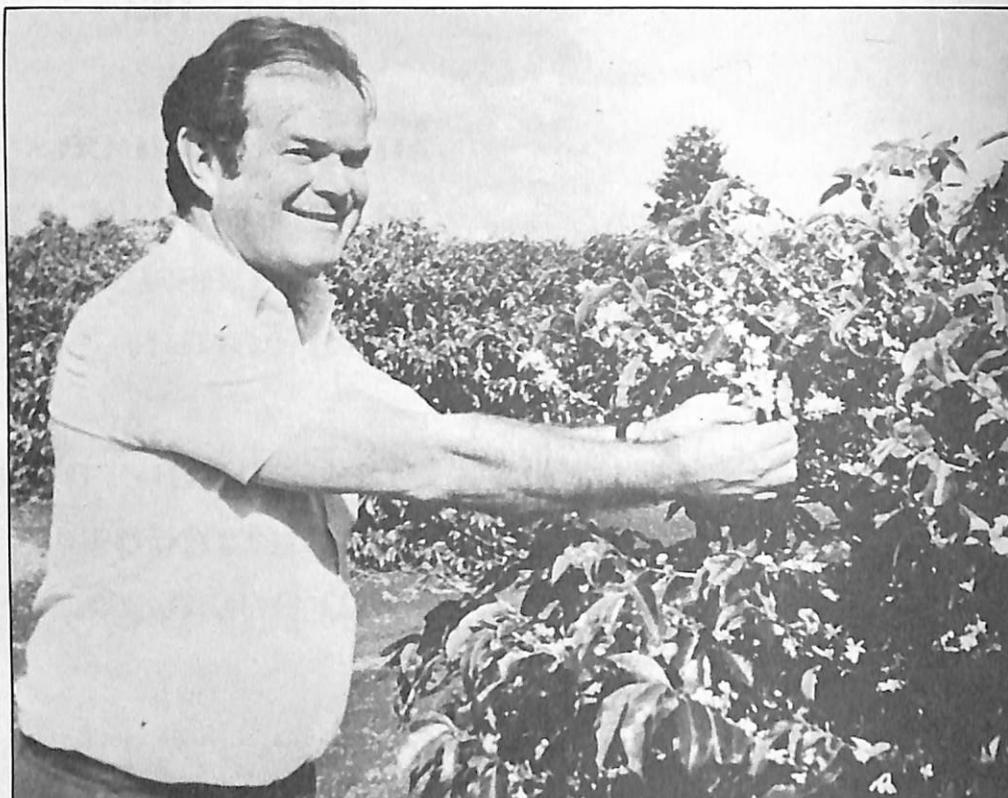
Com o tempo, entretanto, outros países entraram no mercado e o Brasil gradativamente perdia posição em termos da produção mundial, caindo de 45 por cento, em 1845, para cerca de 25 por cento atualmente. Apesar de não depor e nem indicar mais presidentes, é inegável que o café tem grande importância na economia brasileira, seja pelo volume exportado como pela utilização de mão-de-obra (bóias-frias), que dependem diretamente desta cultura.

É inegável também que outras lavouras e pastagens tomaram áreas antigas de café por representar investimentos mais seguros e diversificados. Exemplo disso são as lavouras brancas (trigo, soja e milho), que inauguraram um novo ciclo a partir da década de 70, e mesmo a transformação de áreas com café em pasto, onde o gado passou a representar maior segurança diante de adversidades climáticas (geadas) e de ataque de pragas e doenças (bicho-mineiro e ferrugem).

**Menos área, mais produção** — Por este caminho seguiu a Fazenda Paraíso, tradicional estabelecimento que desde 1924 explora o café como principal cultura. Localizada no município de Bela Vista do Paraíso, a 428 quilômetros de Curitiba, a propriedade da sucessão de Tamar Gomes de Almeida possui 1.400 hectares, com 288 hectares que abrigam 600 mil pés de café das variedades mundo novo e catuaí, amarelo e vermelho. A área ainda é ocupada por 624 hectares com pecuária, 288 hectares com soja, milho e trigo em rotação e o restante com matas.

A opção pela diversificação ganhou força a partir de 1975, conta o ex-secretário da Agricultura do Paraná e um dos proprietários da fazenda, Brazílio de Araújo Neto, lembrando que as geadas daquele ano provocaram uma redução em 50 por cento do parque cafeeiro. A partir daí, iniciaram um processo de renovação nos pés de café, que hoje têm média de 17 anos, e incrementaram a diversificação não só na Fazenda Paraíso, mas nas outras quatro propriedades do grupo.

Com a lavoura reformada, a média de rendimento é, hoje, de 60 sacas de 40 quilos de café em coco por hectare ou de 26 a 30 mil sacos no total, segundo registros dos últimos quatro anos. Esta produtividade, para ele, é considerada boa, mas os problemas ficam



**Grade: à espera de momento melhor**

por conta do custo elevado para a manutenção da lavoura e a queda nos preços. “O cafeicultor está se descapitalizando”, queixa-se Brazílio, acrescentando que “nesta safra registramos prejuízo, devido aos empréstimos que tomamos para saldar as dívidas da safra passada”.

Na sua opinião, os produtores de café, de agora em diante, vão ter que se ajustar a uma nova realidade, isto é, “quem não tiver produtividade e não controlar custos, irá à bancarrota”. Apesar disso, o ex-secretário paranaense diz que o café tem suas características, mesclando períodos bons com ruins. “Na média dos últimos 10 anos”, recorda, “o saldo foi positivo, e justamente pensando em evitar os altos e baixos, e compensar os períodos ruins, é que resolvemos diversificar”.

**Café se paga e deixa lucro** — Já os pequenos e médios produtores que exploram o café têm a sua verdade: “ele se paga e deixa lucro”, garante, por exemplo, o funcionário aposentado do Banco do Estado do Paraná (Banestado) Daniel Carvalho Grade, 52 anos, que juntou as suas economias e aplicou numa pequena propriedade cafeeira de 10 hectares, onde cultiva 11.500 pés de cafés da variedade catuaí vermelho, produzindo anualmente 600 sacas de café em coco. Embora considere a re-

muneração “fraca”, o cafeicultor entende que é importante continuar no negócio na espera de um momento mais propício para o produto.

Juntamente com a Chácara Primavera, o ex-funcionário do Banestado destinou outros investimentos para uma área com 48 hectares, onde planta trigo e soja, em rotação, possuindo ainda 100 cabeças de gado nelore. Residindo em Londrina, e com todas as suas propriedades próximas ao município, Daniel Carvalho revisa periodicamente cada uma delas. “Claro que encaro tudo isso como um passatempo”, diz com um sorriso, “mas se não desse lucro, venderia”.

O mesmo espírito tem Hilozi Assada, de 54 anos, considerado um médio produtor de café. Seu pai adquiriu a área de 72 hectares em Rolândia em 1937, ocupando-a integralmente no plantio do café. Não foi feliz. As sucessivas geadas de 1942, 55 e 75 reduziram a área pela metade, e começou a introdução de outras criações e culturas como suínos, bicho-da-seda e chá. Com um manejo específico em que utiliza esterco de suínos (ver box), o descendente de japoneses consegue reduzir os seus custos com insumos e, mesmo colhendo dois mil sacos de 40 quilos em toda a área, entende que a diversificação é a sua saída, embora reconheça que hoje o café alimenta a sua e mais 11 famílias que trabalham na propriedade. □

## Feijão

*Há 20 anos o manejo da lavoura mostra práticas erradas. E o preço não compensa investimento*

# Atraso tecnológico é principal desafio



Os técnicos Empinotti (no alto), Rosenverte (ao lado), e o produtor José Joaquim

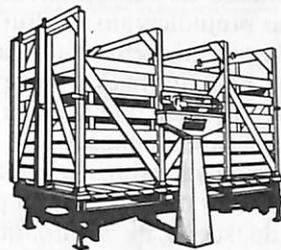


**D**urante três anos seguidos, os mais de 30 mil pequenos produtores (com até 20 hectares) da região de Ivaiporã, no Vale do Rio Ivai, no centro do estado, amargaram problemas climáticos em suas lavouras de feijão. Responsáveis pela produção aproximada de 21 por cento do feijão estadual — ajudando o Paraná a manter sua liderança nacional nesta cultura —, eles assistiram à formação de geadas e estiagens nas últimas três safras. Mas não desistiram, mesmo concorrendo com a soja, tanto em área como em preços, e dela recebendo a pior das consequências: a mosca do mosaico-dourado (*Bemisia tabaci*), que costuma migrar da soja já amarelada para o feijão em crescimento, onde ocasiona perdas de até 100 por cento. Além disso, os agricultores da região tiveram ainda que conviver com a pecha de “falidos” em todo o território brasileiro, pois só no final de 1986 e início de 1987 mais de 1.700 ações de leilões de terras foram tornadas públicas, fruto de um endividamento generalizado que obrigou muita gente a abandonar a propriedade e buscar sustento no meio urbano ou como bóia-fria.

Agora, preparando a safra das águas 87/88 (que representa praticamente 90 por cento da safra total de feijão do Paraná), e estimulados tanto por um refinanciamento das dívidas bancárias como também por uma conjuntura que diminuirá a área do milho, eles implantariam 99.950 hectares de lavouras de feijão carioca, sobretudo em lavouras solteiras. Porém, outra vez o tempo não colaborou, e já se tem como certa uma redução de 13,5 por cento na área plantada e uma quebra de 10 por cento na produção estimada, que deveria alcançar cerca de 65 mil toneladas, com▷

## Balanças

## Cambé



- Bovinos
- Suínos
- Industriais
- Rodoviárias
- Plataforma para 200/300
- Balcão 150kg
- Semi-Roberval 10kg

Caixa Postal 149 - Telefone:  
(0432) 53.1745  
86.180 - Cambé - PR

**Aceitamos representantes  
para todo o Brasil**

**CAIXAS D'ÁGUA**  
PARA FAZENDAS

Capacidades de 5.000 mil até 300 mil litros.  
30 anos de experiência. Mais de 1.000 caixas fabricadas e montadas em todo Brasil.



**CALDEIRARIA  
BRASIL**

Sede: Av. Mauá, 1248 Fone(0442) 22-2692  
Caixa Postal, 825 Tlx(442) 016 Maringá - PR

LIGUE-NOS:

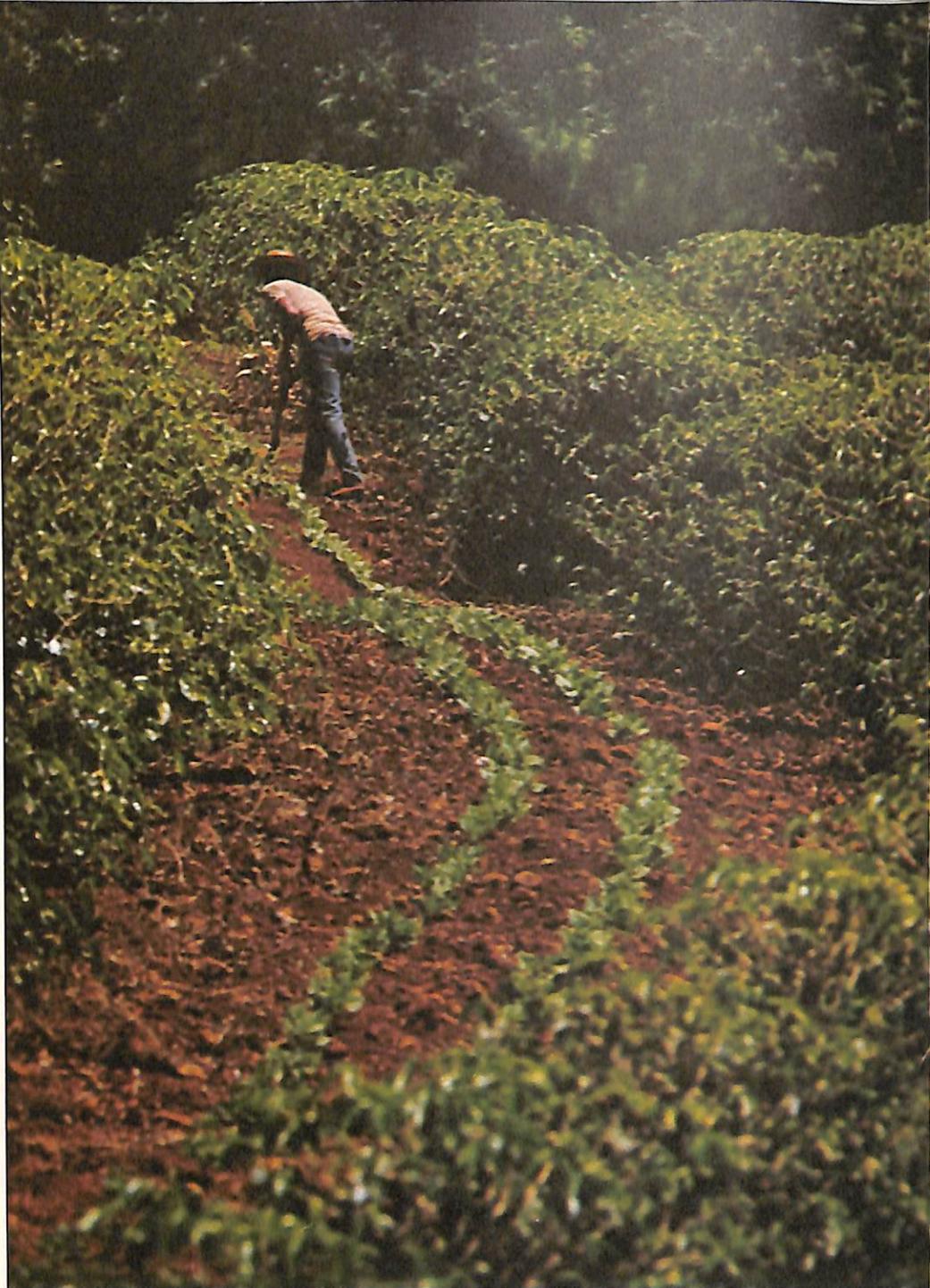
**(0442) 22-2692**

um rendimento médio de 651 quilos/ha.

“Esperávamos uma safra excelente”, afirmou o agrônomo Sérgio Carlos Empinotti, chefe do Departamento de Economia Rural (Deral), do núcleo regional da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento de Ivaiporã, “mas o frio de setembro, acompanhado de ventos fortes e falta de chuvas prejudicaram a cultura”. Segundo Empinotti, nem o fato da região ter terras boas na maior parte (terras roxas estruturadas, que já serviram para produzir café até meados da década de 1970), poderá reduzir o impacto da frustração da safra. O mesmo pode-se deduzir do sopro de alento que veio com o refinanciamento das dívidas bancárias. Pelo contrário. Segundo os técnicos da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento, tal medida vai se refletir em menos tecnologia e, por consequência, em uma produtividade menor ainda. Sem dinheiro suficiente para investir na lavoura, os agricultores da região do Vale do Ivaí usarão menos adubos, cultivares piores e mais mão-de-obra braçal. Por este motivo, eles correm o risco de baixar perigosamente seu rendimento médio dos últimos anos (de 600 quilos/ha) para níveis pouco acima da média estadual (de 511 quilos/ha). Mesmo assim, eles deixarão à distância seus colegas em nível nacional, que na última safra colheram míseros 401 quilos/ha.

**Itaipu: uma das causas** — Na tentativa de identificar os motivos para o clima irregular que vem se verificando na região nos últimos tempos, os técnicos não pouparam críticas. A mais evidente delas se refere ao próprio manejo da lavoura de feijão, cultivada desde o desbravamento, há 20 anos, através de práticas erradas, como a queimada das restevas e a não-adoção de terraceamento e curvas de nível. O alvo, entretanto, é maior, e inclui também uma política de preços mínimos desestimulantes — que obriga o agricultor a usar cultivares menos resistentes às intempéries — e ainda a formação do imenso lago da hidrelétrica de Itaipu — responsável por aberrações meteorológicas como as baixas temperaturas de seis graus centígrados verificados em setembro.

“Os preços mínimos até que estão razoáveis”, concorda Empinotti, “mas se a produção for boa, o produtor vai ter que entregar o feijão para o cerealista, e os preços cairão”. Não se pode esquecer, continua ele, que “falta uma



**Consórcio feijão-café em Apucarana: menos lavouras casadas este ano**

estrutura de estoque e que, apesar de termos cinco cooperativas de grãos atuando na região, falta uma consciência cooperativista”. E sobre comercialização, ele revela que 60 por cento da produção regional vão para São Paulo, enquanto que outros 10 por cento vão para o Nordeste, especialmente Bahia, principal concorrente do Paraná na liderança brasileira de produção de feijão. No ano passado, por exemplo, as três safras anuais paranaenses (das águas ou normal, da seca e a chamada “safrinha” ou safra de inverno) rende-

ram modestas 215 mil toneladas, ao passo que as duas safras anuais baianas atingiram um total de 323 mil toneladas. O desempenho paranaense foi considerado o pior dos últimos cinco anos e lhe custou o título de maior produtor nacional. Este ano, auxiliados pela “seca verde” que arrasou a lavoura baiana, os paranaenses foram à desforra e produziram 404 mil toneladas, resgatando o título com orgulho. E conforme estimativas do Deral, não há intenção de voltar a perder a vanguarda: em 1988, para uma área plantada de 710 mil hectares (já contabilizada uma redução média estadual de 3,5 por cento), os agricultores paranaenses esperam colher, no conjunto, algo em torno de 500 mil toneladas, uma respei-

tável quantia que dificilmente seria ultrapassada pela Bahia, mesmo que esse estado não sofresse os efeitos do clima semi-árido, reconhecidamente mais impiedoso que as desordens meteorológicas do Paraná.

**Com técnica, mais lucro** — Mesmo na terra do feijão paranaense, a tecnologia empregada pelos produtores muitas vezes deixa a desejar. Contudo, ao longo de mais de 20 anos com a cultura do feijão, alguns avanços já podem ser identificados. É o caso, por exemplo, da crescente valorização de insumos básicos, como sementes selecionadas. Este ano, cálculos dos técnicos da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento de Ivaiporã indicavam que mais de 60 por cento das sementes utilizadas foram sementes melhoradas, oriundas de Rondônia, repassadas aos produtores através do “Programa de Renovação Genética” da secretaria. Tal trabalho, segundo o veterinário Rosenverte Sebastião Rocha, chefe no núcleo de Ivaiporã, e o agrônomo Alberto Carlos Moris, chefe da regional da Acarpa-Emater, é especialmente voltado para salvar a pequena propriedade, que tem sofrido mais vezes que avanços. Con-

forme os técnicos, a situação dos pequenos se agravou sobretudo a partir de 1985, quando mais de 10 por cento deles tiveram que deixar suas terras. A crise, entretanto, é mais antiga, e remonta ao período 77/78, quando uma grande seca arrasou as esperanças dos agricultores que plantaram soja. Por isso, Ivaiporã está no centro de uma série de programas estaduais que visam tornar a pequena propriedade mais rentável, incluindo desde cinco postos de monta para incentivar o uso da tração animal até a instalação da infraestrutura básica para comunidades iso-

ladas, como eletrificação, armazenagem, açudes e poços.

A partir de 77/78 se diagnosticou, inclusive, uma outra tendência: a diversificação. De acordo com Empinotti, “notamos que aqueles que mexem exclusivamente com lavoura vão mal, enquanto que aqueles que integram lavoura e pecuária melhoram de padrão de vida”. Dessa maneira, Ivaiporã começou a formar uma expressiva bacia leiteira, baseada em mestiços girolandos. “A diferença”, conta o agrônomo, “é que antes se usava mais colômbio como pastagem, e hoje vemos▷

As contas de José Joaquim (por alqueire = 2,4ha)			
Despesas	Cz\$	Receitas	Cz\$
trator	2.000	se colher uma média de	
adubos e corretivos	3.000	2.020 quilos por alqueire, o	
plantio	1.000	produtor terá um rendimento	
defensivos	3.000	aproximado de	35.400
sementes <sup>1</sup>	3.200		
colheita <sup>2</sup>	3.000		
bateção <sup>3</sup>	1.200		
capinas <sup>4</sup>	—		
juros bancários	4.000		
<b>TOTAL</b>	<b>20.400</b>		<b>35.400</b>
<b>LUCRO LÍQUIDO 15.000</b>			

Obs.: preços de out/87  
<sup>1</sup> — parte das sementes não é comprada, pois o produtor usa também sementes próprias;  
<sup>2, 3 e 4</sup> — nestas operações, usa-se também mão-de-obra familiar; a capina, neste caso, é executada somente por familiares.

**UNIROYAL  
QUÍMICA**

# Receita de produtividade.

Trabalho - Pesquisa - Tecnologia

Estes são os três ingredientes básicos aplicados em todos os produtos criados e fabricados pela Uniroyal. A Uniroyal, pioneira ao longo de 4 décadas em lançamentos de produtos agroquímicos no mercado mundial, produz a mais avançada linha de defensivos agrícolas, que proporciona aos agricultores a receita das melhores colheitas a baixo custo.



**PLANTVAX 750 PM**  
Fungicida sistêmico, indicado para cultura de feijão.



**ROYALTAC-BR**  
Antibrotante para cultura de fumo.



**OMITE**  
Acaricida específico, com ação ovicida, indicado para as culturas de: algodão, citrus, morango, tomate e roseiras.



**TERRACLOR 750 PM**  
Fungicida para tratamento de sementes. Indicado para: Algodão, trigo, cevada, aveia e feijão.



**TERRAZOLE-350 PM**  
Fungicida, para o tratamento do solo em culturas de plantas ornamentais.



**VITAVAX-THIRAM**  
Mistura do fungicida sistêmico Carboxin com o fungicida de contato Thiram. Indicado para culturas de: trigo, soja, algodão e amendoim.

**UNIROYAL QUÍMICA S/A**

Divisão Agroquímica - Av. Morumbi, 7.029 - Cx. Postal 21.485 - CEP 05650  
Tel.: 533-0222 - Telex: (011) 23974 UNYL BR - São Paulo - SP.

mais estrela-africana, braquiária e bri-zantão”. Essa tendência, no entanto, não é generalizada. Existem vários casos de pequenos agricultores que mesmo atuando apenas na área agrícola conseguem manter uma certa lucratividade, através da adoção de tecnologia simples e barata. É o que acontece com José Joaquim da Silva Filho, que sempre plantou feijão no seu sítio Nossa Senhora Aparecida, no distrito de Água do Milagre, em Ivaiporã. Conta ele: “eu cheguei a ter 8.000 pés de café, mas como não dava nada, por causa do vento frio, acabei com o cafezal e ampliei a área do feijão”. Nos 12 hectare do sítio, no mínimo 40 por cento da área sempre foram destinadas ao feijão carioquinha, que rende médias de 1.250 quilos/ha. No entender do agricultor, esse resultado invejável, que é o dobro do rendimento médio regional, é resultado direto de suas técnicas de conservação dos solos. “Se queimar a palha, acaba com a terra”, afirma ele, acostumado a plantar o feijão em resteva de trigo. Sua experiência aponta ainda outra medida fundamental: “feijão tem que plantar cedo, para evitar os problemas de seca”, informa, “e proteger contra os ventos”.

Na prática, porém, seus cuidados vão mais longe. No ano passado, José Joaquim distribuiu 2,4 toneladas de calcário em cada um dos sete hectares que plantou feijão este ano, esperando colher uma média de 920 quilos/ha. E garante, fazendo cálculos de custo e benefício, que lucrará aproximadamente Cz\$ 15 mil por alqueire, ou Cz\$ 6,2 mil por hectare (ver quadro). Seus gastos são menores, porque em algumas operações como a capina e a colheita os próprios familiares são envolvidos. “Mas mesmo que eu contratasse 10 pessoas para realizar duas capinas na lavoura, ainda ganharia dinheiro”, confessa ele.

Além disso, como se trata de uma lavoura praticamente limpa, os tratamentos culturais se restringem ao controle das doenças, em especial a ferrugem, e à colheita e bateção. Seu sucesso no feijão, entretanto, também depende da política agrícola do momento. “O preço mínimo está muito baixo”, reclama José Joaquim, “pois antes eu comprava três sacos de adubo com um saco de feijão; agora, eu preciso pagar com dois de feijão, e o adubo não pára de subir. E tem outra coisa: os juros do financiamento bancário estão comendo mais de um saco e meio de feijão por hectare, e assim não dá”, finaliza ele. □

## Cooperativismo

*A agroindústria cooperativa já detém 16% do parque industrial do PR. E quer mais.*

# Do insumo à agroindústria

O cooperativismo sofreu desgastes sucessivos na sua imagem em decorrência especialmente dos escândalos ocorridos em estabelecimentos gaúchos do setor. No entanto, o setor permanece prestigiado e preservado no Paraná. A comprovação não é observada somente no desempenho produtivo, mas também no engajamento de pessoas que ano a ano se filiam às cooperativas. Os números atestam: são 378.520 associados, dos quais 193.541 são produtores agropecuários. Em termos econômicos, está em franco crescimento, participando com 61 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) estadual e prestes a apresentar um faturamento bruto em 87 que vai beirar os Cz\$ 200 bilhões, cerca de 426 por cento superior ao do ano passado.

Com esta performance invejável, as cooperativas são acusadas frequentemente de conviverem com o vírus do gigantismo. “Volta e meia nos acusam

disso”, confirma Wilson Thiesen, presidente da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar), entidade premiada recentemente com o troféu **Destaque/87 — A Granja do Ano — Produtor de Trigo**, uma vez que as cooperativas paranaenses respondem por 45 por cento da produção brasileira deste cereal. No entender do dirigente, “ainda somos muito pequenos e, em algumas áreas, precisamos crescer muito mais”, frisando que a principal razão da existência do cooperativismo é a prestação de serviços ao produtor rural; “somos o seu agente de defesa”, completa.

Seja como for, não há como negar que pelo menos as 72 cooperativas agropecuárias vêm abocanhando grandes fatias da produção de alimentos no estado. Como exemplo, pode-se citar a soja, o trigo, o algodão e o leite, onde o setor é responsável por mais da metade do que é produzido no Paraná, en-

Tabela 1 — Número de cooperativas, por modalidade, no Paraná — 1986

Categorias	Número de Cooperativas	Número de Associados
Confederação*	1	15
Centrais Agropecuárias*	6	56
Federações*	2	19
Central de Crédito Rural*	1	18
Central de Coelhos*	2	27
Agropecuárias	72	193.546
Criadores de Coelhos	28	1.149
Eletrificação	13	10.986
Trabalho/Serviços	22	6.487
Consumo	20	25.541
Crédito Rural	18	5.827
Escolares/Escola	127	18.007
Habitacionais	12	12.319
Crédito Mútuo	4	4.658
<b>Total</b>	<b>317</b>	<b>278.520</b>

\* Não-computados no número total  
Fonte: Ocepar

Tabela 2 — Participação das cooperativas na produção paranaense — 1986

Produtos	Participação das Cooperativas (%)
Soja	68
Trigo	80
Milho	31
Feijão	30
Arroz	19
Café	33
Algodão	58
Cana-de-açúcar	29
Leite comercializado	70
Leite pasteurizado	92
Aves	17
Suínos	44
Bovinos	1

Fonte: Ocepar



Thiesen:  
"ainda  
somos  
muito  
pequenos"

quanto no milho, feijão, café e cana-de-açúcar a participação cai para cerca de 30 por cento (Tabela 2).

**Agroindústria cresce** — A entrada das cooperativas no setor agroindustrial aconteceu a partir de 1976, quando os seus líderes não mais se conformavam em ser simples repassadores de matérias-primas às indústrias. A época era de crise no País, com redução dos subsídios, do crédito e do volume total de recursos destinados ao setor primário, culminando com uma diminuição drástica nos preços dos produtos agrícolas. Sem outra alternativa, as cooperativas partiram para o processo de agroindustrialização com recursos próprios, embora os maiores empreendimentos nesta área remontem ao período em que era farto o crédito oficial.

A atuação em todo o processo produtivo é, segundo Thiesen, um compromisso do cooperativismo para com seu associado. "Hoje, fornecemos os insumos, produzimos a semente de boa qualidade, armazenamos a produção, comercializamos no mercado interno e externo e industrializamos", diz, sublinhando que a agroindústria cooperati-

# CATERPILLAR

*Informa*

## PROJETO MORADA NOVA. PRODUÇÃO DAS MÁQUINAS - 1.

Os tratores agrícolas D4E SA e D6D SR enviados pela Caterpillar para o projeto Morada Nova, no Ceará, com o apoio técnico do DNOCS, encontram-se em plena operação e vêm alcançando resultados altamente satisfatórios.

Os trabalhos de macronivelamento estão sendo realizados com escrêiper Rome ER 1070-A, tracionado pelo D6D SR (Super Rural) e se encontram praticamente finalizados, tendo-se conseguido uma produção horária de 190m<sup>3</sup> em 3ª e 5ª marchas à velocidade de até 6,5km/h. Nesta fase do trabalho, o D6D SR mostra a sua versatilidade utilizando a lâmina frontal para eliminar as irregularidades de maior volume no terreno facilitando bastante a operação de carregamento do escrêiper rebocado.

No micronivelamento está sendo utilizado o D4E SA equipado com caçamba sem fundo (conhecida como "rufa") e vem produzindo 1,5 hectare por hora operando em 5ª marcha a 8,2km/h. Complementando o trabalho de acabamento final, o D6D SR é equipado com plaina niveladora que é tracionada em 5ª marcha a 7,3km/h



CATERPILLAR, CAT e  são marcas da Caterpillar Inc.

o que permite uma produção de 1,5 hectare por hora.

Em edições subsequentes do Caterpillar Informa iremos detalhando a produção alcançada pelos tratores agrícolas Caterpillar com todos os outros implementos colocados à disposição pela Rome para o projeto de regularização do solo em Morada Nova.

 **CATERPILLAR**

*Seu investimento em valor*

# VOCÊ VIRA A CHAVE,



PARA O AGRICULTOR QUE PROCURAVA UM TRATOR COM MAIOR POTÊNCIA E COM MENOR CONSUMO, A FORD NEW HOLLAND APRESENTA: TRATOR FORD 7610 TURBO COM 103 CV! O MODELO

DE TRATOR QUE VEIO DAR MAIS FORÇA E POTÊNCIA À NOVA LINHA DE TRATORES FORD FORÇA II. MAIS FORÇA E POTÊNCIA PARA OPERAÇÕES DE CAMPO QUE PRECISAM SER REALIZADAS DE

FORMA RÁPIDA, ECONÔMICA, EFICIENTE E PRODUTIVA. MAIS FORÇA E O MELHOR DESEMPENHO EM QUALQUER TIPO DE TERRENO. MAIS FORÇA NO NOVO SISTEMA

DE SEGURANÇA E PROTEÇÃO AO OPERADOR, ORIGINAL DE FÁBRICA, QUE INCLUI, ENTRE OUTROS ITENS:

- ARCO DE SEGURANÇA [SANTO ANTÔNIO].

# ELE VIRA UM GIGANTE.



TRATOR FORD 7610 TURBO - 103 CV (DISPONÍVEL NAS VERSÕES 4 x 2 e 4 x 4)

- CINTO DE SEGURANÇA.
- CAPOTA COM ESTRUTURA REFORÇADA.
- MAIS FORÇA NA INSUPERÁVEL QUALIDADE E DURABILIDADE DOS TRATORES FORD QUE VOCÊ JÁ

CONHECE MUITO MAIS DO QUE UM BOM TRATOR. O NOVO 7610 TURBO É UM GIGANTE PARA TRABALHAR. VENHA TESTAR AGORA MESMO MAIS ESTE GIGANTE DA NOVA

LINHA DE TRATORES FORD FORÇA II NO SEU DISTRIBUIDOR DE TRATORES FORD.

**FORD FORÇA II**  
RENDE MUITO MAIS



va participa com um percentual de 16 por cento do parque industrial paranaense. "O processo de agroindustrialização", sustenta, "se explica para que possamos viabilizar o processo produtivo". O presidente da Ocepar afirma que é preciso criar mercados para absorver os excedentes, "pois as cooperativas têm o compromisso de adquirir tudo que o produtor produz".

Na base está o associado consciente, um aspecto muito importante, e que define os próprios rumos do cooperativismo. Foram os associados que pressionaram as cooperativas a entrar na área de insumo, comercializando o adubo, a semente, a preços menores, reduzindo os custos de produção. Assim também ocorreu na área de pesquisa, onde a Ocepar mantém dois centros que buscam sementes mais produtivas e adequadas à cada região. Esta consciência, conforme Thiesen, é exercitada nos comitês educativos, considerados elos de ligação entre o associado e a administração da cooperativa.

**A gangorra da política agrícola** — Quanto à política agrícola praticada atualmente no Brasil, o dirigente cooperativista tem uma certeza: "não há política agrícola estável, e é incrível como o produtor sofre sempre, haja o que houver", queixa-se Thiesen, recordando os tempos do Cruzado I, quando os agricultores tiveram os preços dos produtos congelados em baixa e seus empréstimos atualizados pela correção monetária. "Ainda bem que houve sensibilidade e o entrave foi resolvido satisfatoriamente em relação aos créditos oficiais, embora quem tomou dinheiro no mercado continue sendo obrigado a pagar o que deve com a correção, o que, convenhamos, é uma grande injustiça", acusa.

Justamente devido às mudanças nas regras do jogo em pleno jogo, é que as cooperativas defendem na Constituinte a obrigatoriedade de uma lei agrícola para o País, como acontece na Europa e nos Estados Unidos. "Atualmente, é impossível orientar os produtores", enfatiza, "pois não temos idéia de nada, de produção, de comercialização e assim por diante. Basta verificar o que aconteceu no ano passado com a importação de vários alimentos como arroz, leite em pó e suínos, quando obtivemos produção recordes em várias áreas".

Por outro lado, Thiesen ressalta que a falta de uma política clara e recheada de interrogações se reflete na vida de todos. "O Brasil, no setor agrícola, es-

tá praticamente parado, aguardando respostas de como o governo desovará seus estoques, como resolverá o problema da falta de recursos, dos preços mínimos insuficientes, da falta de liberdade no mercado, da liberação de alguns insumos. São dúvidas que temos e não sabemos como proceder", admite. O presidente da Ocepar sugere uma flexibilização mensal de preços, com a gradativa correção dos produtos

agrícolas, evitando que o governo seja novamente o grande comprador das safras, "o que é uma enorme distorção no mercado".

Outra preocupação do dirigente cooperativista se prende ao fato de que os pequenos e médios produtores, com a verdadeira confusão que virou a agricultura e pelo acúmulo de dívidas, se afastem cada vez mais da tecnologia. "E quem se afastar da tecnologia, da



Paula e a usina de álcool: Corol é prestadora de serviços

## Filiado ganha sempre

*O ciclo do café prosperava na década de 60, quando 25 produtores, cansados de enfrentar problemas na comercialização, resolveram fundar em 1963 a Cooperativa Agrícola dos Cafeicultores de Rolândia Sociedade de Responsabilidade Ltda. Nascia ali uma entidade que ficaria conhecida em todo o estado pela sigla Corol — Cooperativa Agrícola de Rolândia Ltda., considerada ainda hoje uma pequena cooperativa, ocupando, respectivamente, o quarto lugar no recebimento de produtos, o 21.º em número de associados, 20.º em faturamento e a 25.ª posição entre todas as empresas paranaenses para receita operacional líquida.*

*Pequena cooperativa com todo este desempenho? A resposta do atual presidente da Corol, Eliseu de Paula, que está no cargo desde 1979, vem rápida: "somos realmente pequenos", sustenta, revelando que atualmente a entidade possui 3.700 associa-*

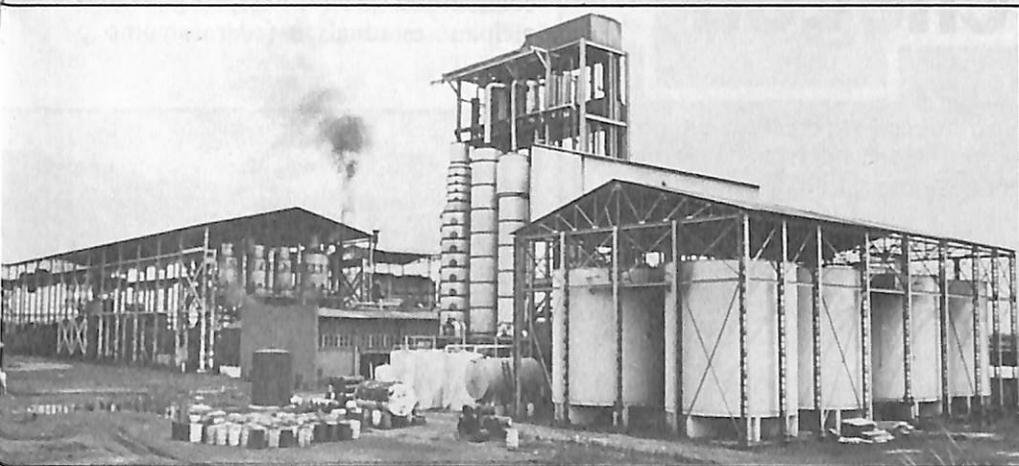
*dos e um quadro funcional de 919 pessoas. "Não somos grandes", reitera, dizendo que a cooperativa vem crescendo conforme as necessidades da região, onde atua em cinco municípios: Rolândia, Jaguapitã, Arapongas, Sabáudia e Cambé.*

*Atualmente, a Corol recebe 25 diferentes produtos, entre os quais milho, trigo, soja, café em coco, arroz, feijão, cujo recebimento este ano foi de 3,34 milhões de sacas, além de algodão (540 mil arrobas) e leite. No caso do leite, a produção da Corol, Cooperativa Agropecuária de Porecatu (Cofercatu), a Cocafé, de Astorga, e Canorpal, de Apucarana, é toda reunida numa central, a Cooperativa Central Norte, que recebe diariamente 51 mil litros, dos quais 20 mil litros, do tipo "C", são comercializados in natura.*

*"Filiado ganha sempre" — Como não poderia deixar de ser, todo o associado da Corol tem participação ativa, atuando nos comitês e comissões específicos de cada área. "Nas comissões de soja, milho, sementes e algodão", diz, "nós chegamos a discutir os preços que a cooperativa vai pagar por produto durante a safra, entre técnicos e produtores, o que sem dúvida é um grande avanço". Além disso, todos os associados têm direito a voto, embora sejam classificados de acordo com a entrega de*

pesquisa”, alerta, “terá rendimentos menores e dificilmente conseguirá sobreviver na atividade”. No cerne desta questão está o crédito, que nada mais é do que o suporte para a produção nos seus diversos aspectos, entre os quais o acesso à tecnologia. “Precisamos de um cooperativismo de crédito forte”, apregoa, acrescentando que o recurso gerado na agricultura deve ser aplicado na agricultura, “e isto não vem ocor-

rendo hoje”. Para ele, o crédito orientado e que chegue no momento certo só vai ser obtido quando as cooperativas de cada estado formarem suas centrais e estas estiverem ligadas ao Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC). “Antes, temos que eliminar uma série de ‘não pode’ que existem em termos legais, o que deixou o cooperativismo de crédito numa verdadeira camisa-de-força”, finaliza Thiesen. □



produtos na cooperativa.

“O nosso associado tem que ganhar sempre”, garante Eliseu de Paula, lembrando que desde a hora de comprar os insumos até o momento de vender o produto a cooperativa está ao seu lado, para que o rendimento seja maior. Apesar disso, nenhum associado tocou num único centavo do lucro líquido de 1986, de Cz\$ 19,6 milhões, dos quais Cz\$ 9,8 milhões foram sobras que ficaram à disposição da assembléia geral ordinária. “Até hoje, as nossas sobras nunca foram distribuídas, sempre foram capitalizadas na cooperativa para novos investimentos”, esclarece. Para ele, a cooperativa não é uma empresa cujo fim principal é o lucro e a sua divisão entre sócios, “mas uma prestadora de serviços aos associados. Devemos e estamos nos especializando nisso. As vantagens para o nosso associado”, reafirma, “são muitas, como o recebimento de um preço real pelo produto comercializado, a compra de insumos a preços inferiores ao mercado e a garantia de que a cooperativa estará do seu lado, venha o que vier”.

Este “ao lado do produtor” é baseado num departamento técnico formado por 13 técnicos agrícolas, nove agrônomos, dois zootecnistas e sete veterinários, que permanentemente estão em contato com os produtores associados. Eles também têm ao seu dispor uma oficina mecânica para conserto de tratores e caminhões e uma patrulha mecanizada, que desenvolve atividades de conservação de solo, estradas e serviços

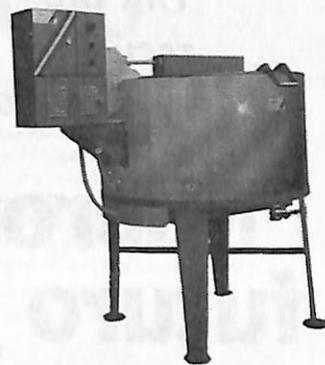
pesados nas propriedades. Do patrimônio da Corol, constam a destilaria de álcool, com capacidade de 30 a 32 milhões de litros por safra; uma frota com 48 caminhões; armazéns com capacidade de estoque de 112.310 toneladas, que até o final do ano aumentará para 137.510 toneladas; uma fábrica de rações e concentrados; e uma unidade de beneficiamento de algodão que processou, em 86, 378.870 arrobas do produto em caroço e em pluma.

Nos planos futuros, começa este ano a construção de um frigorífico para abate de aves, suínos e bovinos. “Ainda não havíamos entrado no setor de carnes, mas era o caminho natural que pressentíamos, pois muitos produtores nos cobravam esta providência”, ressalta o presidente da Corol. De acordo com ele, a idéia da cooperativa e dos seus associados é diversificar ao máximo a produção, garantindo um equilíbrio nos rendimentos. Dentro deste espírito, a Corol inaugurou uma área de confinamento para 100 bois que deverá atingir até 10 mil animais nos próximos anos, alimentando-os com resíduos da destilaria de álcool.

Por tudo isso, Eliseu de Paula entende que, apesar dos pesares, o ano agrícola 86/87 foi um bom ano, com recordes nas produções e recebimento de cereais. “Os resultados dos balancetes são ótimos e deveremos fechar o ano com um faturamento bruto da ordem de Cz\$ 1,4 bilhão, com um lucro líquido estimado em cerca de Cz\$ 100 milhões.” □

# FARTURA

A MÁQUINA DE PRODUZIR LUCROS



Única máquina do gênero patenteada (MU 610.0339), a “Fartura” produz extrato hidrossolúvel de soja para consumo animal, que substitui o leite in natura consumido pelo bezerro e diminui o custo de produção dos suínos. Trate seus animais com “Fartura” e passe a ter lucros.

**ORDÉPAR**

INDÚSTRIA DE MÁQUINAS  
PROLEITE LTDA.

Av. Tiradentes, 4237 - Fones: (0432) 24-1258 e  
27-5732 - 86.020 - Londrina - PR

## POSTES DE EUCALIPTO TRATADO

Para eletrificação  
rural, eletricidade,  
telecomunicações,  
até 26 metros.  
Tratamento sob alta  
pressão com  
creosoto. 50 anos de  
durabilidade.

**icotema**<sup>®</sup>  
INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE TRATAMENTO DE MADEIRAS LTDA

Fábrica em Itu: Cx. Postal 165,  
Fone: 409.1611, 13300, Itu/SP,  
São Paulo: Fone: 826.5188.

## Preservação

*Um projeto integrado para recuperar e conservar solos. São 900 microbacias até dezembro*

# Microbacias: o futuro já chegou

**A** cobertura florestal primitiva do Paraná, que há mais de 50 anos era de 16,4 milhões de hectares (83 por cento da área do estado), caiu drasticamente para um milhão de hectares, ou 5,1 por cento do total. Um dos responsáveis por esta queda foi o ciclo da madeira, na década de 30, a

partir do qual se perpetuou um processo crescente da derrubada de matas, sem qualquer noção de preservação do ambiente. Com isso, a quantidade de solo erodido arrastada anualmente para os rios aumentou e, segundo dados da Superintendência de Recursos Hídricos e Meio Ambiente (Surehma),

## Mais arroz na irrigação por patamar

*O sistema de irrigação por patamares surgiu no altiplano andino, como produto do engenho inca para aproveitar o terreno em desnível, ou no sudeste asiático, onde a falta de espaço físico obrigou o cultivo das encostas dos morros? A dúvida é histórica, mas qualquer que seja a versão correta, o certo é que a técnica permanece no tempo e já vem sendo utilizada no Brasil há, no mínimo, 20 anos, servindo como manejo básico para o aproveitamento de terras dobradas.*

*Uma das regiões do País onde o sistema vem conquistando adeptos é a de Rolândia, município do norte do Paraná, de colonização alemã, que já conta com mais de mil hectares de arroz irrigado por este processo. E um dos produtores que recentemente adotou a técnica é José Antônio Vanzella, que dos 264 hectares com o plantio básico de soja, milho e pasto, destinou 18 para a irrigação (dos quais são efetivamente plantados 12 hectares).*

*Este descendente de italianos, cuja família ali se estabeleceu com café em 1936, resolveu plantar arroz irrigado em patamares em 1983, e já no ano seguinte colhia uma produção de 70 mil quilos, ou 5.833 quilos/hectare, o equivalente a 1.400 sacos de*

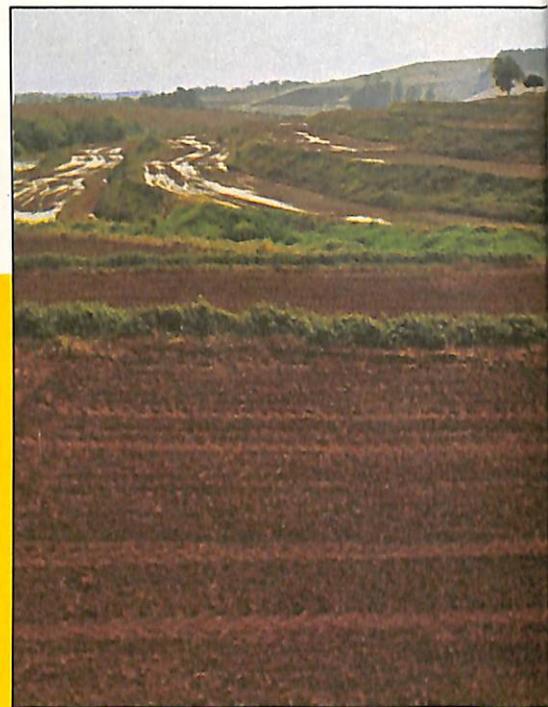
*50 quilos. "Éxito total", recorda entusiasmado. Em 85, produziu um pouco menos: 62.500 quilos, com produtividade de 5.208 quilos por hectare. Também foi um ano muito bom, e Vanzella, que divide a administração da propriedade, Fazenda Vale do Sol, com o cunhado, continuou neste caminho. "Aí veio o desastre", se entristece, lembrando que inexplicavelmente a produção caiu para 27.500 quilos, com produtividade de 2.291 quilos/hectare.*

*Apesar do mau comportamento da última safra, o produtor considera que a tecnologia "aprovou", sustentando que o arroz de sequeiro, quando rende bem, resulta em 2.500 quilos/hectare, "bem abaixo de nossa produção média nos três anos, que ficou em 4.444 quilos/hectare". Agora, reconhece que este ano, referindo-se a 87, será o "tira-teima" para os destinos da irrigação, que poderá no futuro abrigar a soja ou o milho, se os preços do arroz não compensarem.*

*Manejo e custos — O trabalho com a irrigação por patamares não é difícil; basta, é claro, ter uma fonte permanente de água para captação e dominar a tecnologia. No caso da Fazenda Vale do Sol, a situação é um pouco mais complicada, uma vez que a fonte d'água é o rio Ema, que abastece a cidade de Rolândia. Em vista disso, o produtor não pode utilizar herbicidas ou qualquer outro produto químico na lavoura, o que o obriga a contratação de mão-de-obra para realizar a catação manual dos inços e ervas que crescem junto à cultura. Ao mesmo tempo, a propriedade é constantemente vigiada por técnicos do Sanepar — Companhia de Saneamento do Paraná que, de forma periódica, fazem análises da água que*

anualmente, se sedimentam na represa de Itaipu e no porto de Paranaguá cerca de oito milhões de toneladas de terra provenientes das lavouras paranaenses.

Estes dados, pinçados do Programa de Manejo Integrado de Solos e Água (Pmisa), da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná, ilustram bem a preocupação das autoridades e produtores para o problema da derrubada de matas e da erosão no estado. O espírito do programa, iniciado em 1985 e que decolou com mais força a partir deste ano, parte de uma proposta governamental apoiada pela participação comunitária (produtores) e órgãos municipais, estaduais e federais como a



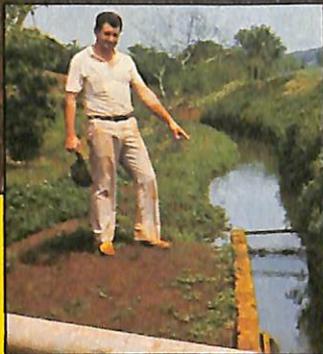
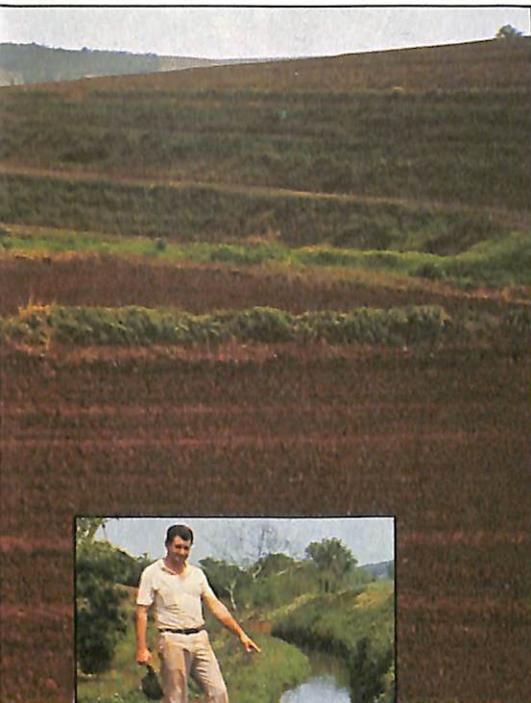
**Rolândia: terraços irrigados já são "tecnologia aprovada" por Vanzella**

*sai da lavoura e cai à jusante no rio, que segue seu curso normal até a cidade.*

*Paralelamente à construção dos patamares, Vanzella e o sócio construíram uma pequena barragem junto da qual está uma bomba movida por motor elétrico de 30Hp, responsável pela irrigação de 8,4 hectares de arrozais, já que os demais 3,6 são irrigados naturalmente por gravidade. Em linhas gerais, o produtor diz que o segredo está em nivelar bem os patamares antes do plantio, o que é feito cobrindo os tabuleiros com água e, posteriormente, completando com terra os locais que não estiverem em nível. Para fixar bem os terraços que compõem os patamares e impedir a erosão e o desmoronamento, Vanzella utilizou-se de uma plan-*

Acarpa/Emater, Instituto de Terras, Cartografia e Florestas (ITCF), Iapar e Cafe do Paraná. Os órgãos atuam de forma integrada, mas cada um dentro de sua área de ação. Assim, a Acarpa fornece basicamente assistência técnica; o Iapar gera tecnologia; a Cafe entra com os insumos; e o ITCF, com o fornecimento de mudas.

De acordo com Nestor Bragagnolo, coordenador estadual do Pmisa, o programa é de fundamental importância para o futuro do estado. Cita, por exemplo, que a área cultivada com lavouras anuais é estimada em seis milhões de hectares e a perda média de solo é de 20 toneladas/hectare/ano. "Se



ta chamada na região por "fidélis", que nada mais é do que uma trepadeira que se alastra no terreno de forma rasteira.

Satisfeito com os resultados obtidos até o momento, o produtor admite que os fatores impeditivos correm por conta do alto custo de implantação do sistema e da energia elétrica, além, evidentemente, no seu caso, da mão-de-obra. Na construção dos patamares, é utilizado o trator de esteira, cujo custo por hora em outubro, na região, era de Cz\$ 1.000,00 a hora. "Se fosse implantar o sistema hoje, certamente ele seria anti-econômico", reconhece, admitindo que chegou a pensar em desativar esta área se a energia elétrica não voltasse a ser subsidiada pelo governo. □

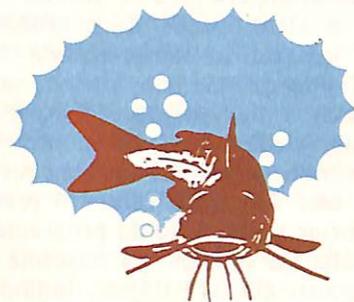
# CHANNEL CATFISH NÃO TEM COMPARAÇÃO



Veja por que a mais nova espécie de peixe criado no Brasil está revolucionando a piscicultura:

- *Maior rentabilidade*
- *Reprodução natural*
- *Onívoro (alimenta-se de tudo)*
- *Sabor inigualável*
- *Carne sem espinho*
- *Ótimo para pesca esportiva*
- *Adaptável em todos os climas*

Reserva de pós-larvas até janeiro.  
Alevinos, de fevereiro em diante.



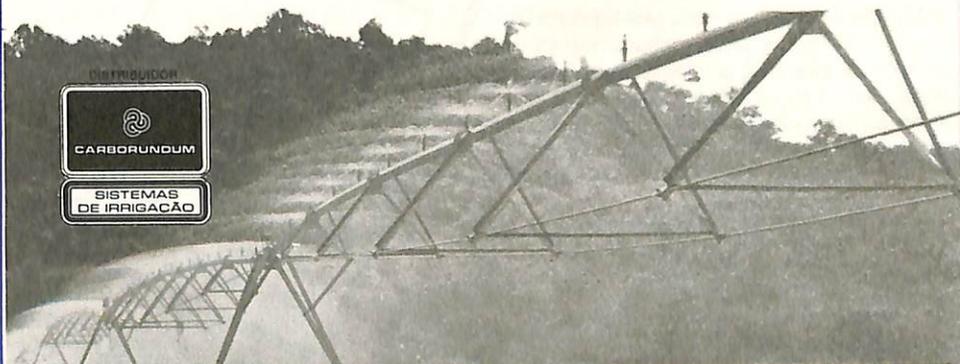
**CHANNEL CATFISH**  
**MIGUEL L. GRECHINSKI**  
BR 277 - Km 250 - Cx. Postal 5  
Telefone: (0424) 22.1268  
84500 - Irati - PR

## IRRIGAÇÃO **Paraná**

ENGENHARIA APLICADA EM SISTEMAS DE IRRIGAÇÃO:

- ASPERSÃO — Convencional
- Autopropelido
- Pivô Central
- LOCALIZADA — Gotejamento
- Microaspersão
- SUPERFÍCIE — Inundação
- Sulcos

• PROJETOS • EQUIPAMENTOS • PEÇAS • ASSISTÊNCIA TÉCNICA



**MATRIZ:** Av. Presidente Vargas, 2404  
Telefone: (0432) 56-2174 - Telex: (43) 3131  
Rolândia - Paraná

**FILIAL:** Av. Marcelino Pires, 973  
Telefone: (067) 421-9343  
Dourados - MS

considerarmos somente a perda com nitrogênio, potássio, fósforo, cálcio e magnésio, estamos jogando fora anualmente 193 milhões de dólares”, enfatiza, lembrando trabalho realizado pela Embrapa.

O objetivo do programa, segundo ele, é fortalecer a organização comunitária dos produtores, visando conscientizá-los dos problemas, incentivar a agricultura biológica e práticas que preservem o solo (rotação de culturas, plantio em palha ou direto), entre outras medidas desta natureza.

**Microbacias** — A execução destas medidas iniciará através do município com a identificação de microbacias, área geográfica compreendida entre um fundo de vale (rio, riacho, sanga, várzeas) e os espigões (divisores de águas), delimitando os pontos dos quais toda a água das chuvas corre para este fundo de vale. Na prática, conforme a definição do programa, as microbacias iniciam na nascente dos pequenos cursos d’água, unindo-se umas às outras até constituírem a bacia hidrográfica de um rio de grande porte.



**Bernardino (em cima): é preciso paciência; Bragagnolo: milhões desperdiçados; e erosão em Campo Mourão**

Até março deste ano, existiam no estado cerca de 70 microbacias implantadas em uma área total de 140 mil hectares. Atualmente, o Departamento Operacional de Agricultura e Abastecimento (Dagri) trabalha cerca de 683 microbacias, das quais 85 foram implantadas. A meta do programa para 87 é atingir 900 microbacias, com 1,8 milhão de hectares, beneficiando mais de 73 mil produtores e abrangendo 232 municípios — dos 310 com que conta o estado hoje.



# IRRIGAÇÃO E DRENAGEM. Em nome da produtividade.

O Governo do Paraná sabe que a irrigação e a drenagem são importantes instrumentos para o desenvolvimento sócio-econômico do meio rural.

Por isso, criou e está desenvolvendo o Programa Estadual de Irrigação e Drenagem, que vai beneficiar mais de 30 mil pequenos e médios proprietários até 1990. Com o Programa de Irrigação e Drenagem, o Governo quer evitar que o Paraná continue importando de outros Estados boa parte dos alimentos básicos que consome.

A sua implantação total acrescentará 1,5 milhão de toneladas de alimentos à nossa produção atual. Mas não é só: o Programa objetiva também a viabilização da pequena e média propriedades, a fixação do homem no campo, a ampliação da oferta de empregos na zona rural, principalmente na entressafra. Busca, ainda, a melhoria da arrecadação estadual, através do incremento da receita do ICM. Para alcançar esses objetivos de relevante caráter sócio-econômico,

o Programa Estadual de Irrigação e Drenagem oferece recursos financeiros subsidiados — 50% para pequenos e 30% para médios produtores rurais —, máquinas e equipamentos para execução dos serviços, apoio e assistência técnica permanente, entre outras inúmeras facilidades.

O Paraná tem quase meio milhão de hectares de várzeas irrigáveis, que, com pequenos investimentos em drenagem e irrigação, darão ao Estado não apenas a auto-suficiência na produção de alimentos básicos, mas deverão gerar excedentes para venda a outras regiões do país. O uso racional e sistematizado de todo esse solo fértil e generoso, pode mudar a face do nosso Estado. Drenar e irrigar várzeas e meias-encostas significa produzir mais, tirar mais do mesmo pedaço de terra. Procure o órgão de assistência técnica mais próximo, para conhecer melhor o Programa Estadual de Irrigação e Drenagem. Assuma esse compromisso. O Governo do Paraná está ao seu lado



**SEAB**  
SECRETARIA DE ESTADO  
DA AGRICULTURA E DO  
ABASTECIMENTO DO PARANÁ

**Alvaro Dias**  
Governo



Foram investidos no Pmisa cerca de Cz\$ 179 milhões, com prestação de serviços como a aplicação de 81 mil toneladas de calcário, 144 mil horas de motomecanização, 1,9 milhão de litros de óleo diesel, distribuição de superfosfato a preços subsidiados e de 130 toneladas de semente de adubo verde, além de cinco milhões de mudas de essências florestais nativas e exóticas. Ao mesmo tempo, o programa subsidia abastecedores comunitários, distribuidores de calcário e esterco, rolos-faca, motobombas e arame farpado para a proteção de mudas florestais e de minas d'água.

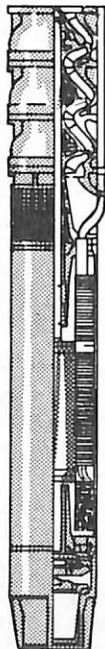
**Da teoria à prática** — Se em termos gerais o programa está bem feito, a dúvida maior é como ele vem se comportando na prática. Na região de Ponta Grossa, por exemplo, estão sendo implantadas microbacias em três comunidades (Taquaria, Moema e Tabuleiro), abrangendo 77 propriedades rurais de pequenos e médios produtores. Para o agrônomo José Bernardino Peixoto de Lima, chefe do escritório local da Acarpa e diretor-técnico da Associação Conservacionista de Ponta Grossa, as

microbacias visam ao benefício de todos os integrantes das comunidades.

Enumera como principais vantagens do projeto a diminuição da erosão, as melhores condições químicas e físicas do solo e o conseqüente aumento da produtividade. “O primeiro passo é fazer um levantamento completo das propriedades que compõem as microbacias, analisando o tipo e o teor do solo, as estradas, as beiras de rio, entre outras coisas”, diz, acrescentando que o governo ofereceu 30 toneladas de calcário para cada produtor gratuitamente. “É pouco”, analisa, “mas já é um começo”. Ao mesmo tempo, também coube ao governo subsidiar o superfosfato simples, oferecendo oito toneladas, das quais a metade foi paga pelo produtor. Com este sistema, beiras de rios estão sendo povoadas com essências nativas e exóticas e estradas mal-localizadas são refeitas, tudo visando evitar o assoreamento nos rios e a erosão.

O técnico reconhece que embora existam produtores conscientes, grande parte ainda resiste a modificações na sua propriedade. “Temos que ter paciência”, admite, ressaltando que a di-▷

# BOMBAS HAUPT



## POÇOS ARTESIANOS: IRRIGAÇÃO E SANEAMENTO

### MOTOBOMBAS SUBMERSAS HAUPT-PLEUGER

Vazões até 900m<sup>3</sup>/h

Alturas até 500m

Potência de 2,5 até 250 HP

Poços a partir de 6 polegadas

Tradição e eficiência em bombas submersas, tecnologia avançada e materiais de alta qualidade garantem muitos anos de funcionamento sem manutenção.

Usadas pelas companhias de saneamento, milhares de bombas Haupt instaladas de ponta a ponta do país fornecem água às cidades e vilas.

As culturas irrigadas de arroz, trigo e cana-de-açúcar tem sua safra garantida por poços artesianos com bombas submersas Haupt.

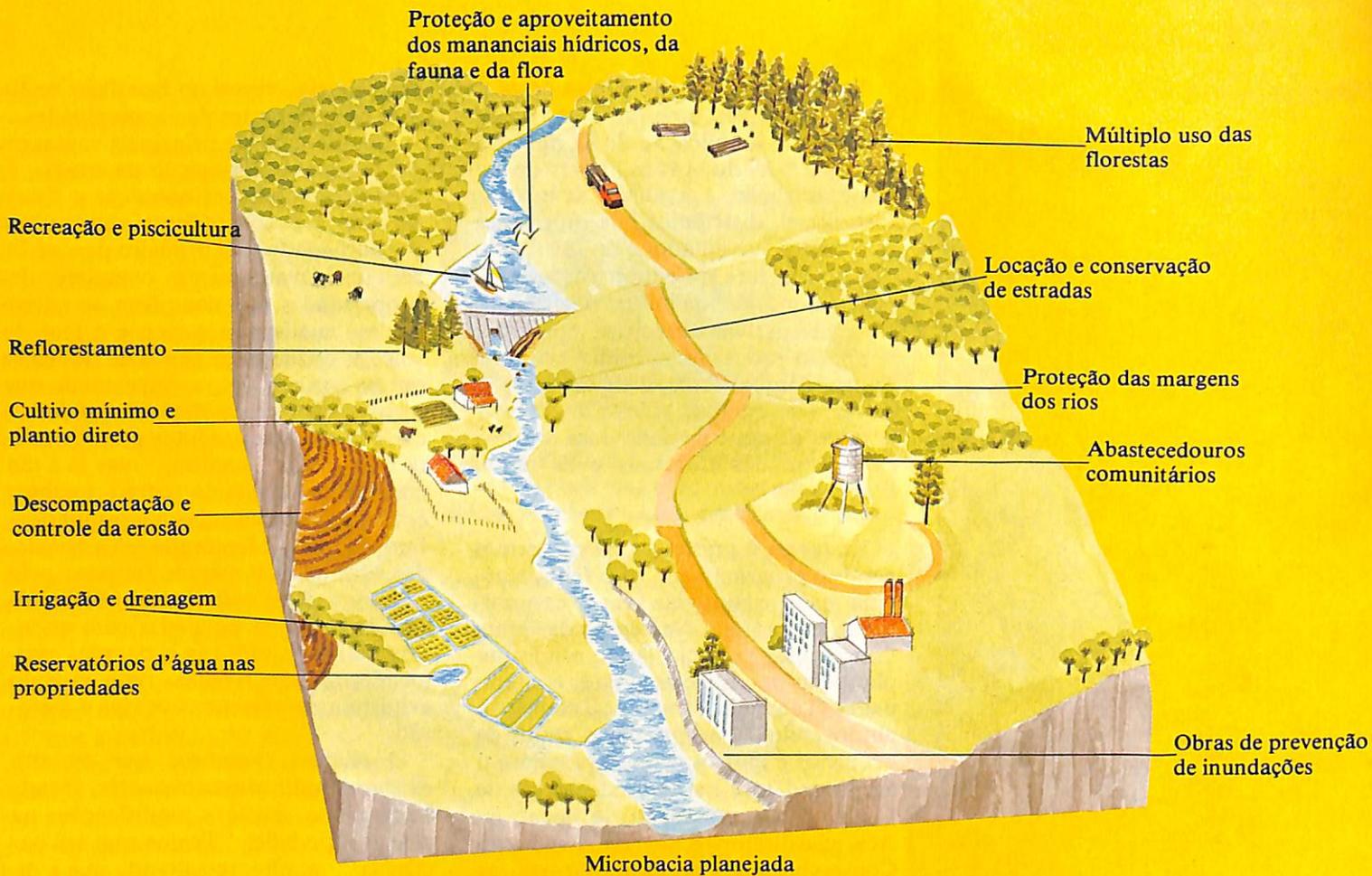
#### Características Técnicas:

- Bomba com carcaça em ferro fundido, rotores em bronze e eixo inoxidável.
- Motor elétrico trifásico, lubrificado e refrigerado a água e bobinado de alta isolamento, eixo inoxidável e mancais especiais.

UMA SOLUÇÃO DO TAMANHO DO SEU PROBLEMA.



Vendas e Assistência Técnica  
Rua Osvaldo Aranha, 1941  
Tel. 051-632-2744 · Telex 051-3685  
Montenegro - RS



# Hidro Jet

## IRRIGAÇÃO

**A MARCA QUE VALE OURO**

Bombas centrífugas para irrigação convencional, industrial, construção civil e portos de areia. Em versão mancal, facilitam o acoplamento a motores elétricos, diesel e gasolina.

**Hidro Jet**  
EQUIPAMENTOS HIDRÁULICOS LTDA.

- Tecnologia avançada.
- Garantia de qualidade.
- Revenda e Assistência Técnica em todo o país.

Rua Gov. Roberto Silveira, 444 - Fone: PABX (054) 221-2988  
Telex: (543) 716 - RIZI - BR - 95.030 - CAXIAS DO SUL - RS

fusão de práticas corretas de manejo e preservação do solo é um pouco lenta mas apresenta resultados. “Muitos esperam para ver o que vai acontecer na propriedade do vizinho, primeiro, para depois adotar procedimentos semelhantes”, conta. Se, mesmo assim, um dos agricultores que faz parte da microbacia resistir às modificações, fato que segundo ele ainda não ocorreu, “tentaremos esgotar o diálogo; caso contrário, podemos apelar para medidas judiciais”.

Basicamente, os produtores atingidos pelo programa são de pequeno porte, mas Nestor Bragagnolo ressalva que a orientação é dada também aos grandes produtores. As práticas recomendadas são variáveis: o plantio na palha ou direto para os grandes e o cultivo mínimo para os pequenos. Também a rotação é fundamental, lançando-se mão de ervilhaca, aveia, centeio — sementes, aliás, distribuídas pela Cafe do Paraná para adubação verde. Nas práticas mecânicas realizadas, ele destaca num primeiro momento os terraços, a recuperação do solo e as próprias alterações de operacionalidade das propriedades, com melhor distribuição de aguadas, divisão de piquetes para o gado, reflorestamento e até de culturas. □

Com engate metálico. Muito prático para montar ou desmontar as linhas de irrigação.

Ideal para linhas laterais que devem ser freqüentemente mudadas para uma nova posição.

Com dispositivo que impede golpes da haste basculante do engate contra a parede do tubo.

Uma solução para quem não quer ver tubo amassado no sistema de irrigação.

Fabricação utilizando composto de PVC rígido criteriosamente formulado e processo de produção rigorosamente controlado em todas as etapas.

Produto resistente às condições de agressividade do solo, da água, dos fertilizantes, dos defensivos e das radiações solares.

**Tudo azul no campo**



O mais forte também no campo

**Tubos de PVC Irriga EMS**

TUBOSECONEXÕES  
Só podia ser **TIGRE**

Siga a marca

T

TIGRE

DN 50 (2")

DN 75 (3")

DN 100 (4")

*Atacar as causas. Este é o objetivo da pesquisa no Paraná, integrada com extensão e produtor*

## Meta do Iapar não é apagar incêndios

“**A** pesquisa no Paraná estava sempre correndo atrás dos problemas, apagando incêndios, quando o seu principal objetivo é atacar as causas e não os efeitos”. Esta declaração foi feita pelo então coordenador de pesquisa da Fundação Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), Osmar Muzilli, em 1985. Passaram-se dois anos, e algumas coisas, sem dúvida, mudaram como, por exemplo, o cargo de Muzilli, que agora é presidente da instituição. Mas e a nova filosofia foi realmente implementada? Quais os resultados? No seu entender, o novo sistema de trabalho tomou conta do Iapar, que hoje atua de forma integrada com a extensão e o produtor, através da validação e incorporação de tecnologias diretamente nas propriedades.

A experiência piloto que alterou a visão sistêmica do Iapar iniciou-se, segundo conta Muzilli, em 1980 na região centro-sul do estado, através do Programa Pró-Rural. “Este programa nos permitiu os primeiros avanços nesta área, de forma a se introduzir mudanças em nível de propriedade e em nível de comunidade como um todo”, recorda, acrescentando que assim o Iapar deixou de gerar apenas uma tecnologia que ficaria na prateleira à espera de um cliente que poderia até nem vir. Assim, desde o início dos trabalhos, a pesquisa, a extensão e o produtor estavam juntos e, com a troca de idéias, a tecnologia, se aprovada, se incorporava naturalmente ao processo produtivo. A partir daí, se dava a difusão dos avanços para uma região maior, abrangendo maior número de produtores.

Na verdade, o processo começava por uma caracterização regional, com dados secundários e informações, con-



**Muzilli:**  
desenvolvimento científico e tecnológico depende da independência política e econômica



tando com produtores dispostos a participar do trabalho “Com isso”, explica, “partimos para o diagnóstico dos problemas na propriedade, que nos remeterá para as tecnologias mais apropriadas, visando atender a demanda do produtor. Trocando em miúdos, se a região é produtora de café, o programa não olha esta cultura isoladamente, mas analisa todo o quadro em seus aspectos agroecológicos e seus aspectos sócio-econômicos, embora as tecnologias disponíveis possam melhorar, no caso, a produtividade da cafeicultura na região”.

**Produtor é o termômetro** — O programa, desenvolvido pelo Iapar e enti-

dades de extensão rural, vem trabalhando com 170 produtores, no processo de diagnóstico inicial. Muzilli explica que isto não significa que se irá testar e validar as tecnologias em cada propriedade. “Tratamos de agrupá-las”, esclarece, “e para cada sistema elegemos duas ou três, onde os testes serão realizados. Se aprovadas, os produtores da região vão ter acesso às tecnologias empregadas através de dias-de-campo, palestras e reuniões”.

Este método, de acordo com o presidente do Iapar, é suave e não pressiona os produtores que não estejam dispostos a adotar os procedimentos adotados nas propriedades vizinhas. Mesmo assim, ele acompanha todas as fases do

processo e, se as tecnologias forem compatíveis com suas aspirações, poderá até mesmo adotá-las mais adiante.

Se, em sua maioria, os produtores não acatarem a tecnologia proposta, se adapta aquela ou se gera outra, “pois o processo é extremamente dinâmico e o produtor é o nosso indicador de que as coisas correm bem ou mal”, diz Muzilli. Também os recursos para estender o programa às demais regiões do estado não parecem ser empecilho. O presidente do Iapar afirma que o Pró-Rural foi considerado um projeto modelo na América Latina, tanto pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) como pelo Banco Mundial, o que tem favorecido a liberação de recursos.

Atualmente, o governo Álvaro Dias está negociando mais recursos com as fontes financiadoras, visando irrigar outro programa, o Paraná Rural, que atingirá basicamente a pequena e média propriedades. "Viabilizando este projeto", prevê, "ampliaremos nossa ação a praticamente todas as regiões agrícolas do estado, já que a nossa meta é prioritariamente atingir a pequena e média propriedades". O valor total de recursos necessários só para a pesquisa está em 30 milhões de dólares, mas Muzilli observa que o Paraná Rural envolve ainda as áreas de extensão, educação, saúde, transporte, abastecimento e armazenagem. "Enfim, o projeto contempla o desenvolvimento rural no seu todo e não só itens isolados", diz.

**Pesquisa x extensão** — A dificuldade é eterna e não é privilégio exclusivo do Paraná ou só do País: o distanciamento entre a tecnologia gerada pela pesquisa e a sua difusão para o produtor via extensão. Este projeto do Iapar praticamente elimina o espaço existente entre a pesquisa e a extensão. Apesar disso, Muzilli admite que a falta de comunicação entre a fonte e o difusor da

mensagem ainda é grave, e o próprio Iapar vem buscando uma ação mais agressiva em termos de difusão de tecnologia através da ampliação dos contatos com o seu público, o produtor, via imprensa e outros canais de comunicação.

Muzilli não concorda que, com este procedimento, o Iapar passe por cima da extensão. "Considero muito pretensiosa a intenção de o extensionista ser o tradutor da linguagem do pesquisador para o produtor", analisa, lembrando que, no fato de se traduzir alguma coisa, se perde muita informação. "Temos que aprender a falar uma única linguagem", enfatiza, "e isso só é possível com a troca de idéias em conjunto entre a pesquisa, a extensão e a parte mais importante do processo: o produtor".

Outro obstáculo permanente, segundo ele, é a falta de uma política agrícola. Esta falta implica, na maioria das vezes, que o produtor não possa ter acesso a determinadas soluções oferecidas pela tecnologia, por serem muito caras. Na sua opinião, não ter uma política agrícola prejudica todos os setores e, conseqüentemente, também a pesquisa, que "precisa correr sempre

na frente dos problemas e não atrás". A preocupação básica do presidente do Iapar atualmente é de que o Brasil é um dos países que menos tem investido em ciência e tecnologia no mundo. "Estamos num país que tem explorado de forma irracional seus recursos naturais e que não valoriza os recursos humanos. Já os países desenvolvidos fazem exatamente o contrário. Preferem a valorização do recurso humano, o desenvolvimento científico e tecnológico, o que lhes têm assegurado a independência política e econômica", queixa-se. Muzilli não se conforma também com a atitude do governo federal de cancelar bolsas de estudos de cientistas brasileiros no exterior com a desculpa de conter o déficit público. "Nossa dívida interna pode ser contida com outros procedimentos", sugere, como "a redução de importações que são danosas para o nosso processo produtivo. Possuímos os recursos humanos e naturais indispensáveis para se alimentar um país que está entre os sete que mais sofrem o problema da fome no mundo. Agora, é preciso que o Ministério da Agricultura tenha voz ativa e se desatrele dos ministérios da Fazenda e do Planejamento", finaliza. □

BOMBAS SUBMERSAS  
**leorato**

**ECONOMIA  
E DESEMPENHO**



Seja qual for sua necessidade, existe sempre uma bomba submersa com potência, diâmetro e vazão para executar o serviço.

Vazão até 90.000 litros/hora

**A perfeita concepção de economia e desempenho**

A Bomba Leorato para água suja foi concebida para atender as diversas aplicações em que se faz necessário o emprego de uma bomba forte, dinâmica e compacta, como esgotamento de água com alto índice de elementos em suspensão na construção civil, na agricultura, mineração, etc.



Pecuária



Avicultura



Indústria



Uso doméstico



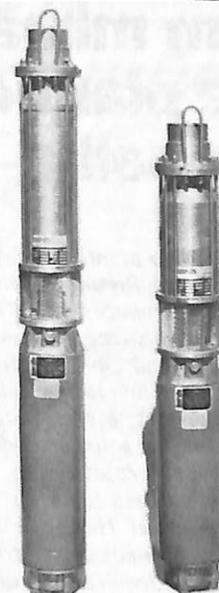
Agricultura



Suinocultura

**Características do motor:**

- Voltagem: 220/380V
  - Freqüência: 50/60Hz
  - Sistema de Partida: Chave Compensadora ou Direta
  - Tipo de Refrigeração: Refrigerado a água
- 1- **VÁLVULA DE RETENÇÃO:** Do tipo deslizando, robusta e especialmente dimensionada para um perfeito funcionamento e proteção contra golpes de aríete.
  - 2- **EIXO DA BOMBA:** Fabricado em aço inoxidável.
  - 3- **DIFUSORES:** Projetados para obtenção de máximo rendimento. Confeccionados em bronze.



Com bombas Leorato a safra é garantida!!  
Bombas em 4-6 e 8 polegadas.

- 4- **ROTORES:** Radial ou semi-axial de bronze, balanceados estática e dinamicamente.
- 5- **ROTOR DO MOTOR ELÉTRICO:** Eixo fabricado em aço inoxidável temperado.
- 6- **MOTOR ELÉTRICO:** Confeccionado com chapa elétrica de 1ª qualidade e bobinado com fio especial.

Leorato & Cia. Ltda. — BR-116, 966 - CEP 93250 - Esteio - RS — Caixa Postal 24 - Fone: (0512) 73.4422 (Tel. chave)



Plantio na palha ou direto: fim da erosão e aumento da produtividade compensam com folga custo de equipamentos

## Um milhão/ha de plantio na palha

Berço do plantio direto e da conservação do solo no Paraná, o município de Ponta Grossa comemora em 87 os 11 anos da adoção deste sistema que revolucionou os métodos de cultivo na época, exibindo hoje produções invejáveis, para uma região de solos pobres, e afastando por completo o fantasma de solos erodidos e sem vida que rondava as propriedades. “O plantio na palha foi a nossa salvação”, reconhece satisfeito Manuel Henrique Pereira, 48 anos, um dos pioneiros na introdução e divulgação desta técnica de cultivo sem revolvimento do solo em todo o País.

As experiências começaram em 1976, quando foram plantados os primeiros mil hectares paranaenses. Hoje, o plantio direto ocupa entre 500 e 600 mil dos seis milhões de hectares de lavouras anuais do estado. Estima-se que no Brasil a técnica cubra um milhão de hectares, a maioria dos quais no Paraná, seguindo-se Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

E há motivos de sobra para comemorações. Não só a técnica conquistou novos produtores, reduzindo com isso a erosão,

como as produtividades, não muito altas nos Campos Gerais, subiram 70 por cento ou mais. “O mais importante”, ressalta, “é que, com o plantio convencional, nossas produções eram mais baixas e oscilavam muito. Já com o plantio na palha, temos maior estabilidade na colheita”. Em suas quatro propriedades, que perfazem 1.600 hectares, planta anualmente mil hectares com soja e 500 com milho, no verão; no inverno, planta 300 hectares com trigo e 200 de aveia para semente. Além disso, mantém o plantio anual de mil hectares de aveia-preta, azevém, tremoço-azul e ervilhaca, somente para camas, onde posteriormente serão plantados o trigo, a soja e o milho.

As produções, com o plantio direto ou na palha, saltaram aos olhos. O trigo, que apresentava produtividades entre 1.200 a 1.500 quilos/hectare, saltou para 3 mil quilos/hectare; a soja passou dos 1.800 quilos/hectare para 2.800; já o milho, que tinha um rendimento médio de 4.500 quilos/hectare, chegou a 7.600.

“Queimar a palha é ficar a pé” — Não há segredos neste sistema, enfatiza seu Nonô, que compara o plantio direto ao próprio comportamento da natureza que cobre o solo para sua proteção. “Assim, a palha é o nosso maior aliado, o nosso herbicida caseiro, e queimá-la é como ficar a pé”, observa. O produtor recorda que se hoje o plantio na palha é até considerado simples, no início “a coisa não foi fácil”, pois não existiam máquinas, nem orientações muito claras, e o pior: pouca gente dominava o

assunto”. Em vista disso, ele e Franke Dijkstra, outro produtor interessado no assunto, foram aos Estados Unidos em 1979 em busca de maiores informações sobre o sistema.

A partir daí e dos resultados obtidos na lavoura com o plantio direto, muitos produtores resolveram seguir a tendência. Mas logo o sistema passou de modismo à opção clara de conservação e maiores produções e rendimentos, fatores básicos e que impulsionaram uma leva maior de agricultores para a adoção desta técnica. “O que nos estimulou mais”, conta, “não foi o aumento da produção, mas efetivamente a retenção da água no solo e a redução brutal na população de ervas, significando menores custos com produtos químicos nas lavouras”.

Neste aspecto, um dos macetes dos produtores que adotam o plantio direto é a utilização da aveia-preta como cama, o que diminui em 30 por cento o uso de herbicidas. E são justamente os herbicidas um dos pontos polêmicos da técnica, pois alguns técnicos afirmam que o consumo destes produtos é bem maior com o plantio na palha, resultando em custos adicionais ao agricultor. Seu Nonô não concorda com esta afirmação, reconhecendo, entretanto, que no início a aplicação e as dosagens dos herbicidas eram “realmente um desafio, mas, hoje, por exemplo, utilizo somente uma vez o produto, pós-emergente, e mesmo assim quando é necessário”. Explica que a aveia-preta cumpre bem a sua missão de inibir o crescimento de ervas e, além disso, oferece

de 25 a 30 toneladas de massa verde por hectare ou oito toneladas de massa seca. O segredo no uso da aveia-preta é o momento de acamá-la. "Isto é feito quando o grão estiver leitoso, logo após a florada", esclarece, alertando que passado este período é arriscado, "pois ela rebrota e não há mais saída, tem que usar o herbicida".

**Assistência é fundamental** — Contente pelo êxito do plantio direto nestes 11 anos, o produtor, que foi um dos fundadores do

Clube da Minhoca, entidade que reúne sem compromisso formal os conservacionistas, arrisca alguns conselhos para quem ainda não adotou esta técnica. "Em primeiro lugar, é de fundamental importância se aproximar da assistência técnica especializada, onde será traçado um plano, um regulamento a ser seguido rigidamente", sugere. Além disso, entende que o produtor deve proceder periodicamente à análise do solo, visando uniformizá-lo, e efetuar as corre-

ções necessárias, "sem pena de investir nesta empreitada".

Com o plano em mãos e a terra corrigida, o primeiro passo, na sua opinião, é promover uma rotação de culturas realmente disciplinada. No seu caso específico, inicia com soja no verão e tremoço mais aveia no inverno. No verão seguinte, entra com o milho, no inverno com trigo e novamente retorna com a soja, plantando-a sobre a resteva do trigo. Com isso, as doenças praticamente desapareceram e, através do plantio direto, a própria adubação química foi reduzida. "Se a terra não está sendo lavada", teoriza, "os nutrientes ali permanecem". E usa um exemplo da sua propriedade que faz questão de ressaltar ser uma "curiosidade" e não um modelo a ser seguido: "uso 400 quilos de adubo por hectare no trigo, na fórmula 5-25-25, e poderia até plantar a soja sem fertilizante que ela renderia bem. No meu caso, vou usar 150 quilos/hectare de adubo na fórmula 0-20-20, só para manutenção, e estarei economizando 250 quilos por hectare graças ao plantio direto".

Quem também parece agradecer ao produtor por ter adotado esta técnica são os organismos vivos que habitam o solo. Com um torrão de terra nas mãos, seu Nonô aponta para algumas minhocas e diz que, com o plantio direto e as técnicas de preservação, está "devolvendo à terra o que ela me deu nos últimos 10 anos". □



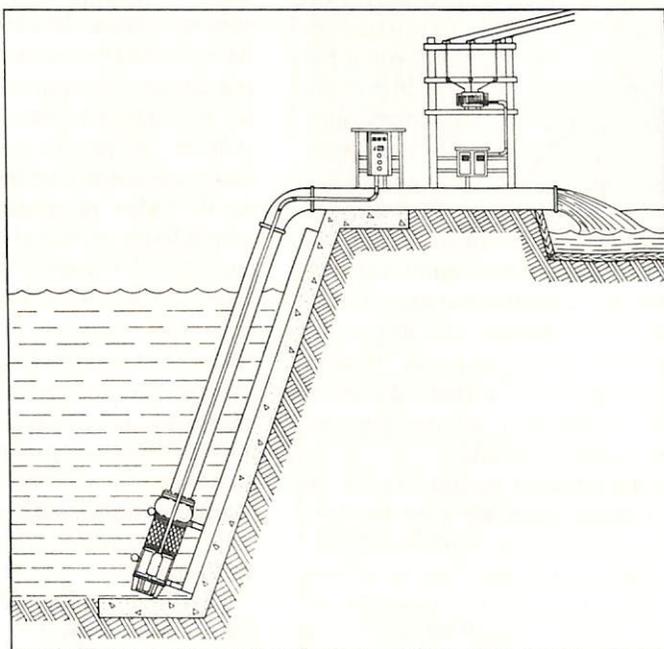
## Bombas submersas especiais para irrigação e drenagem.

### VANTAGENS

- O trabalho submerso permite um fácil acionamento sem perda de tempo no escorvamento.
- As variações dos níveis de captação não prejudicam e nem interrompem o bombeamento.
- Possui excelente rendimento elétrico e hidráulico.
- Projetadas para instalações em rios, açudes e barragens que apresentam grandes variações de níveis.
- Instalação e manutenção prática e de baixo custo.
- Mais de cinquenta modelos com potências de 10 a 250 cv.
- Vazão até 800 l/s - pressão até 60 m.c.a.

### APLICAÇÕES

- Irrigação por inundação ou sulco.
- Drenagem de solos.
- Projetos de piscicultura e criação de camarões
- Formação de canais para alimentação de pivô central ou autopropelido.



**MATRIZ:** Estrada do Morro de Sapucaia, 338 — Distrito Industrial - Fone: (0512) 92-6011 - Telex: (051) 3284 IRGE BR — CEP 93000 - São Leopoldo - RS - **FILIAL SP:** Rua Paulo Bregaro, 465 - Fones: (011) 914-8690 e 63-4138 - Bairro Ipiranga - CEP 04203 - SP - **ESCRITÓRIO RJ:** Rua Uruguaiana, 10 - Sala 1809 - Edifício Largo da Carioca - Fone: (021) 242-9785 - CEP 20050 - RJ

*Veja o que acontece no Vale da Terra Natal, onde a diversificação salvou os descendentes de imigrantes*

# Duas safras por ano em Londrina

Quando as primeiras levas de imigrantes alemães desembarcaram no País, a partir do ano de 1824, demonstraram preferência por regiões de vales e de clima ameno. Não foi diferente no norte do Paraná. Apesar das temperaturas elevadas, algumas famílias se estabeleceram em áreas dobradas e de encostas suaves, que, pela semelhança com o lugar de origem, batizaram de Heimtal ou “Vale da Terra Natal”. Ali, onde hoje está o município de Londrina, trabalharam anos a fio e fizeram prosperar a colônia, especializando-a na diversificação de culturas e produtos como lingüiça, banha, queijo, entre outros.

Lançaram, assim como os colonizadores estrangeiros de outras partes do Brasil, a semente da agroindústria, como uma das formas de viabilizar a pequena propriedade. Os anos de prosperidade da colônia alemã, entretanto, esbarraram, na década de 40, no corte de relações entre o País e o regime nazifascista que imperava na Europa, fomentado pela Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini. Em seguida, o então presidente Getúlio Vargas submeteu os imigrantes a uma série de proibições, inclusive a de falar sua própria língua, fato que, adicionado a outras represálias, culminou no declínio do desempenho das colônias.

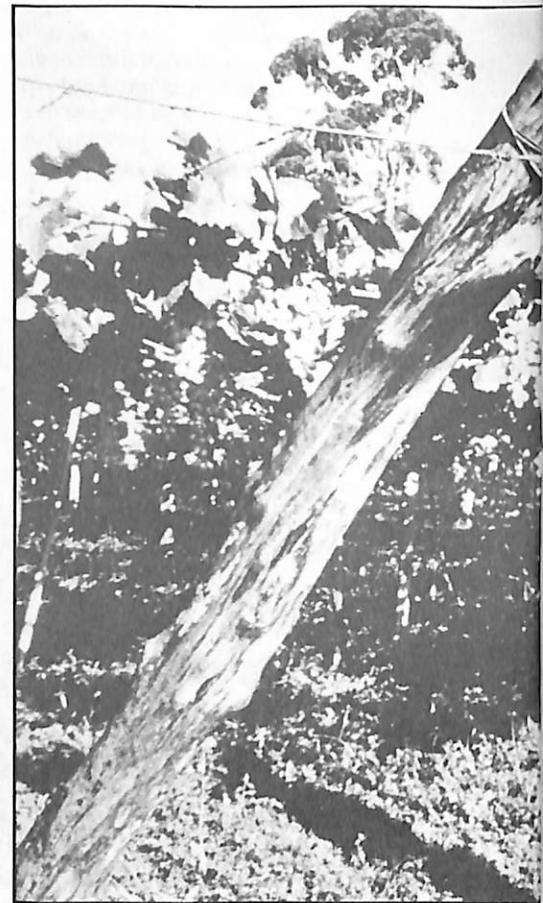
A solução para os imigrantes foi se adequar à nova realidade e ao modelo agrícola brasileiro que, já na época, valorizava a monocultura. Poucos sobreviveram às mudanças de humores da política nacional e o “Vale da Terra Natal” não escapou às conseqüências. Os descendentes dos imigrantes pioneiros foram desaparecendo da região, buscando outras áreas, se dispersando.

**Alemão viu a uva** — Os alemães que

permaneceram em Heimtal e arredores trataram de encontrar alternativas econômicas que garantissem a sobrevivência. O mesmo raciocínio foi seguido por outras levas de imigrantes, como os japoneses. Assim, em meados da década de 60, todos viram na uva a solução para os problemas de manutenção das colônias paranaenses. Mas o segredo não estava em cultivar uvas ditas comuns, e sim as denominadas de “finas de mesa”, mais especificamente das variedades Itália e rubi — esta última, aliás, nada mais é do que uma mutação da primeira, apresentando-se com uma cor rosada.

Teimosa, a família Strass foi uma das que permaneceu no “Vale da Terra Natal”, sempre buscando novas opções de cultura. Em 1970, foi implantado no Sítio Pioneiros, de 26,7 hectares, um alqueire com uvas Itália e rubi, sendo que quatro anos depois, somente através da poda, passaram a colher duas safras/ano no mesmo pé, chamada de safra temporã, abastecendo o mercado na entressafra — entre março e agosto. De acordo com o agrônomo Jorge Strass, 42 anos, que junto com mais dois irmãos e 15 famílias de parceiros toca a propriedade, o sistema de manejo é simples para se obter duas colheitas no ano: “no meio do ano, fizemos a primeira poda e colhemos em novembro/dezembro. Em seguida, efetuamos uma segunda poda, de dezembro a janeiro, e colhemos em abril/maio”.

Ex-funcionário da multinacional Basf e do Iapar (Fundação Instituto Agrônomo do Paraná), o técnico explica que no início este sistema rendia bem. “Hoje”, observa, “não sei exatamente porquê, a uva está valorizando muito no período normal de safra (no-



vembro e dezembro), justamente quando colhemos uma safra menor”. Ainda segundo Strass, apesar deste problema de mercado, as duas safras somadas resultam em maior produção total, embora ressalte que o objetivo principal sempre foi o de oferecer o produto na entressafra, quando teoricamente as cotações dos preços seriam mais altas. Em média, com as duas podas, a produção aumenta em 40 por cento, e o rendimento situa-se em torno de duas mil caixas de seis a oito quilos por hectare, ou 16 mil quilos/hectare.

**Frio e pedras** — “Este ano, os parreirais não renderam bem”, afirma Jorge Strass, lembrando que o excesso de chuva e uma precipitação de granizo afetaram as folhas, o que influiu no crescimento do ramo, reduzindo a produção para 12 toneladas por hectare, enquanto em condições normais é possível alcançar até 25 toneladas e com estufas até 40 toneladas. Aliás, é justamente as experiências que vem realizando com estufas para produção de hortigranjeiros que Jorge Strass pretende repassar para as uvas. “Com as estufas, vamos não só produzir fora de época como preservaremos os parreirais das adversidades climáticas”, diz.

Ainda sobre o manejo que realiza



**Strass:**  
**hoje,**  
**uva a céu**  
**aberto;**  
**amanhã, em**  
**estufas**

nos parreirais a céu aberto, o técnico ressalta que não é possível ser utilizado em regiões de invernos rigorosos e com geadas, como ocorre, por exemplo, nas serras e mais ao sul do País. Ao mesmo tempo, lembra que as duas colheitas se refletem na vida útil dos pés, "só que até o momento nossas parreiras têm 16 anos, e não fizemos reformas significativas". Com o sistema da família Strass, é possível colher uvas finas de mesa o ano inteiro, com exceção de julho e outubro. É justamente nestes meses que, através das estufas, a família pretende viabilizar a colheita.

Este detalhe que poderia aparentemente passar despercebido é muito importante. "Acontece", enfatiza Strass, "que temos no Sítio Pioneiros 15 famílias dependendo diretamente da colheita de uva e de hortigranjeiros. E quanto mais produzirmos, maior os ganhos destas famílias". Além do Sítio Pioneiros, Jorge Strass é proprietário do Sítio Warta, no distrito do mesmo nome e, também como Heimtal, próximo a Londrina. Nesta propriedade, de 40 hectares, tem 16 hectares só de uva e o restante com mata, manga e porta-enxertos. O Sítio Warta abriga mais 17 famílias, no mesmo sistema de parceria.

**Dividir os lucros** — No sistema dos dois sítios, a divisão de lucros com as famílias que ali trabalham é fundamental. Cada uma tem uma área específica, se responsabilizando por todos os cuidados desde a implantação, aplicação de defensivos, poda até a colheita. A família Strass fornece o parreiral formado, casa, luz, água, enquanto os parceiros entram com a mão-de-obra e recebem metade da produção, em dinheiro, após a comercialização, feita normalmente na Ceasa local, na cooperativa de Cotia e no asfalto. Deste total recebido por família, ainda é descontado metade dos gastos com os fertilizantes e defensivos.

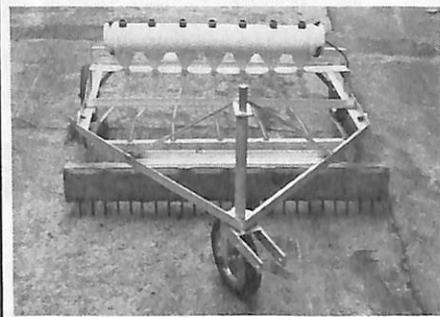
Para Jorge Strass, o segredo de todo o trabalho está exatamente na divisão dos lucros com os parceiros. "Nós vivemos em harmonia como se fôssemos uma grande família. Há uma confiança mútua e só assim é possível fazer alguma coisa em benefício de todos". O mesmo contrato de parceria vale para os hortigranjeiros (pepino, tomate e pimentão), também comercializados de forma direta na Ceasa. Em relação aos preços da uva, Strass diz que estão razoáveis, variando entre Cz\$ 200,00 a Cz\$ 300,00 por caixa com oito quilos,

embora a previsão é que chegue a Cz\$ 500,00 nos próximos meses.

Os dados estatísticos sobre a produção paranaense de uvas é no mínimo conflitante, mas apresenta um indiscutível crescimento da área plantada a cada ano, constituindo-se na redenção de muitos pequenos produtores. Na safra 85/86, o Paraná produziu, conforme números de Acarpa (Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná), cerca de quatro mil toneladas de uvas finas de mesa, das quais três mil saíram no norte do estado, especificamente da região de Londrina. A previsão para a próxima safra, 87/88, é de uma produção em torno de seis a sete mil toneladas, sendo que 75 por cento deverá vir do eixo de Maringá-Londrina-Cornélio Procópio.

Além dos preços compensadores, as uvas finas de mesa apresentam outras vantagens, como maior resistência ao transporte, e têm mercado assegurado no exterior. Calcula-se que 10 por cento da produção nacional, estimada extra-oficialmente em 59.440 toneladas, sejam exportados para países como Inglaterra, França, Holanda e Itália, consumidores cativos do produto. □

## "FINALMENTE UMA QUE DEU CERTO"



### MÁQUINA DE PLANTIO DIRETO

Tração manual, animal ou mecânica simples de ser operada. Maior produtividade com menos mão-de-obra.

NIVELA, SULCA e PLANTA.

FABRICAÇÃO MEDIANTE ENCOMENDA.

### TAMBÉM EXECUTAMOS:

Manutenção, conserto e reformas de máquinas de cortar grama (gasolina/elétricas), tratoritos, pulverizadores costais, roçadeiras, motosserras, máquinas importadas, adaptações, "inventos", etc.



**EMERSON PAREDES - MÁQUINAS E MOTORES AGRÍCOLAS**

Av. Nossa Senhora Aparecida, 1.061 - Fundos  
 Fone: (041) 243-7362 - Cx. Postal 9257  
 80.320 - Curitiba - Paraná



*As incertezas da lavoura estão levando o produtor a preferir o lucro da criação, mais garantido*

## Lavoura perde mais espaço para o gado

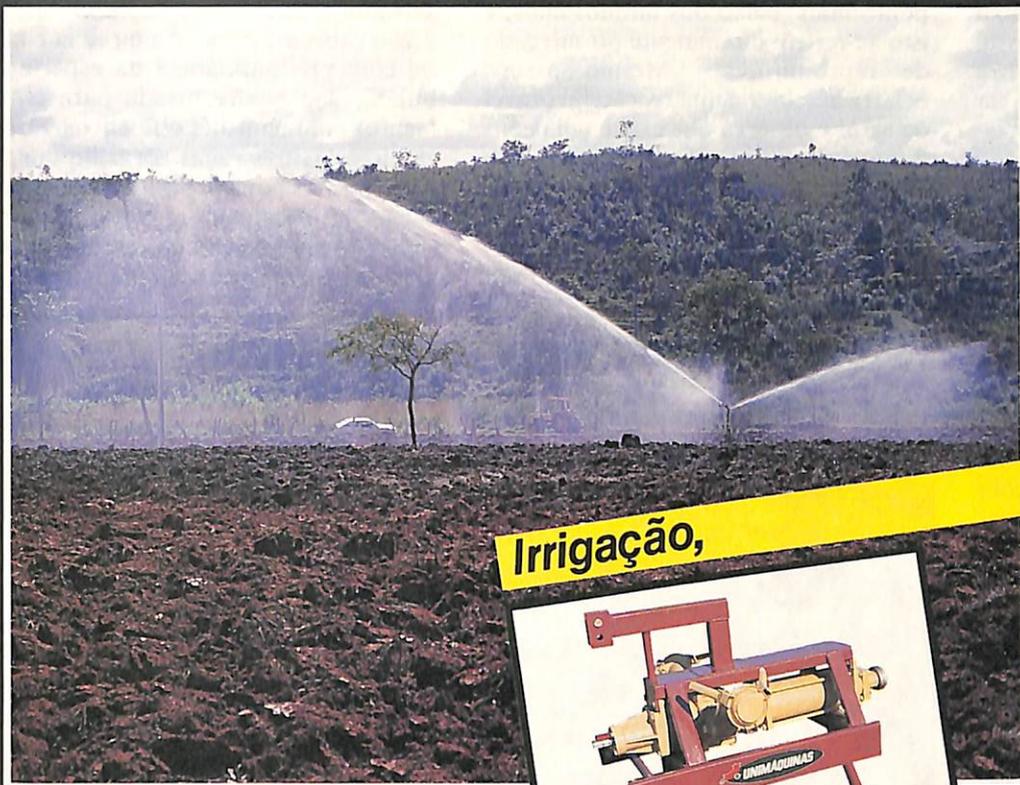
**D**ivididos pelo paralelo 24°sul, os pecuaristas paranaenses se acostumaram à idéia de ver rebanhos zebuínos no norte e gado europeu no sul do estado. Na região norte — que detém cerca de 70 por cento das 8,5 milhões de cabeças bovinas do Paraná —, predominam as raças zebuínas e suas cruzas, pastando em forrageiras implantadas (colômbio, braquiárias e estrela-africana). No sul, o forte é o rebanho mestiço europeu e as pastagens têm boa participação de campos nativos. No meio desta divisão — que, além de imaginária, obedece a critérios climáticos —, está o oeste. Ali, as características eram um rebanho mesclado e a produção pecuária era tida como pobre, sem capacidade de rivalizar com a fartura da produção de grãos.

Hoje, embora as diferenciações regionais permaneçam em boa dose, há uma tendência generalizada de acabar com este padrão. Cada vez são mais frequentes as criações de gado europeu no norte, sobretudo as raças charolês, simental-fleckvieh e marchigiana, voltadas principalmente para o cruzamento industrial com nelore e para a produção em sistemas de confinamento. Por outro lado, aumenta a participação de nelores no sul, cruzando com tradicionais rebanhos charoleses. E do confronto, o oeste emerge como fornecedor de material genético, a partir do trabalho de cabanhas de animais puros. É o que está fazendo o pecuarista Francisco Antônio Sciarra, que há 10 anos cria nelores puros na Estância Santa Mônica, em Céu Azul, no oeste

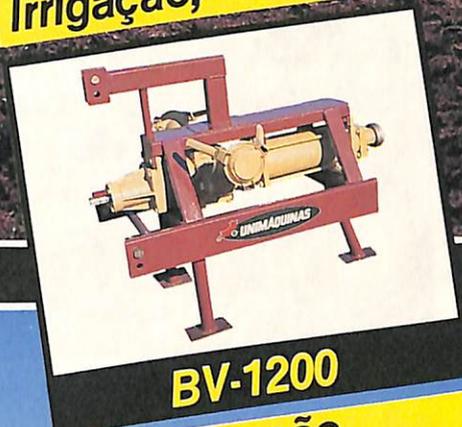
paranaense. Nos 170 hectares da Santa Mônica, Sciarra, um paulista de Jaboticabal que há 36 anos está no Paraná e já foi presidente da Sociedade Rural do Paraná (com sede em Londrina) e da Sociedade Rural do Oeste do Paraná (com sede em Cascavel), privilegia-se da localização da propriedade, às margens da BR-277, e montou um bem-estruturado ponto de vendas de sua criação, levada a quilômetros dali, na Fazenda Céu Azul, já no município de Vera Cruz do Oeste. Na Céu Azul, Sciarra mantém um rebanho de 700 nelores POI e PO a campo, utilizando inseminação artificial (o que lhe garante um índice de 78 por cento de prenhez, que deve ser elevado para 85 por cento em dois anos).

“Na Santa Mônica”, conta ele, “os animais pastam estrela-africana em 17 poteiros distintos e são arraçoados com uma ração fabricada aqui mesmo. Só compramos os farelos de soja e de trigo e os sais minerais, porque o resto da ração é produção nossa”. Nesta composição, entra uma boa porcentagem de milho ensilado, além de napier e camerum picado. Da mesma forma, os animais são ainda alimentados com feno de estrela-africana, o que lhes garante, no conjunto, uma média de 600 a 700 gramas de ganho de peso diário. A estrela-africana, por sinal, é a ponta-de-lança da alimentação de seu ▶

# BOMBAS QUE SÓ IRRIGAM NÃO SÃO MAIS NOVIDADE.



Irrigação,



BV-1200

Fertirrigação...



Novidade é a bomba que a UNIMAQUINAS está lançando no mercado, para aumentar e garantir a produção agrícola: a **BV-1200**, de rotor helicoidal, acoplável em trator agrícola. Com ela o agricultor terá um instrumento ágil e versátil para irrigações normais, ou de emergência, pois se desloca rapidamente para onde houver água disponível. Mas ela não só irriga. Graças às suas características de construção, faz também **fertirrigação** com esterco semi-líquido (chorume) de porco ou gado, e com vinhaça. Confira suas **Características principais e vantagens:**

- Vazão de até 70 m<sup>3</sup>/hora, Pressão de até 8 kg/cm<sup>2</sup> (80 mca);
- Altura de sucção de até 8 m, com duas entradas e uma saída de 4";
- É autoescorvante, operando em baixa rotação, sem válvula de pé;
- Sendo móvel, facilita menor uso de tubulações;
- Recalca até 70 m de altura;
- Excelente capacidade de sucção, sem problemas de cavitação ou entrada de ar.

#### Outras utilidades:

- Combate a incêndios. Lavagem de máquinas, estábulos e pocilgas;
- Drenagem de água, lama, resíduos pastosos e viscosos;
- Transferência de materiais líquidos ou semi-líquidos;
- Desentupimento e limpeza de tubulações (com bico-torpedo, opcional).
- Enchimento de caixas d'água, até 70 m de altura.

Em resumo: a **BV-1200** é um equipamento **indispensável** em qualquer propriedade agrícola ou agro-industrial.



UNIMAQUINAS EQUIPAMENTOS  
AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS LTDA.  
Rua Pernambuco, 342  
Tel. (031) 941-1088. Telex (031) 6163.  
35720 Matozinhos, MG.  
São Paulo:  
Rua da Mooca, 4.760.  
Tels. (011) 948-2455 e 92-6350.  
03165 São Paulo, SP.

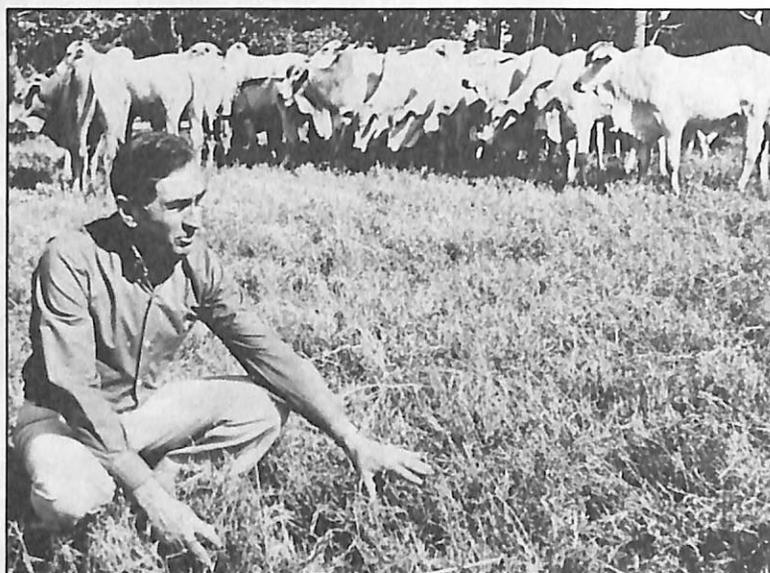
rebanho. Entusiasta desta pastagem, Sciarra foi seu introdutor na região oeste do Paraná e destaca as suas qualidades: “toda a área de pastagem é coberta pelas três variedades de estrela”, explica ele. “Planto a mais comum, a mais palatável e a mais agressiva no crescimento. Utilizo-a não apenas triturada na ração, após o enfardamento, como também isoladamente. E já que se trata de um componente de baixo custo, muito palatável e que possui 15,8 por cento de proteína (aproximando-se da alfafa), pode ser usada à vontade”.

**Os custos assustam** — Antigo agricultor, que plantava em média 360 hectares de soja, milho e trigo, Sciarra foi aos poucos implantando mais pastagens e largando a lavoura. Atualmente, apenas 160 dos 726 hectares da Fazenda Céu Azul serão ocupados com a safra de verão, “mas meu plano é ficar com somente 72 hectares”. As razões para esta transformação já são conhecidas: não apenas seguidas frustrações das safras como também juros agrícolas excessivamente altos e endividamento e descapitalização do agricultor. “A pecuária permite uma capitalização maior”, argumenta o produtor, “pois não tem prazos fatais e se trabalha com mais segurança no que diz respeito a problemas climáticos”. A opção por reprodutores foi uma postura de mercado. “O Brasil precisa de 400 mil reprodutores anuais”, narra o criador, “e segundo a ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu) está havendo um déficit de 300 mil”.

Nas suas contas, porém, o esforço de reduzir os custos da produção ao máximo (a ração feita na fazenda, utilizando o maior número possível de produtos próprios, sai por volta de Cz\$ 5,00 cada quilo) encontra um forte obstáculo: o custo do sêmen. Conforme Sciarra, “o que está inviabilizando a criação de reprodutores é o alto custo do sêmen dos animais de maior expressão nacional. Considerando que a média de utilização de sêmen por vaca prenha é de duas ampolas e corrigindo estes valores até os 30 meses, os custos ficam extremamente altos, bem acima dos valores de mercado”. Ele explica melhor: “cada ampola me sai cerca de Cz\$ 2 mil; preciso de duas ampolas por matriz; corrigindo este valor por 36 meses (incluídos os nove de gestação), o produto deveria ser vendido por Cz\$ 200 mil, só que não se consegue isto na venda.

Sua produção rende em média por ano 100 reprodutores e aproximadamente 80 fêmeas descartadas. Os reprodutores a campo valem cerca de Cz\$ 50 mil, enquanto que os de argola são comercializados por Cz\$ 100 mil, em média. E, para piorar a situação, há uma crise em jogo. “Por causa do custo do dinheiro”, acrescenta Sciarra, “os preços do boi gordo caíram ao ponto mais baixo dos últimos anos, e isto se reflete diretamente no mercado de reprodutores”. Mesmo assim, Sciarra acredita numa reação favorável do setor e observa que existe uma contínua perseguição pelo melhoramento genético dos rebanhos. Por este motivo, sente-se ainda estimulado para implantar um ambicioso projeto de computação no manejo reprodutivo do seu

zílio de Araújo Neto. De acordo com ele, o que depõe contra o café é mesmo o mercado. Neste ano, com o sucesso da safra e as mudanças econômicas, os preços caíram, frustrando as expectativas dos produtores. No caso da sucessão, se a sobrevivência dependesse exclusivamente dos 600 mil pés de café, o grupo estaria em maus lençóis. Por isso, a diversificação surgiu como ponte salvadora. Em todas as fazendas, há 5.200 cabeças, para cria e recria e abate, com predominância da espécie zebuína, raça nelore, usada para cruzamentos com charolês e fleckvieh. Utilizando estas três raças, Brazílio diz que vem tirando bons produtos e pretende chegar ao tricrós, com o nelore de base, o simental-fleckvieh de raça maternal e o charolês de terminal. Os filhos



**Sciarra (E):  
estrela-africana  
é campeão;  
Brazílio:  
preço  
está  
baixo**

plantel, visando aprimorar cada vez mais os nelores puros que coloca no florescente mercado regional.

**Surge o boifé** — A centenas de quilômetros da Estância Santa Mônica, um outro processo se consolida na pecuária de corte: o “boifé”, um sistema de integração entre a pecuária e lavouras brancas (soja, milho e trigo) que busca compensar os prejuízos da lavoura cafeeira, principalmente nas antigas e tradicionais fazendas de café do norte do estado. Um destes estabelecimentos é a Fazenda do Paraíso, que junto com a Couro do Boi, Taquara, São Gregório e Barroso, todas na região de Londrina, somam 6.240 hectares, com mis de dois terços da área total ocupados com pecuária. Sucessão de Tamar Gomes de Almeida, as propriedades são geridas pelo economista e secretário da Agricultura estadual Bra-

de charolês cruzados com os produtos nelore x simental dão origem a machos e fêmeas que se destinam ao confinamento.

O trabalho está iniciando na área do confinamento, mas Brazílio já observou que a cruzada nelore de dois a 2,5 anos alcança 16 arrobas (240 quilos) após o abate, e seu objetivo é reduzir cada vez mais a idade de abate, chegando aos 20 meses. Durante o confinamento, que dura de três a quatro meses, a média de ganho de peso diário chega a um quilo, dependendo do animal que estiver confinado e da alimentação oferecida, que pode variar das rações aos resíduos das lavouras de soja, milho, trigo ou até mesmo de cana.

No entanto, nem mesmo a diversificação e a criação de “boifés” estão a salvo dos problemas de mercado que afetam a pecuária de corte. Conforme o administrador, os preços estavam

abaixo do esperado na entressafra, e a idéia que se tinha levava a crer que o mercado não reagiria, elevando assim o abate de fêmeas. Para ele, o governo federal poderia liberar as exportações e, dessa forma, induzir um aquecimento do mercado de carne. “Também sou favorável a que o governo deixe verter a economia conforme as regras de mercado, subsidiando alguns produtos como feijão, arroz e trigo via preço e não via crédito, pois o subsídio ao crédito é muito seletivo”, afirma. De qualquer forma, ele lembra os países europeus e mesmo os Estados Unidos, onde o governo fortaleceu o setor agrícola, irrigando as lavouras com dinheiro.

Ainda sobre a integração entre lavoura e pecuária, o ex-secretário aponta como principais vantagens o abate



de animais mais jovens, além do fato do confinamento não depender das pastagens, especialmente quando elas estão mais críticas. Outra vantagem, segundo Brazílio, é a utilização de resíduos que originalmente eram jogados fora e agora viram proteína vermelha. E ao se preservar os pastos, se reduz os custos, “pois se fizéssemos o confinamento com ração e concentrados seria inviável. Assim, utilizamos resíduos de cana, napier picado e silagem de milho. Aliás, não conheço nenhum confinamento onde comprar tudo seria viável”, relata ele que, no primeiro ano de atividade, está confinando 650 cabeças. Além disso, Brazílio dispensa especial cuidado para a renovação das pastagens. “Ideal é a rotação a cada cinco ou seis anos”, informa ele, “reservando um período para a pecuária e outro para a agricultura”. Nos pastos das fazendas, o administrador está implantando colômbio, estrela-africana e

faz experiências com a adaptabilidade do braquiário e soja-perene. “O sistema de criação a campo ainda é mais barato”, admite Brazílio, “mas o confinamento é a melhor alternativa para a produção de carne na entressafra”.

**Cochos móveis no sul** — Nos 600 hectares de pastagens da Fazenda Trindade, em Guarapuava, no sul do estado, o pecuarista Luiz Carlos Vieira Ribeiro encontrou uma solução original para tornar seu rebanho de 600 mestiços nelore x charolês mais produtivo: um sistema de confinamento a campo com cochos móveis. Conforme Luiz Carlos, a idéia, ainda em implantação, consiste em manter os animais confinados e fazer a rotação dos cochos, onde será fornecida alimentação suplementar, que deve ser produzida na propriedade. A ração dos cochos terá por base rolão de milho, feno de alfafa, sal mineral e a forrageira da época, e os cuidados serão dobrados no inverno, período em que a pensacola dos campos está na fase mais crítica.

Com o sistema, Luiz Carlos — que também é ovinocultor e criador de cavalos crioulos — espera obter um ganho de peso diário que se aproxime ou ultra-

passem a média obtida nos confinamentos tradicionais, que chega a um quilo por dia. No manejo reprodutivo, o criador utiliza a proporção de um touro charolês puro ou cruzado para cada 32 cabeças de matrizes mestiças, buscando o cruzamento para a formação do charolês flor-de-lis, além das vantagens do choque sanguíneo entre charolês e nelore. E os resultados são animadores. “Todo boizinho acharolesado apresenta 20 por cento a mais de peso na hora do abate”, relata ele. Mesmo assim, Luiz Carlos não consegue escapar dos “desastinos da política agrícola” e reclama a falta de uma assistência governamental. “Hoje”, diz ele, “as principais medidas para salvar o setor devem partir do incentivo do governo aos produtores, com subsídios em nível de produtor desde o início. Sobretudo, para os confinamentos. Hoje, não temos nenhuma linha de financiamentos para a produção pecuária”. Suas críticas vão mais longe. “Importar carne para a formação de estoque regulador num país com a extensão do Brasil é um absurdo. Por que não partir de uma política de pecuária governamental, estável e duradoura?”, questiona apreensivo. □

**Não há chuva que dissolva.  
Não há vento que espalhe.  
Não há batida que arrebente.**

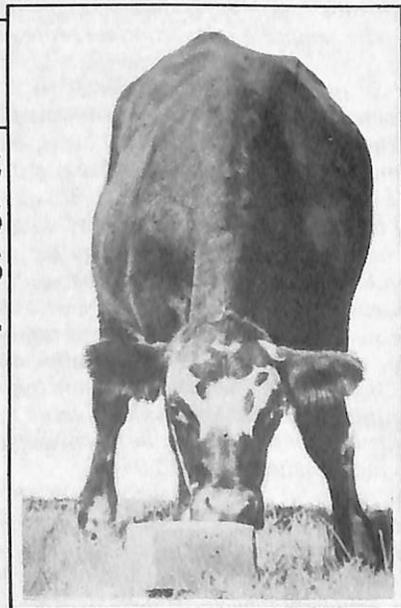
## RUMIBLOC

**Mineralização  
em bloco.**

**RUMIBLOC  
SUPRE TODAS AS  
EXIGÊNCIAS MINERAIS  
DO REBANHO.**



PROSAL PRODUTOS AGROPECUÁRIOS LTDA.  
Fábrica: Rua B, 570 - Parque Industrial Ritter  
Fones: (0512) 70-1378 - 70-1379 - CEP 94.900  
CACHOEIRINHA — RIO GRANDE DO SUL  
Telex: 051 2712 MBML BR - Caixa Postal 106



# Cz\$ 75 mil em 12ha com leite

Sorte, mágica, vacas especiais ou vultosos investimentos na produção? Afinal, o que explica uma produção leiteira altamente rentável numa pequena propriedade? Pois esta é a pergunta que muita gente vem fazendo a Vitalino Wacherski, 32 anos, que em 12,5 hectares, e com 12 das 15 vacas holandesas em lactação, consegue produções diárias de 250 litros de leite tipo "C" e, ao contrário de muitos produtores, não esconde o segredo para atingir este desempenho.

"Quem quiser me visitar aqui em Colônia Maracanã, em Castro, será muito bem recebido", convida este bem-falante descendente de poloneses que só há sete anos adquiriu seu primeiro pedaço de terras e em 1983 se interessou efetivamente pelo leite. Atualmente, no seu entender, o panorama da atividade e a qualidade do plantel mudaram para melhor. Ele tem razão. Em menos de três anos no leite, Wacherski construiu uma bela casa de alvenaria com meia dúzia de peças, mobiliou-a confortavelmente, fez um estábulo bem-dimensionado para os animais, além de um silo com capacidade para armazenar os 2,5 hectares de milho que planta para atravessar tranqüilo o ano em matéria de alimentação.

E qual o segredo? "É ir aos poucos, trabalhar muito e realmente fazer as coisas", revela. "O meu primeiro problema foi a falta de água e luz. Então, reuni umas economias e puxei água e luz. Foi uma fortuna", queixa-se, recordando que vendeu toda a sua produção de mel para pagar a dívida, "pois não sou muito a favor de tirar financiamentos", opina, ressaltando que o lucro do leite sempre é reinvestido na propriedade.

"Só os holandeses conseguem" — Se a receita é composta por ingredientes simples, o segredo pode estar em outro lugar. Bem-humorado, o produtor conta que o segredo está no preparo da receita e lembra que os seus colegas da região diziam que, no leite, só os holandeses é que conseguiam tirar grandes produções a um custo baixo. "Aí, pensei comigo", diz pausadamente, "por que só eles podem e eu não?". A resposta veio, segundo ele, através da Cooperativa de Castrolanda, que contribuiu para que ele adquirisse animais com melhor padrão zootécnico, alguns dos quais, hoje, apresentam produções diárias com 30 litros.

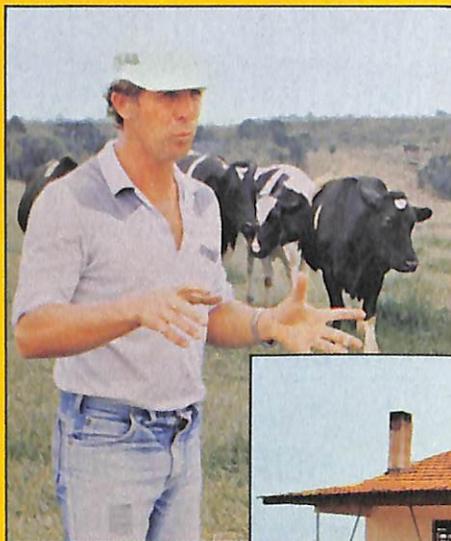
Para provar que fala a verdade, Wacherski entra apressadamente na sua residência e busca uma caixa, onde guarda seus controles desde o início da produção. "Faço a minha contabilidade particular", afirma, ao remexer a papelada em busca de algo. Em

seguida, encontra o que procurava: a média de produção diária das vacas. Em 84, foi de 12,8 litros para 8,5 vacas em lactação; em 85, baixou para 11 litros com 11 vacas, "devido à forte seca", observa; e em 86, a média para 13 vacas voltou a subir, chegando aos 14,1 litros/dia. "Quero chegar ainda neste ano a 15 litros/vaca/dia, com uma média, por animal, de cinco mil litros ano".

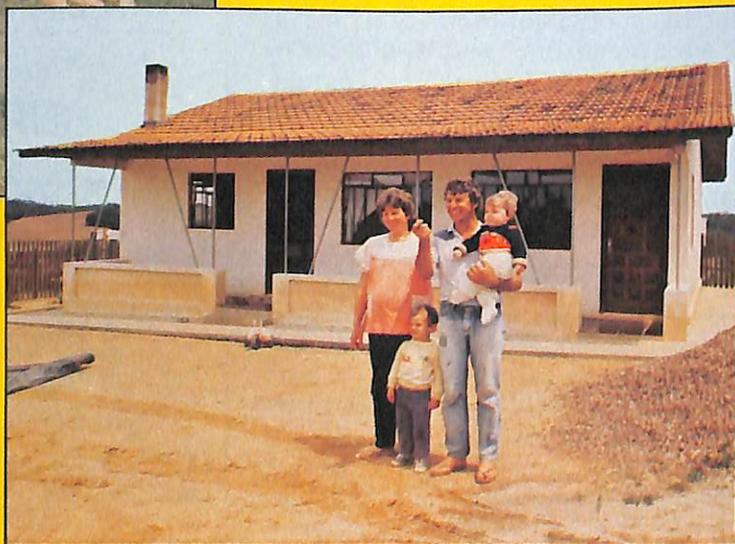
Na base de sua produção, além de boas vacas inseminadas artificialmente, está o alimento. A sua área, praticamente, é ocupada com pastos perenes e milho para silagem. Nas pastagens, cultiva trevo, hemátria, azevém e aveia em produções contínuas, o que garante alimento farto quase todo o ano. "Meu objetivo é colocar 30 vacas nestes 12 hectares", prevê, "mas antes preciso formar o alicerce, que é ter uma boa pastagem".

Em termos de manejo, o criador também não esconde o jogo e afirma que o importante é seguir as sugestões dos técnicos. Ele faz duas ordenhas diárias — uma pela manhã, cedo, e outra à tardinha. Neste horário, tem um cuidado especial no estábulo antes de colocar a ordenhadeira: reserva um pequeno pano individual para higienizar os tetos de cada vaca. "Com isso, elimino qualquer possibilidade de mastite", ensina. Ainda sobre alimentação, diz que o importante é não economizar comida, mas reconhece que só dá ração, feita por ele mesmo com rolão de milho (palha e espiga), para os animais mais produtivos.

No futuro, um "carrinho" — Seguir as



Wacherski: depois da casa recém-terminada, um carrinho para transportar a família



recomendações técnicas não é a única tática do produtor, já que ele é um especialista em receber preços por litro de leite acima dos mínimos. "Consigo isto com o bom controle sanitário, já que as minhas vacas dão um leite com média de 3,85 por cento de gordura". Em vista disso, no ano passado, ele recebeu Cz\$ 3,00 por litro de leite, enquanto o preço em nível de produtor estava congelado em Cz\$ 1,70, recebendo uma bonificação de Cz\$ 2,30 por litro. O valor elevado deste suplemento se explica também por ter a cooperativa repassado os lucros superiores alcançados pelo leite em plena época da euforia de consumo do cruzado.

E neste ano não tem sido diferente. Em fins de setembro, quando o litro do leite "C", em nível de produtor, estava em Cz\$ 8,70, ele recebia Cz\$ 11,33, para um custo de produção que estimava em Cz\$ 8,00. Quer dizer, ele ganhou Cz\$ 2,63 em cima do preço oficial, ou Cz\$ 3,33 sobre os custos para produzir um litro. Não contente com estes números, Vitalino Wacherski torna a vasculhar os papéis. Encontra a última nota de leite, de setembro: Cz\$ 100 mil brutos pela venda de mais de oito mil litros de leite. Descontado o transporte, o Funrural, a ração (concentrado) e a taxa de administração da cooperativa, lhe restou líquido Cz\$ 75 mil. "É ou não é um bom lucro?", diz sorrindo.

Do total das despesas, lembra que o item que mais pesa é a ração, com cerca de 50 por cento, enfatizando que praticamente não gasta nada em comida, pois planta feijão, arroz e frutas, "e compro mesmo só azeite, açúcar, sal e café". Ao posar para a fotografia, em frente à casa de material recém-concluída, Vitalino aproxima a esposa, Maria do Carmo, e os filhos — Marçal de três e Lucas Maciel de 1,5 ano — e vai falando dos seus planos, que incluem a conclusão de vários piquetes dentro da propriedade e a realização de um sonho antigo: comprar um carrinho. "Agora não tenho saída, pois vem mais um por aí e vou ter que providenciar transporte para a família", diz, apontando para a esposa, grávida de cinco meses. □

# Engorde seu lucro com Bovifort + Cobalject



## O modificador orgânico que revigora seu rebanho.

Bovifort e Cobalject, associados, constituem um **modificador orgânico duas vezes mais potente**. É a qualidade Propec dando nova vida ao seu rebanho e oferecendo a você dose dupla de lucro. A força regeneradora de Cobalject, obtida a partir de uma solução de cobalto, aliada ao complexo vitamínico presente em Bovifort atuam como corretivo nas deficiências nutricionais, estimulando as funções orgânicas do animal e aumentando tanto o seu peso vivo na invernada, como sua carcaça no frigorífico. Bovifort + Cobalject melhora o estado do gado fraco

e demonstra sua eficiência como auxiliar no tratamento e prevenção de doenças e nos pós-cirúrgicos, apresentando as seguintes propriedades:

- \* regula o metabolismo;
- \* aumenta o índice de fertilidade;
- \* estimula o apetite;
- \* promove a total assimilação das proteínas;
- \* proporciona crescimento muscular e ganho de peso adicional.

Os resultados aparecem já na primeira aplicação.

Bovifort + Cobalject.  
O legítimo modificador orgânico.



**PROPEC - Indústria e Comércio de Produtos Agropecuários Ltda.**

**MATRIZ - CURITIBA - PR**  
Rua Padre Camargo, 250  
Bairro Alto da Glória - CEP 80060  
Cx. P. 727 - Tel. (041) 262-4753 (PABX)

**ADMINISTRAÇÃO CENTRAL DE VENDAS - CURITIBA - PR**  
Rua Padre Camargo, 250  
Bairro Alto da Glória - CEP 80060  
Cx. P. 727 - Tel. (041) 263-4733

**LABORATÓRIOS E INDÚSTRIAS:  
CAMPINA GRANDE DO SUL - PR**  
Estrada do Timbu Velho, s/nº  
CEP 83430 - Tel. 772-1212

**EQUIPE DE VENDAS CTB**  
Cx. Postal 727  
CURITIBA - PR

**EQUIPE DE VENDAS MNS**  
Cx. Postal 93  
BETIM - MG

**EQUIPE DE VENDAS SPL**  
Cx. Postal 960  
BAURU - SP

**EQUIPE DE VENDAS MGS**  
Cx. Postal 168  
CAMPO GRANDE - MS

**EQUIPE DE VENDAS RGS**  
Cx. Postal 166  
SANTA MARIA - RS

**EQUIPE DE VENDAS GSS**  
Cx. Postal 1.181  
ANÁPOLIS - GO

## Avicultura

*O setor vai mal, e nem a garantia representada pela integração compensa continuar no negócio*

# Produtor perde com integração

**A**o fechar o ano, o Paraná terá produzido 283 mil toneladas de carne de frango, através do abate de 193 milhões de cabeças. Isto garantirá ao estado a condição de terceiro maior produtor de aves de corte do País. Com relação à produção de ovos, a situação não é diferente. Terceiro colocado entre os estados brasileiros, com 10 por cento do total nacional, a quantidade de ovos produzida deve alcançar algo em torno de 134 milhões de dúzias, representando um acréscimo de 24 por cento sobre o ano passado. No cômputo geral, a avicultura paranaense crescerá 16,5 por cento. Este aumento significativo ainda é um reflexo da expansão de consumo proporcionada pelo Plano Cruzado, mas não consegue dissimular as dificuldades que o setor enfrenta, principalmente quanto a dois aspectos: custos da produção elevados e dependência cada

vez maior do comportamento da safra de milho.

Dentro da produção pecuária, a avicultura paranaense é o setor mais problemático. Tanto é assim que os avicultores se reuniram, em meados de outubro, para elaborar um "Plano de Emergência", recebendo o apoio de deputados estaduais e entidades de classe. O que eles preconizam, através da Associação Paranaense de Avicultura (Apavi), é a participação dos produtores nas decisões sobre impostos, em especial o ICM, uma política que incentive uma produção regular e um consumo crescente, além da atualização dos preços mínimos e mais racionalização na movimentação e comercialização do milho. Acostumados a assistir "passeios" do milho produzido em seu estado, os avicultores querem leilões direcionados e regionalizados e esperam o mesmo tratamento que os

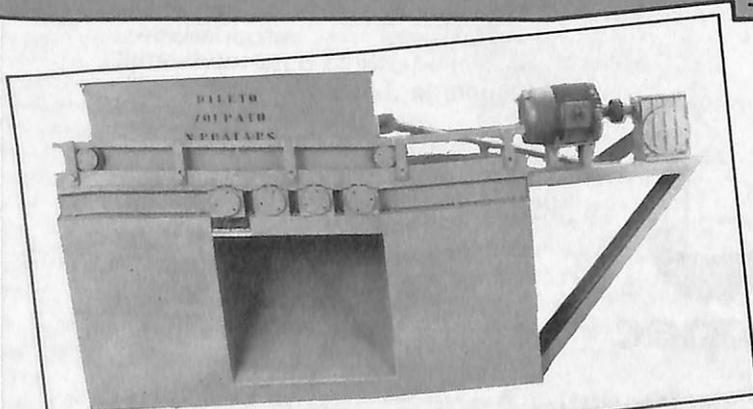
colegas de São Paulo recebem no Programa de Venda Direta do Milho da CFP (Companhia de Financiamento da Produção).

As reivindicações do setor não param aí. No bojo do plano emergencial, os produtores sugerem ainda a liberação dos preços conforme as leis de mercado, a prorrogação por seis meses das EGFs com vencimento em janeiro, a implantação imediata de um serviço estadual de inspeção da qualidade dos produtos animais e que estes produtos sejam incluídos em programas de merenda escolar, quartéis e entidades assistenciais. Tudo isto para evitar a falência iminente do setor, lembram os produtores.

É o que pressente o suinocultor e avicultor Roberto Campagnolo, de Toledo, no oeste do estado. "Se a situação não melhorar entre 60 e 90 dias", queixa-se Campagnolo, "vou demitir os funcionários, reduzir o plantel em 30 por cento, trabalhar apenas com a mão-de-obra familiar e ver se consigo algum emprego nas lavouras da região". O desalento do produtor é justificável. Nos cinco hectares da Granja Linha Bonita, onde cria suínos landrace e large white de reprodução e frangos leghorn, Campagnolo — também presidente da Associação Municipal dos Suinocultores de Toledo — tem encontrado mais dissabores que satisfações.

Avicultor desde 1980, ele soma-se a centenas de outros produtores da região integrados em um grande frigorífico local. E aí começam os seus problemas. Conforme Campagnolo, que mantém um único galpão avícola em

## PLAINA PARA FABRICAÇÃO DE MARAVALHAS



Patente registrada n.º 820.621

**CONVERTA MADEIRA INÚTIL  
EM GRANDES LUCROS!**

O equipamento dispõe de raspadores de madeira para todas as finalidades: maravalhas de diferentes espessuras para aviários, feiras, acondicionamento de hortigranjeiros, cobertura de solo, exposições, isolamentos e outros. RASPA madeiras moles e duras de todos os tipos. Armação toda em aço, engenharia precisa.

AGRÍCOLAS  
**VOLPATO**  
MÁQUINAS  
TRADIÇÃO E QUALIDADE

DILETO VOLPATO - Ind. Com. de Máquinas Agrícolas  
Rua Luiz Marafon, 348 - Fone: (054) 242-1082  
Caixa Postal 156 - 95320 - Nova Prata - RS



**Campagnolo:  
receita de Cz\$ 2 mil por  
mês não é nada**

atividade, terminando anualmente 6,3 lotes de 12 mil aves cada, o sistema integrado é um túnel sem fim, que impossibilita a rentabilidade da avicultura. “Eu recebo Cz\$ 20.000,00 por lote; quando tiro os custos, que vão de Cz\$ 15.000,00 a Cz\$ 16.000,00, me resta somente Cz\$ 4.000,00. Por mês, isto vira Cz\$ 2.000,00. Ou seja, nada”, afirma o produtor, que recebe da integração os pintinhos, a ração, os medicamentos e a assistência técnica, mas se encarrega de cobrir os custos com a mão-de-obra, energia elétrica e a manutenção das instalações. “E por mais que eu tente reduzir meus custos”, acrescenta ele, “não há como baixar dos Cz\$ 16.000,00, e não posso nem pensar em ampliar a atividade, pois um galpão novo está custando Cz\$ 1,4 milhão”.

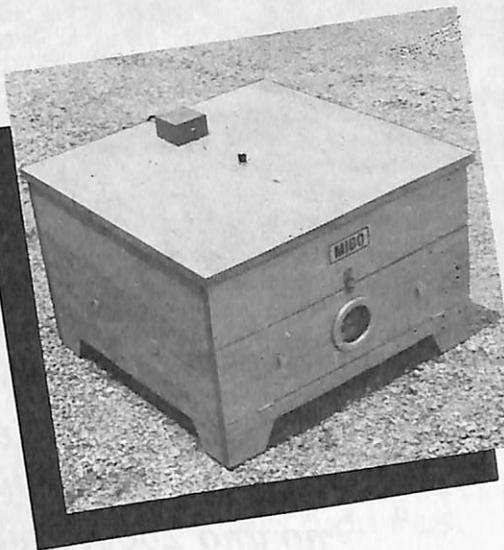
**O governo é culpado** — O manejo de Campagnolo é considerado normal por ele mesmo, e seus maiores cuidados se referem à sanidade e à alimentação dos pintinhos. Da mesma forma, o avicultor dispensa especial atenção à temperatura do galpão, evitando extremos através do manejo de aberturas laterais. “A grande dificuldade do produtor brasileiro”, diz ele, “é não conseguir repassar seus custos para o produto, porque corre o risco de não vender mais”. Ele se refere ao baixo poder aquisitivo do consumidor, que simplesmente está parando de comprar. Os

produtos avícolas entraram com maior frequência no cardápio do brasileiro a partir do ano passado. Agora, entretanto, a situação começa a inverter-se, e o consumo diminui.

“Quando o produtor faz compras ou vendas, já encontra os preços estipulados”, reclama Campagnolo. “Ele nunca consegue fazer o preço do seu produto”. Exibindo as tabelas da Embrapa que informam os custos da produção avícola e suínica, ele entende que a saída seria um preço mínimo que incluísse o custo da produção mais 20 por cento de lucratividade, “conforme o próprio Estatuto da Terra prevê”. Questionado sobre a possibilidade de se desvincular da integração, Campagnolo lembrou que o abate de aves é realizado por frigoríficos ligados às empresas de integração, “e não há saída, pelo menos no frango de corte, pois o que eu faria com as instalações se não tivesse as aves para colocar dentro?”, questionou ele, admitindo que a autonomia na produção avícola diminuiria ainda mais o pouco que consegue lucrar.

Na sua opinião, “o governo é o culpado desta crise toda, pois, ao invés de falar tanto em reforma agrária e outras coisas, deveria dar mais atenção aos pequenos que produzem alimentos. Mas o governo insiste em importar carne de suíno e fixar preços mínimos abaixo dos custos de produção. Primeiro, ele deveria dar condições para que os pequenos que já estão na terra ficassem na terra, para depois pensar nos outros”, concluiu ele. □

## Adquira sua chocadeira MIBO em nossos REVENDEDORES



Capacidade:

Galinha - 120 ovos	Pato - 100 ovos
Faisão - 200 ovos	Ganso - 54 ovos
Peru - 100 ovos	Codornas - 300 ovos

Dimensões (LXCXA): 65x65x45 cm)

Peso: 28 Kg.

### REVENDEDORES:

Porto Alegre - RS - (0512) 21-3511  
 Caxias do Sul - RS - (054) 222-4958  
 Giruá - RS - (055) 361-1727  
 Criciúma - SC - (0484) 38-1444  
 Florianópolis - SC - (0482) 47-0517 e 22-3349  
 Blumenau - SC - (0473) 34-1332  
 Curitiba - PR - (041) 246-8915  
 Foz do Iguaçu - PR - (0455) 73-2181  
 Pato Branco - PR - (0462) 24-2935  
 São Paulo - SP - (011) 826-8611  
 Limeira - SP - (0194) 41-7127  
 Tatuí - SP - (0152) 51-2525  
 Campos - RJ - (0247) 22-3716  
 Belo Horizonte - MG - (031) 464-8906  
 Uberlândia - MG - (034) 232-0848  
 Divinópolis - MG - (037) 221-2264  
 Dourados - MS - (067) 421-5715  
 Barra do Garça - MT - (065) 446-2104  
 Brasília - DF - (061) 242-1121  
 Goiânia - Go - (062) 261-3191 e 233-8489  
 Belém - PA - (091) 231-2796  
 Fortaleza - CE - (085) 231-7144  
 Recife - PE - (081) 271-0922 e 227-1841  
 Maceió - AL - (082) 223-6891  
 Feira de Santana - BA - (075) 221-3666  
 São Borja - RS - (055) 431-2597  
 Goiânia - GO - (062) 233-9656  
 Belém - PA - (091) 226-8963  
 Terezina - PI - (086) 222-1317



**petersime  
industrial s.a.**

ESCRITÓRIO

Estrada Geral s/n - B. São Pedro  
 Tel. (0484) 65-1533  
 Telex 483 790 PEIN BR CEP 88840  
 Urussanga - SC - Brasil



Ile-de-france: rebanho puro cresceu e já é o segundo do estado, atrás do suffolk e antes do texel e hampshire down

*O Paraná pretende passar de 300 mil  
para 1,8 milhão de ovelhas  
no ano 2000, a maioria tipo carne*

## Carne tem mercado. Falta o frigorífico

**U**m frigorífico. É apenas isto que está faltando para que a ovinocultura paranaense, uma das melhores e mais organizadas do Brasil, deslanche de vez. Estruturada em um rebanho de 300 mil cabeças, em que 80 por cento são ovelhas de corte, a atividade apresenta um crescimento constante e se prepara para entrar no século XXI com 1,8 milhão de cabeças, com uma oferta regular de carne ovina e com a capacidade de abate ampliada. “Mas para que isto aconteça”, reconhece Juracy Luiz Roman, diretor-técnico da Ovinopar (Associação dos Ovinocultores do Paraná), “a criação

tem que sair do esquema atual: produção de ovinos para festas e doações”. Esta transformação deve também incluir a fase industrial. “Estamos envolvendo um frigorífico em Jacarezinho e pretendemos que um outro de Curitiba passe a trabalhar com cortes especiais de ovinos”, revela ele.



**Dona Edla:  
cabanha  
de 700 animais;  
Zarpellon:  
é fácil  
vender carne**



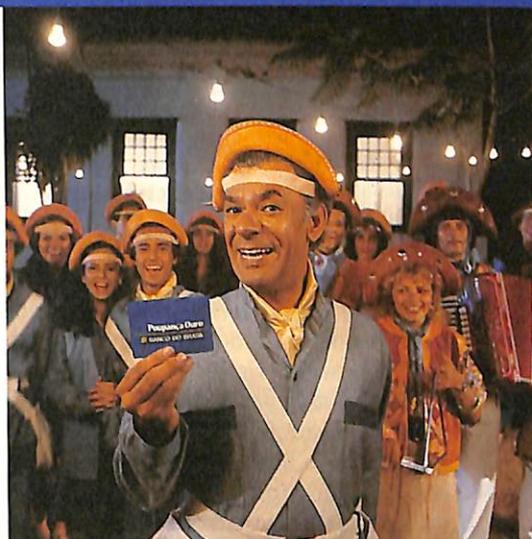
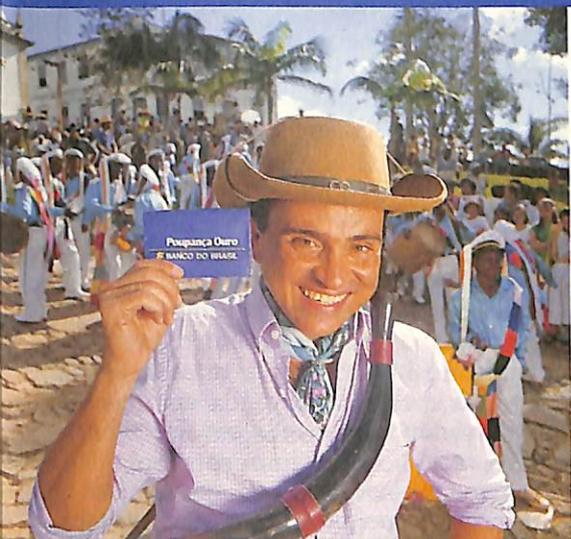
Do outro lado da moeda, na produção de lã, a situação também melhora. Conforme Roman, na safra 86/87, a comercialização de lã chegou a 31 mil quilos (quase tudo para lanifícios de São Paulo), e a associação espera dobrar esta quantia na próxima safra. “Compramos mais cinco máquinas de tosquia e estamos treinando 14 técnicos em diversos pontos do estado para realizá-la”, conta ele, “além de estabelecer um convênio com a Claspar (Empresa de Classificação de Produtos) para realizar a classificação da lã, evitando a desvalorização do produto”.

Todo este trabalho passa, evidentemente, por uma descentralização. Por este motivo, a associação fundou cinco núcleos regionais e espera criar outros 13, difundindo a ovinocultura ▶



# É festa no Interior.

## Deposite na Poupança Ouro do Banco do Brasil.



A Poupança Ouro faz a festa da produção agrícola e pecuária.

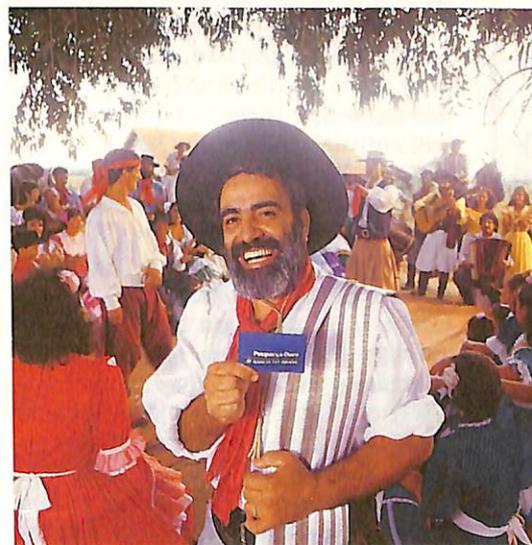
Dá juros e correção monetária para os brasileiros do Interior e das Capitais.

Tem a garantia do maior banco do País.

Leva crédito ao campo para aumentar a produção de alimentos e oferece lucro e segurança para o investidor.

Deposite na Poupança Ouro do Banco do Brasil. O melhor negócio para você.

E para o Brasil.



## Agora, em se poupando, tudo dá.

 **BANCO DO BRASIL**

em todo o estado, saindo da tradicional região de Guarapuava. “Temos condições de desenvolver uma boa ovinocultura de lã mais ao sul, em Palmas e Clevelândia, onde há muitos campos e uma temperatura mais baixa, da mesma forma como podemos incrementar a ovinocultura de corte no norte, através dos núcleos de Londrina e Umuarama”, afirma o diretor.

**Raças mais atuais** — “A média de cabeças dos rebanhos paranaenses é de 50 animais, embora já tenhamos muita gente com mais de 1.000 animais”, informa o veterinário Acyr Loures Pacheco Filho, técnico da Arco (Associação Brasileira dos Criadores de Ovinos) para todo o Paraná, com exceção da região metropolitana de Curitiba. Segundo o especialista, que percorre uma série de exposições e feiras divulgando a seleção do plantel e visita inúmeras propriedades para tatuar animais puros, “as raças suffolk e ile-de-france são as mais atuais, que obtêm melhores preços, embora a hampshire down ainda seja a raça com maior número de cabeças”. Explicando o fato, Acyr entende que a hampshire foi mais difundida em função da sua disponibi-



**Roman: cortes especiais;  
Acyr: manejo deficiente da lã**



lidade no Rio Grande do Sul, de onde sai a maior parte dos reprodutores adquiridos pelos criadores paranaenses.

Quanto às raças de lã e de duplo propósito, o veterinário revelou que não houve um incremento significativo porque não foram bem manejadas. “Os animais que vieram do Rio Grande do Sul receberam um manejo incorreto e os criadores se decepcionaram”, justifica ele, “por isso, a ovinocultura do Paraná continua evoluindo dentro das raças tipo carne”. E esta evolução tem entusiasmado muita gente.

Foi o caso de Edla Woelfer de Paula Xavier, proprietária da Fazenda Capão Bonito, no distrito de Entre Rios, em Guarapuava. Há nove anos criando ile-de-france, em 73 dos 2.008 hectares da fazenda, Edla chegou a importar animais da França, para selecionar cada vez mais seu plantel. Hoje, nos 73 hectares, ela reúne um invejável rebanho de 400 cabeças, onde 20 são PP e o restante são animais SO e fêmeas RD. “Vendo capões e reprodutores, mas meu projeto é trabalhar somente com a cabanha, onde espero atingir um total de 700 animais”, revela ela.

Seu manejo inclui pastagem a campo e a rotação de lotes com no máximo 70 cabeças em 10 poteiros de pastagens implantadas (indo da rústica pensacola ao exigente consórcio de aveia com trevo). Nos poteiros, que somam 48,5 hectares no total, ela consegue manter uma lotação expressiva: 8,24 cabeças/ha. “Sempre fazendo a integração de poteiros com pastagens novas”, explica a proprietária, admitindo que seus custos são altos, tanto na prepara-

ção das pastagens como em vermífugos, vacinas e instalações. “Mas não tenho dúvidas que vale a pena criar ovelhas, pois com a venda dos reprodutores SO, hoje avaliados em Cz\$ 10 mil cada, já conseguimos cobrir os custos; todas as ovelhas e capões que vendemos são lucro e eu faço questão de acompanhar os preços da arroba do boi, nunca vendo por menos”, argumenta. Seus cuidados com a alimentação vão mais longe. A parte do rebanho que se destina ao abate pasta ainda na resteva da lavoura de soja, enquanto os reprodutores são arraçoados com subprodutos de trigo e soja. “Não compramos nada”, diz ela, “fazemos tudo na propriedade”. Esta preocupação com comida é justificável. “Temos uma média de 50 quilos de peso vivo, ou 25 quilos de carne na carcaça, na época do desmame, aos seis meses de idade, e não admito menos”.

Com uma natalidade média de 90 a 100 por cento, o plantel da Capão Bonito se prepara para ingressar na fase da inseminação artificial. Através da técnica, Edla espera elevar o índice para além de 102 por cento, o máximo que já chegou com monta natural. “Este ano só não foi maior”, recorda a criadora, “porque tivemos um surto de conjuntivite no ano passado, e a natalidade caiu para 96 por cento”. Fora este problema, o rebanho de Edla só enfrentou um único outro episódio de doença: há três anos, os carneiros foram contaminados por enterotoxemia. A partir daí, o controle sanitário se intensificou tanto, sobretudo através de um rígido sistema de everminação a ca-



**BANHEIRO ZOOTÉCNICO DE ASPERSÃO AGROSUL**

Sistema de brete com piso metálico revestido de fiberglass. Arcos para pulverização c/20 bicos aspersores de alta vazão. Cobertura metálica vincada.

**BANHE SEU GADO COM EFICIÊNCIA, RAPIDEZ E ECONOMIA**



**AGROSUL**  
IND. E COM. DE MÁQS.  
AGRICOLAS LTDA.

BR 386 - km 173  
Fones: (054) 331-2148 e 331-3800  
CEP 99.500 - CARAZINHO - RS

da 30-40 dias, que a Fazenda Capão Bonito foi reconhecida como exemplo de condição sanitária no País todo, no simpósio brasileiro da Arco em 1985.

**Alto consumo em Curitiba** — Aproveitando a proximidade com Curitiba, onde há um parque retalista desenvolvido e um consumo muito grande de carne ovina, o criador Leondy Zarpellon criou a Cabanha Florestal, no distrito de Caratua, em Irati, a 150 quilômetros da capital paranaense. Ali, Zarpellon se dedica a 31 cabeças de hampshire down, 32 suffolks e 27 ile-de-france, todos puros, além de 70 ovelhas e borregos cruzados ile-de-france e suffolk, seguindo uma tendência que tem observado nas feiras. “O mercado para reprodutores está muito bom”, conta ele, “mas ainda é necessário um frigorífico, porque a produção é pequena”. Antigo criador de cavalos PSI (a propriedade mantinha um haras que chegou a ter 80 animais), Zarpellon se confessa entusiasmado com a ovinocultura de corte e, em especial, com a raça suffolk. “A rentabilidade é tão grande que em dois anos pretendo trabalhar só com esta raça”, declarou, salientando que a prolificidade do ovino suffolk é mais alta, embora goste das três raças. “Acontece”, continua ele, “que sendo raça de carne, vale a pena, pois é fácil vender carne. Já não se pode dizer o mesmo da produção de lã, porque o pessoal vem buscar a lã e oferece um preço muito baixo”.

Dessa forma, Zarpellon — que já teve 600 cabeças de ovelhas comuns, de baixa produtividade — está procurando aprimorar cada vez mais o seu rebanho. Por este motivo, 42 dos 617 hectares da Florestal se destinam à pastagem dos animais, onde vicejam hemária, quicuí, missioneira, pensacola e sorgo, no verão, e pequenas áreas de aveia, no inverno. Parte desta área, entretanto, é dividida com 15 bovinos pardo-suíço, que em breve devem ser o dobro para que o produtor inicie também uma cabanha com este gado leiteiro. O resto da propriedade é ocupada por matas nativas, uma barragem de 12 hectares e uma lavoura de milho com 72,6 hectares. “Nossa criação é mais de galpão que de campo”, explica Zarpellon, “exigindo mais cuidados mas refletindo mais qualidade”. Material genético não falta: no seu plantel, há diversos ovinos importados, entre os quais um carneiro suffolk canadense e uma série de campeões do Rio Grande do Sul, tanto da raça suffolk como da hampshire down. □

# RATOEIRA ELETRÔNICA VIGIPEST®



Para acabar de uma vez por todas com roedores nocivos, sem afetar o meio ambiente, você só tem uma solução: **Vigipest®** neles.

**Vigipest®** é um equipamento eletrônico que extermina ratos, ratonanas e camundongos através de ondas eletroenergéticas, sem causar danos aos seres humanos, animais, vegetação, solo e subsolo. É indicado tanto para áreas abertas quanto para ambientes fechados em indústrias, lojas comerciais, depósitos, fazendas, silos, haras e todos os tipos de espaços urbanos e rurais. **Vigipest®** apresenta consumo mínimo de energia. Seu campo de emissão de ondas não é alterado por obstáculos, como rochas, lagos e edificações, o que garante uma eficiência de 100% no extermínio de roedores nocivos.

- Não interfere em outros aparelhos elétricos e eletrônicos.
- Não é tóxico, não polui e nem é ultra-sônico.
- Possui raio de ação de 300m<sup>2</sup> para áreas fechadas e 1.000m<sup>2</sup> para áreas livres.
- Possui vida útil de, no mínimo, 5 anos e garantia total de 1 ano.

Único testado e aprovado pelas maiores empresas nacionais, multinacionais e governamentais.

© DISPOSITIVO ELETROENERGÉTICO DE CONTROLE DE ROEDORES NOCIVOS PATENTEADO PELO INPI

\* Direitos assegurados por patente de invenção



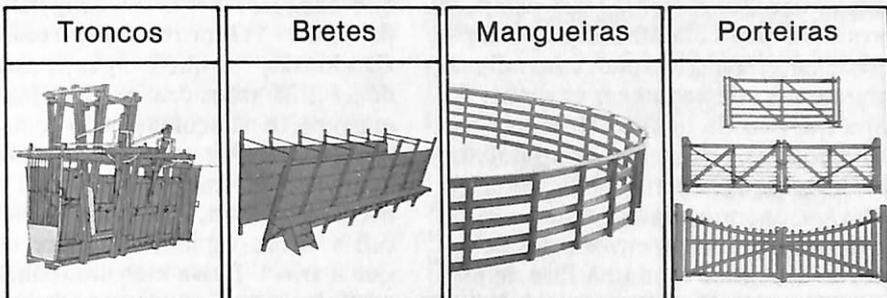
VIGIPEST®

Industrializado por patente por:

**Rochsil**

Matriz: Rio de Janeiro • Rua da Lapa, 65  
Grupos 201/207 Sobreloja • Cep 20021  
Tels.: (021) 242-4255 e 242-4482

## QUEM É DO CAMPO CONFIA



### GUSTAVO MUTTONI & CIA LTDA.

Rua Porto Alegre, 120 - Km 285 - BR 116 - Fone: (0512) 80.1533

Cx. Postal 86 - CEP 92500 - Guaíba - RS

ESCRITÓRIO SÃO PAULO/SP

Rua Domingos de Moraes, 1338 - Loja: C/12 - Vila Mariana

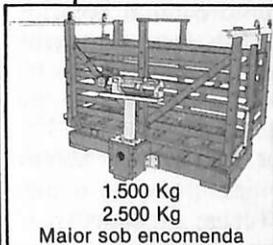
Fone: (011) 572.8815 - CEP 04010 - São Paulo - SP

REPRESENTANTE: Agropecuária Bageense Ltda.

Rua Salgado Filho, 151 - Fone: 42.4260 - CEP 96400 - Bagé - RS



Balanças para bovinos



1.500 Kg  
2.500 Kg

Maior sob encomenda

Baixas Moduladas



Projetos e instalações p/ manejo de bovinos, eqüinos e ovinos

Projetamos e construímos Parques de Exposições

TODOS OS EQUIPAMENTOS SÃO CONSTRUÍDOS EM IPÊ

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

TRADIÇÃO

MUTTONI DESDE 1879

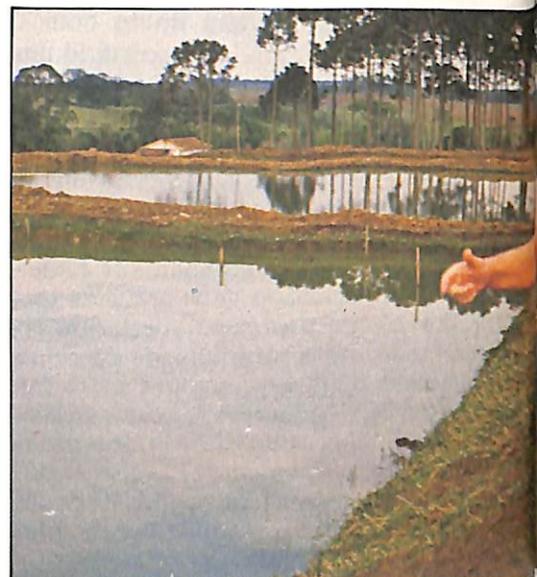
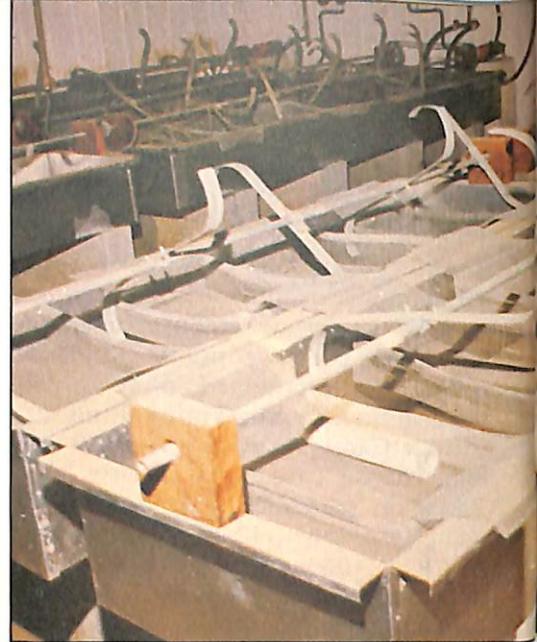
*Rústico e saboroso, o bagre-do-canal saiu dos EUA por contrabando, e hoje só não é criado em Roraima*

# Peixe-gato. Este o bagre que dá certo

**P**escador inveterado que sempre gostou de peixes, o piscicultor Miguel Grechinski, 64 anos, tinha certeza que ao se iniciar na criação do channel catfish (peixe-gato do canal), em 1980, chegaria ao sucesso absoluto. Logo após receber 30 alevinos de presente de um biólogo da Sudepe (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca), em 1979, ele foi à Universidade de Aquicultura de Auburn, no Alabama, EUA, e por três meses estudou o desenvolvimento do catfish — já na época o peixe mais criado naquele país, responsável por 52 por cento da produção piscícola americana. Daí para chegar ao estágio atual, com mil matrizes e 40 mil peixes em engorda, foi uma questão de tempo. Hoje, ele tem condições de produzir até oito milhões de alevinos, dos quais 3,450 milhões já estavam encomendados antes mesmo da época da desova, em meados de outubro. Vendidos ainda na fase de pós-larva (de 15 a 45 dias, com no mínimo 2,5 centímetros), ao preço unitário de Cz\$ 3,00, renderão Cz\$ 10 milhões 350 mil ao criador, destinando-se a novos piscicultores de todo o Brasil e a países como a Argentina, Colômbia, Peru, Chile, Equador e Paraguai. “Só não tive encomendas de Roraima”, afirma satisfeito Grechinski, “mas o resto do Brasil todo encomendou pós-larvas. O que mais me impressionou, porém, foi vender catfish para Manaus e Aquidauana, em pleno Pantanal mato-grossense. Quer dizer, são terras de peixe e receber pedidos de lá significa que o catfish é muito bom”, comenta ele, preparando uma remessa de 30 mil alevinos para um único freguês de Aquidauana, Mato Grosso do Sul, estado que é, segundo Grechinski, seu melhor mercado.

Originário dos canais e córregos dos estados norte-americanos de Mississipi, Arkansas e Alabama, o catfish (também chamado de bagre-do-canal) se espalhou por todo o mundo, adaptando-se a regiões tão diferentes quanto China, Canadá e África do Sul. Rústico e pouco exigente quanto à alimentação — sua dieta onívora inclui desde ração balanceada até subprodutos de hortas e pomares, além de esterco de suínos e aves —, ele admite climas de altas temperaturas, como os climas nordestinos, e temperaturas tão baixas que cheguem perto do congelamento da água. “O problema”, reconhece Grechinski, “é que a água, passando de 27 a 28 graus centígrados, faz com que o peixe não coma, e não comendo, não cresce. Por isso, recomendamos tanques com uma profundidade mínima de 1,5 metro. Água rasa esquentava e esfria muito rápido, e o calor é pior que o frio”. Dessa maneira, conforme o produtor, a temperatura ideal para a criação do catfish varia de 18 a 26 graus centígrados. Ele exemplifica com o caso do catfish criado em uma barragem do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), em Pentecostes, Ceará, onde os peixes de três anos apresentam um tamanho de um ano, por causa do calor regional.

Parecido com o bagre do mar ou com o mandi (muito comum nos rios brasileiros), o catfish leva vantagens dentro dessa família de peixes: sua carne é branca, levemente rosada, e ele não faz questão de águas correntes. Pelo contrário. Seu ambiente predileto são águas estuarinas, paradas, o que transforma o catfish em um concorrente direto de carpas e tilápias, as mais requisitadas espécies para povoar açudes e barragens brasileiras. A criação



do catfish, no entanto, pode ser praticada junto com a de carpas e tilápias, pois embora concorram em espaço e alimentação, são todos peixes de índole pacífica, não-agressivos.

**Libélula inimiga** — Na Chácara Pérola do Sul, em Irati, Grechinski ocupa 2,5 hectares com 25 tanques destinados à criação de catfish. A 20 quilômetros dali, no município de Teixeira Soares, o piscicultor ocupa 61 dos 1.400 hectares da Fazenda Virá com 48 tanques e quatro açudes. O resto da fazenda se destina à pastagem (braquiária, setária e estrela-africana) de 900 cabeças de búfalos (jafarabadi, murrá e mediterrâneo). “Mas eu gosto mesmo é de peixe, porque peixe não incomoda”, afirma o piscicultor, que lida com a criação de peixes desde a época de seu avô, lembrando que “é quase uma tradição de família”. Além do catfish, Grechinski trabalha com tilápias, diversas variedades de carpas, salmonídeos e peixes ornamentais, mas não esconde



Grechinski, nos tanques de reprodução: peixe-gato nasce na mesa de alevinagem (ao lado) e pesa 1,3kg com um ano



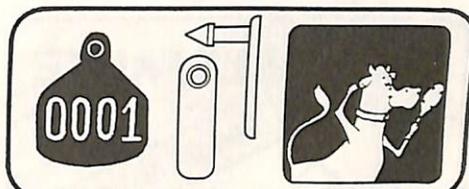
sua preferência pelo bagre-do-canal. O entusiasmo é tanto que em breve publicará um pequeno livro a respeito da espécie e seus planos incluem ainda a industrialização da carne de catfish. "Quero vender catfish filetado aos hotéis e restaurantes finos de Curitiba", revela ele, acrescentando que há um mercado em potencial para tal produto em todo o País.

O mercado promete. A julgar pela procura de catfish na própria região de Irati, haverá mais procura que oferta por um longo tempo. Até porque os Estados Unidos, país original do catfish, não permite a exportação de matrizes e reprodutores, tentando manter monopólio para um mercado mundial em expansão. "As criações dos outros lugares do planeta tiveram por base peixes contrabandeados", classifica Grechinski, "pois a produção anual americana chegará às 200 mil toneladas no final do ano, com um incremento de 20 por cento ao ano", diz ele, exibindo o último número do "The Catfish

Journal", uma publicação especializada para criadores do bagre-do-canal. De fato, com uma fonte de matéria-prima tão promissora em suas mãos, os piscicultores americanos se dedicam, primeiro, a regularizar a produção dentro de suas fronteiras, para depois lançarem o catfish no mercado internacional e ditarem as regras da comercialização.

"Eu vendo até na estrada", revelou Grechinski. "Coloco uma placa dizendo 'Vendo peixe vivo', uns tanques e o pessoal compra tudo". Mas nem tudo foi tão fácil assim. Para começar a criação, ele teve que buscar água numa fonte a um quilômetro da chácara, evitando qualquer tipo de problema sanitário e contaminação por agrotóxicos. A partir daí, o piscicultor montou um esquema de distribuição e reaproveitamento desta água, evitando sua fuga para outros lugares. E nesta história, ele acabou descobrindo o pior inimigo do catfish: a libélula, também conhecida por odonata ou lava-bunda. Carnívoras e muito vorazes, as larvas aquáticas deste inseto voador chegam a comer peixinhos de até três centímetros de comprimento. "Acabei descobrindo que não se pode encher o tanque 15 dias antes de povoá-lo com os alevinos, porque assim ele estará cheio de larvas grandes de libélula, que destruirão a criação, devorando quase todos os alevinos. O correto é colocar os peixes imediatamente após o enchimento do tanque, porque assim os alevinos se desenvolvem mais que as larvas e se alimentarão delas".

**Comida na base de tudo** — Ao adquirir um lote de pós-larvas (alevinos com 15 dias de idade, 2,5 centímetros de comprimento e já se alimentando)



## BRINCOS JUMBO 2

Moderno brinco para bovinos produzido à base de poliuretano com 7cm de altura - 6cm de largura. Contém números com 3cm que vão de 0001 ao 9999. De alta visibilidade, são fabricados em verde, vermelho, azul e amarelo.

## NYLTAG (Pequenos)

Tradicional brinco de Nylon para ovinos, caprinos, suínos, etc. Fabricados em cinco cores: amarelo, azul, branco, verde e vermelho. Com numeração de 0001 a 99999

FABRICANTE:  
AGROPECUÁRIA  
**NYLTAG**

Imp. e Exp. Ltda.  
Av. Ceará, 1209 - Fone: (0512) 43-2102  
C. Postal 3014 - 90240 - Porto Alegre/RS

## CONFINAMENTO

### ÁGUA LIMPA, PLANTEL SADIO

Uso indicado no sistema de criação em confinamento, semi-confinamento ou estabulado. Construção robusta. Entrada de água: 1/2". Válvula de latão.

BB/8 - BOVINOX  
NOVILHO



BB/3 BOVINO  
ADULTO

BB/MULTI -  
99 - FERRO  
EQÜINOS E  
BOVINOS



**SUIN**

INDUSTRIAL AGRÍCOLA  
SUIN LTDA.  
Rua Santos Dumont, 7600  
Fone: (0474) 27-1200 e 27-1212  
Telex 474-263 - Cx. Postal 1266  
89200 - Joinville - SC

## CAPIM-ELEFANTE



**REBROTE**  
MUDAS FORRAGEIRAS

**A boa qualidade do volumoso é economia na alimentação!**

**A PESQUISA CIENTÍFICA RECOMENDA**

MERCKER 86 MÉXICO  
MERCKERON PINDA  
TAIWAN-A 144  
TAIWAN-A 146  
TAIWAN-A 241

### GRANJA S. VICENTE

Av. Cristóvão Colombo, 3038/204  
Porto Alegre - RS

PEDIDOS PELO FONE: (0512) 41-6712  
IRMÃOS IRIGOYEN REPRESENTAÇÕES

Para maiores informações, escreva-nos

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

## TABAPUÃ

**Dr. ALBERTO ORTENBLAD**



**Fazenda Água Milagrosa**

Cx. Postal 23 Tel.: PABX (0175) 62-1117  
15880 - Tabapuã - SP

**RUSTICIDADE,  
FERTILIDADE E GRANDE  
GANHO DE PESO.  
TABAPUÃ, A RAÇA FEITA  
PARA O BRASIL.**

**Escritório no Rio:**

Rua da Assembléia, 92, 10º and.  
CEP 20011 - Rio de Janeiro, RJ  
Tels.: (021) 242-0297 e 222-1818

bem), os piscicultores devem seguir o manejo recomendado por Grechinski, o que lhes garantirá o retorno dos investimentos iniciais num prazo de aproximadamente um ano. O primeiro passo é a construção do tanque, levando em conta a profundidade mínima de 1,50 metro e as seguintes proporções: para uma criação com cinco mil peixes (os lotes são vendidos com uma quantidade padrão de cinco mil pós-larvas), o produtor deverá construir um tanque com um hectare de área, pois cada peixe precisa de dois metros quadrados para o seu desenvolvimento, crescendo pouco mais de um quilo ao ano. Ou seja, para cada metro cúbico de água disponível, o catfish desenvolve um quilo. A água deve ser de boa qualidade, e o tanque deve estar limpo, de preferência desinfetado e já calcariado. Dependendo do pH da terra e da água, a dose para correção varia de 200 a mil gramas de calcário/metro quadrado. Para a desinfecção, usa-se 100 gramas de cal virgem por metro quadrado.

Após uma semana, o tanque pode ser cheio e fertilizado com adubo orgânico (um quilo/metro quadrado) para que crie plâncton, a substância microorgânica que servirá de alimentação básica aos alevinos. O povoamento é feito em seguida. Além disso, até que atinjam os 45 dias de idade, os peixinhos devem ser arraçoados 10 vezes por dia, com uma dose variável entre três e cinco por cento de seu peso. "Se arraçoar de uma só vez", alerta Grechinski, "os peixes se empanturram e morrem".

A ração, conforme o piscicultor, é um problema: "umas vezes, é maravilhosa, com bastante farinha de peixe; outras vezes, vem só farelo de soja, que é muito bom para manter a criação, mas não para o crescimento dos alevinos". Assim, convém reforçar frequentemente o cardápio dos peixinhos com subprodutos orgânicos, indo desde esterco de porcos até frutas, pão e polenta. Grechinski, inclusive, está construindo um moscário para servir larvas de moscas a seus alevinos.

Dos 45 dias de idade em diante, diminui a quantidade de ração. Ela deve ser fornecida duas vezes ao dia, numa dose de três por cento do peso do peixe. Dos quatro meses em diante, a voracidade do catfish varia conforme a estação do ano. No inverno, a dose é de seis vezes por semana, com um por cento do peso do animal; no verão, também seis vezes por semana, com a dose aumentada para três por cento do



**Tabuleiro móvel para ração: sem desperdícios, porque alimento não se mistura com o lodo do fundo do tanque**

peso do peixe. E chega-se, então, à fase de engorda. Bem alimentados, com bastante subprodutos — recomenda-se, inclusive, criar junto tilápias, para servir de forragem —, os bagres chegarão aos 15 meses com um peso médio de 1,2 quilo. "Além de ser uma carne firme, branca e sem gordura", destaca Grechinski, "o catfish macho não tem testículos e a fêmea não tem ovas, já que sua maturidade sexual só chega aos três anos de idade". Tal fato garante uma carne sem o ranço característico da atividade sexual.

Se o piscicultor tiver sua produção voltada para o abate, pode vender todos os peixes, capturando-os após o esgotamento do tanque. Se quiser continuar a produção, no entanto, deve selecionar os melhores espécimes para que permaneçam no plantel. Ao completar três anos, e um peso que varia de 2,5 a três quilos, a fêmea faz sua primeira desova, colocando uma média de 10 mil ovos por quilo de peso. O macho fecundará os ovos e se encarregará de chocá-los. Em condições naturais, o índice de alevinos criados chega no máximo a 30 por cento, ao passo que em laboratório pula para 90 por cento.

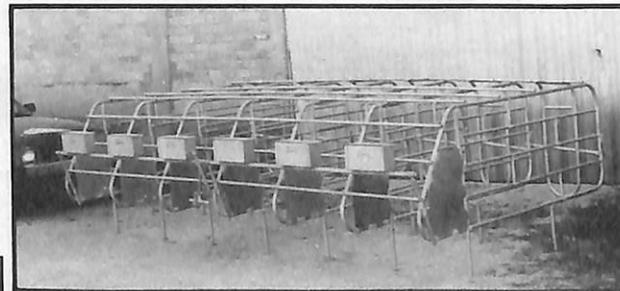
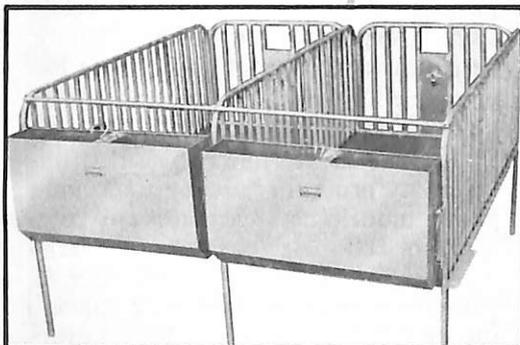
"No caso da engorda", frisa Grechinski, "com uma conversão alimentar de 1,5 quilo de ração para um quilo de peixe, a rentabilidade chega a Cz\$ 70,00 por animal, pois a ração sairá Cz\$ 30,00, enquanto que um quilo de catfish está valendo Cz\$ 100,00". Ao utilizar subprodutos, a lucratividade será ainda maior, aproveitando matéria-prima que geralmente é desperdiçada na maioria das propriedades. □

Você tem **10**  
bons motivos  
para preferir...

# ETAGRO

- 1** Equipamentos eficientes testados e aprovados em granjas próprias, que garantem a rentabilidade da criação
- 2** Acabamento seguro, que protege seu plantel de arestas vivas e corrosão;
- 3** Assessoria na criação e execução de projetos;
- 4** Definição e seleção do plantel;
- 5** Otimização do manejo;
- 6** Habilitação de pessoal, através de estágios;
- 7** Assistência técnica na fase de implantação de reprodutores;
- 8** Orientação na escolha de reprodutores e matrizes;
- 9** Produção de reprodutores LANDRACE, LARGE WHITE e DUROC PUROS de alta linhagem e HIBRIDOS (F1) de alto potencial genético;
- 10** Consulte a ETAGRO e você vai descobrir mais uma infinidade de motivos, que fazem da empresa sinônimo de qualidade reconhecido pelo suinocultor;

CRECHE



BOX



VISTA GERAL DA EMPRESA

Equipamentos para Suinocultura

## ETAGRO

SUELY ETAGRO EQUIPAMENTOS S.A.

Estrada Geral S/N – Bairro São Pedro

Caixa Postal 15 – Fone:(0484) 65 - 1259

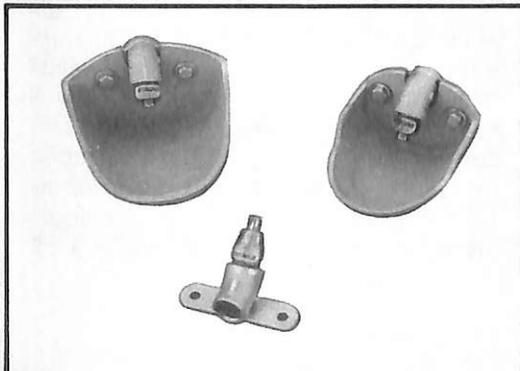
88.840 – URUSSANGA – SC



®

NOSSACASA

BEBEDOURO



# PROCAMPO

SISTEMAS AGROPECUÁRIOS

Possuímos alternativas que colocam o computador ao seu alcance:

- Venda de sistemas - para quem possui computador ou pretende adquiri-lo.
- Prestação de serviços para quem não possui computador. Coletamos os dados, processamos e devolvemos os resultados.

Sistemas disponíveis:

- GADO LEITEIRO
- GADO DE CORTE
- OVINOS
- SUÍNOS
- EQÜINOS
- AGRICULTURA



Rua Carlos Trein Filho, 587  
Fone: (0512) 32-7311 - Porto Alegre - RS  
Telex (51) 2051 COCA BR



## Suinocultura

Nesello, de Toledo: muita gente vai parar nos próximos 60 dias

*Preço mínimo muito inferior ao custo, consumo cai, e produtores abandonam setor ou reduzem plantéis*

# Prejuízos imensos ameaçam produção

Com uma arrecadação de Cz\$ 138,4 milhões de ICM em 1986, a suinocultura paranaense ultrapassa a bovinocultura de corte, transformando-se na sétima fonte de ICM da economia estadual e gera 150 mil empregos, entre diretos e indiretos. Além disso, o Paraná possui o maior rebanho nacional, com mais de cinco milhões de cabeças criadas em 290 mil propriedades, e tem a terceira maior produção de carne suína do País, devendo fechar o ano com aproximadamente 140 mil toneladas. Os dados são da Associação Paranaense de Suinocultores (APS) e mostram não apenas a importância do setor, como também o tamanho dos prejuízos que se verificarão na atividade em curto prazo se a crise no consumo não for debelada.

“Estamos pagando pela fatídica im-

portação de 75 mil toneladas de carne suína”, explica o suinocultor e diretor de organização da APS, Henrique Pedro Nesello, “porque até então conseguíamos viver, e com o fim do Cruzado I entramos de vez na recessão”. Conforme o produtor, que possui uma granja modelo de 38 hectares em Toledo, com 200 matrizes landrace e large white e um plantel de dois mil animais para corte, com um índice de conversão de 2,8, “no ano passado, o governo estimulou os investimentos na suinocultura. Os paranaenses, então, responderam com 30 por cento de aumento na produção e agora não há consumo”. De fato, o interesse do consumidor brasileiro pela carne suína nunca foi tão baixo: 6,5 quilos *per capita* ao ano. Por absoluta falta de poder aquisitivo, o consumidor não paga Cz\$



### BB/1 - SUINOS ADULTO

Código: 11.1.00



### BB/2 - SUINOS LEITÃO

Código: 11.3.20



### CHUPETA-ADULTO/LEITÃO

com conector; corpo de latão laminado; pino central de latão; mola de aço inoxidável; entrada d'água de 1/2"; peso: 0,130 g. PARA CACHAÇO: mesmo material, entrada d'água de 3/4"; peso: 0,200g.



### COMEDOURO AUTOMÁTICO PARA SUINOS LEITÕES

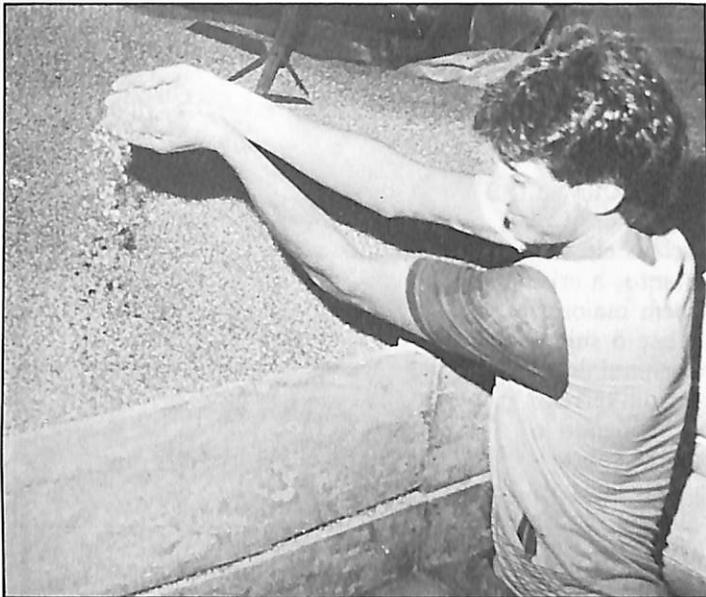
Mod.: C 1 - Código: 33.1.00  
cocho em ferro fundido; depósito em chapa zincada, regulável; capacidade para 15 litros; vantagens do modelo que diferenciam dos demais similares: corpo ferro fundido; comporta regulável; economizador, que evita perdas de ração  
Altura: 57cm Comprimento: 37cm  
Largura: 18cm Peso: 9kg

### ÁGUA LIMPA, PLANTEL SADIO

Com os bebedouros automáticos SUIN seu plantel fica do jeito que você gosta.



Industrial Agrícola SUIN Ltda.  
Rua Santos Dumont, 7600  
Tel.: (0474) 27-1200 e 27-1212  
Telex: 474-263 - Cx. Postal, 1266  
89200 - JOINVILLE - SC



**Milho, principal insumo: quanto custará em maio?**

28,00 por quilo de carne de porco e aumenta os pesadelos do suinocultor, envolto com custos da produção que já chegam a Cz\$ 40,00 por quilo.

“Precisamos que o governo controle efetivamente os preços dos insumos”, sugere Nesello, “porque, se continuar assim, muita gente vai parar de produzir, num prazo de 60 dias”.

A questão dos insumos, vale dizer alimentação, é crucial. Já pressentindo a crise, os suinocultores, através das associações nacionais e regionais, cooperativas, sindicatos das indústrias do setor, indústrias e supermercadistas, assinaram um acordo, em 24 de julho, estabelecendo que os preços mínimos seriam reajustados mensalmente, seguindo a variação dos insumos e fatores da produção. O acordo teve a chancela da poderosa Seap (Secretaria Especial de Abastecimento e Preços), mas ficou só no papel, pois em seguida desencadeou-se uma escalada nos preços dos produtos básicos, puxados, sobretudo, pelo milho. As consequências desta imobilidade são nefastas: matrizes e reprodutores estão sendo abatidos, como única alternativa de permanecer na atividade. “Já pensei muitas vezes em parar de produzir”, confessa Nesello, e “plantar só o necessário para a própria sobrevivência e ficar observando de onde vão tirar comida. Talvez assim começassem a valorizar o nosso trabalho”.

**Plantel em redução** — Espremidos entre os custos da produção e os preços pagos pela indústria, os suinocultores do oeste do Paraná — considerada a região brasileira mais desenvolvida neste ramo — começam a diminuir seu plantel em 12 por cento, embora as grandes integrações que atuam na área não admitam este decréscimo. Foi o recurso encontrado pelo próprio presidente da Associação Municipal dos Suinocultores de Toledo, Roberto Campagnolo, duplamente atingido pela crise (ver matéria sobre avicultura). Segundo Campagnolo, grande parte dos mais de 2.000 suinocultores do município está apelando para o mesmo recurso. Dono de um total de 420 cabeças (large white e landrace), das quais 50 são matrizes alojadas e seis são reprodutores, ele vendia uma média de 750 a 800 reprodutores por ano. Agora, em função do declínio da demanda por reprodutores (70 por cento a menos que no ano passado), ele se obriga a vender seus animais para uma das



# cabanha emboque

## UM PRÊMIO DE PESO



Os leitores da Revista **A GRANJA** elegeram nossa Cabanha como **DESTAQUE** em SUINOCULTURA, no ano de 1987.

É gratificante saber que nosso trabalho em prol de uma suinocultura melhorada tem o aval e o reconhecimento destes leitores, sabidamente os mais bem-informados em agropecuária.

Trabalhar cada vez mais e melhor — este o nosso propósito. Afinal, não foi por acaso que ganhamos um prêmio de peso.



• Grande campeão na Exposição Internacional de Esteio



## cabanha emboque

### IMPORTAÇÃO E SELEÇÃO

Criação: Rodovia do Xisto - km 152 - Tel.: (0425) 32-2090 - São Mateus do Sul - PR  
Escritório Central: Rua Leônicio Correia, 459 - Caixa Postal, 1941  
Tels.: (041) 242-7890 - 242-0128 - 80240 - Curitiba - PR

# CRIAR BEZERROS DÁ LUCRO

*Ganhar dinheiro com criação de bezerros tem ficado cada vez mais difícil. Os preços dos insumos sempre sobem na frente do preço dos bezerros desmamados, e o lucro do pecuarista fica cada vez menor. O único jeito de reverter esta situação é adotar uma tecnologia que possibilite obter um bezerro no pasto ao pé da vaca, com 200kg aos cinco/seis meses. Esta tecnologia já foi comprovada por mais de 500 criadores de NELORE e outras raças, significando mais de 500 mil bezerros mantidos ou já desmamados pelo SISTEMA INTEGRADO PRECOCHO/RUMEVITA/ATIBION-H.*

*Solicite informações técnicas ao fabricante.*

## L. AMORIM JABOTICABAL

Ind. e Com de Medicamentos e Equipamentos Veterinários

**RUMEVITA**<sup>®</sup>  
lamorim

### MATRIZ:

Av. Major Hilário Tavares Pinheiro, 3277  
Fones: (0163) 22.4850, 22.4636 e 22.4544  
Caixa Postal 182  
CEP 14870 - Jaboticabal/SP

### FILIAL:

Rua Alagoas, 1081  
Telefone: (067) 384-2719  
CEP 79100 - Campo Grande/MS

quatro grandes integrações que atuam na região. “Eu gasto cerca de Cz\$ 4.480,00 para produzir um bom animal, mas como não existe procura, tenho que vendê-lo para o abate industrial por apenas Cz\$ 2.300,00. Ou seja, tenho um prejuízo mínimo de Cz\$ 2.180,00 por animal”, relata ele. Na sua contabilidade, no entanto, a crise setorial causou rombos bem maiores. “Em abril deste ano”, disse o suinocultor, “comecei a usar o capital de giro; depois, tive que vender um terreno na cidade e agora estou vendendo o plantel. E tenho certeza que só sobrevive na suinocultura hoje aquele que passar a mão no capital de giro ou vender algum bem”.

Nos cinco hectares da Granja Linha Bonita, Campagnolo não tem condições de produzir a alimentação de seus suínos e, por isso, depende totalmente do mercado de milho, rações e concentrados. Esta realidade é vivida por 80 por cento dos produtores regionais, que possuem menos de 10 hectares. Tal fato, porém, não deveria significar impeditivos para a exploração “A suinocultura tem que ser rentável com o produtor comprando tudo”, salienta Campagnolo.

**Menos integração** — “Nós discordamos da auto-suficiência em milho, pois não admitimos transformar o lucro do grão em prejuízo do porco”, argumenta o presidente da Associação Regional de Suinocultores do Oeste do Paraná (Assuinoeste), Danilo Mattiello. Congregando 7.500 sócios, espalhados por 32 municípios, a Assuinoeste é responsável por 67 por cento do rebanho estadual, ou cerca de 3,3 milhões de cabeças, distribuídas entre as raças landrace (65 por cento), large white (30) e duroc (5).

Conforme Mattiello, “no Brasil, o preço mínimo é sempre o preço máximo, e entendemos que o preço mínimo deveria ser pago pelo pior suíno”.

No entender do suinocultor, que possui uma granja de reprodução de apenas 26 mil metros quadrados (2,6 hectares), produzindo cerca de 1.200 reprodutores das raças landrace e large white por ano, a saída da crise viria com uma redução do sistema integrado, “para que o suinocultor possa ter oportunidade de vender animais para fora”. Para ele, também um produtor integrado, “muitos acham que a integração é viável, porque fornece a ração e paga na hora da entrega do porco. Mas isto é falso, pois o suinocultor per-



**Mattiello:**  
mínimo é sempre  
o máximo

de dinheiro ao vender pelo preço que a indústria estabelece”. A situação regional se agrava, porque, segundo Mattiello, 98 por cento dos criadores são integrados e têm seu poder de barganha diminuído. “Se fôssemos 98 por cento fora da integração, a situação seria outra”, argumenta ele, acrescentando que os compradores de fora não compram no Paraná porque sabem que a maioria dos produtores é integrado. “Estados como São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul poderiam adquirir animais paranaenses, mas quem vai se interessar quando sabe que o pessoal é terminador?”, questiona. Por esse motivo, a associação paranaense está iniciando um trabalho de venda de suínos através da bolsa de mercadorias do Paraná, esperando um incremento de 32 por cento nas vendas de suínos vivos para outros estados. E para garantir a qualidade genética do produto, um programa de melhoramento está sendo incrementado, através de duas estações de teste. Uma delas, a Estação de Avaliação de Suínos (EAS), serve para verificar os índices de rendimento dos animais destinados ao abate. A outra, a Estação de Teste de Reprodução de Suínos (ETRS), avalia o desempenho dos animais que mantêm o plantel reprodutivo. Neste programa, já estão sendo computados os resultados de 13 granjas, que apontam uma conversão média regional de 2.47, um ganho de peso diário de 1.017 gramas e uma espessura média de toucinho de 1,73 centímetro aos 133 dias de idade, quando os suínos testados apresentam exatos 90 quilos. “Mas existem animais que apresentam um ganho de peso diário de até 1.217 gramas”, revela o dirigente. □

# CLASSIFICADOS

## agranja



### ADUBO ORGÂNICO HUMUS-GEO®

Humus-Geo é fertilizante orgânico produzido segundo moderna tecnologia, sob a forma farelada, seca e de cor escura quase preta; não é necessário curtir

ou fermentar, já vem pronto para aplicar.

**Fertgeo Ind. e Com. Ltda.**

Rua Lagoa Panema, 35 - V. Guilherme  
Cep. 02051 - Tel.: (011) 267-6248  
Telex: (011) 32460 - São Paulo - SP



Hippocampus

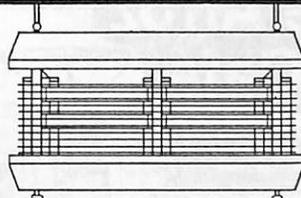
Consultoria & Projetos de  
AQUICULTURA LTDA.

Faça sua propriedade render... **CRIE PEIXE, CAMARÃO e RA.** Ligue (041) 253-7548

- Projetos para criação.
- Assistência técnica em todo país.
- Estamos atendendo pedidos de Pós-larvas, Girinos e Alevinos.

Rua Nicarágua, 226 - CEP 80200 - Curitiba - PR

### ELETRINSECT: INSETOS, NUNCA MAIS.



De hoje em diante, viva mais tranqüilo, instale um **ELETRINSECT** em sua residência, casa de campo, restaurante, lanchonete ou supermercado.

**ELETRINSECT** atrai e elimina todas as espécies de insetos voadores.

Peça **ELETRINSECT**  
Mod. 1040 (1,00x0,38m)  
diretamente pelo telefone  
**(0452) 23-6004**

Aceitamos revendedores para todo o Brasil.

**INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE  
ELETRODOMÉSTICOS BAUTITZ LTDA.**  
Rua Três Amigos, 65 - Jardim Maria de Lourdes  
Fone: (0452) 23-6004  
85800 - Cascavel - Paraná

### Capotas Removíveis américa

- Modelos exclusivos
- Acarpetadas
- Resistente e leve



FOURFIBRA IND. COM. LTDA.

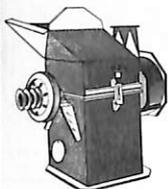
américa

Fábrica: (0152) 63.1804 e 63.1816  
Rod. Castelo Branco - Km 116 - Boituva - SP

**SÃO PAULO: (011) 456-8843 E 445-1888**

### EQUIPAMENTOS PARA CONFINAMENTO

Avicultura, Suinocultura, Pecuária etc.



Moinhos de serras especiais para: cereais, palhas, feno e etc.

Misturadores, Silos, Peletizadoras, Fábricas completas de ração.

**MOINHOS SILVER**

Metalúrgica Vêneta Ltda

Rua Brito Peixoto, 70 - Cep. 02735 -

Fone: (011) 858-4655 - São Paulo - S.P.



### LUCRE NA PRODUÇÃO DE MUDAS

Com a mais avançada técnica de canteiros suspensos

- Maior aproveitamento da área do viveiro
- Sensível redução de gastos c/ mão de obra e insumos
- Prático, reutilizável, substitui saquinhos plásticos, copinhos e laminados
- Para mudas de hortaliças, ornamentais, frutas, café e essências florestais

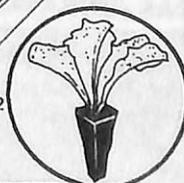
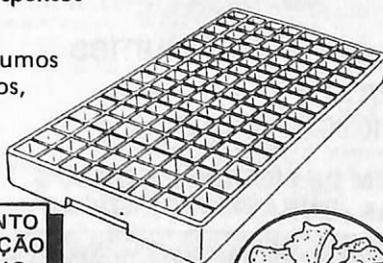
Atendemos todo o Brasil

**Plantágil®**

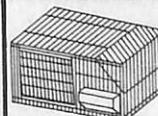
COMERCIAL AGRÍCOLA LTDA.

GANHE DESCONTO  
NA APRESENTAÇÃO  
DESTE ANÚNCIO

AV. PRES. ALTINO, 192  
05323 - JAGUARE/SP  
FONE: (011) 869-7499



### FÁBRICA DE GAIOLAS

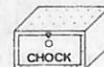


Gaiolas p/coelhos  
90x75x50  
80x60x45  
75x60x40



Criadeiras  
Bebedouros  
Ninhos

Poeiras  
Reprodutoras  
Machos



Chocadeiras para 40, 60,  
120 e 300 ovos

Temos conj. misturador para  
fabricação de ração e picadeiras

**CHOCK - Ind. e Com. de  
Materiais Agrícolas Ltda.**  
Rua Mora, 168 - CEP 23010  
Campo Grande - RJ  
Tel.: (021) 316-1849



# CLASSIFICADOS

## agranja

**TOSQUIADEIRAS**



**Oster e Sunbeam**

**PARA EQUINOS, BOVINOS, OVELHAS, CÃES.**

**ASSISTÊNCIA TÉCNICA E GARANTIA DE FÁBRICA**

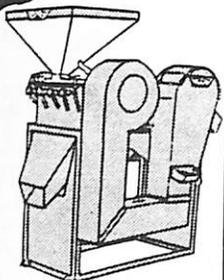
**OSTER COMERCIAL E TÉCNICA LTDA.**  
Rua Domingos de Moraes, 348  
Sobreloja 16 - CEP 04010 - São Paulo  
TEL.: (011) 575-2446 - 575-3993

**CABRA & BODES**



A Revista da Caprino-Ovinocultura e Atividades Alternativas  
Assinatura anual:  
Cz\$ 300,00 (6 exemplares)  
Para assinar, enviar cheque nominal à  
**MERCADO ALTERNATIVO LTDA**  
Cx. Postal 1989 - Belo Horizonte - MG  
CEP 30161  
Maiores informações pelos fones:  
BH - (031) 337-7623 • Rio - (021) 245-1348

**Beneficiadora de Arroz e Café**



**INCOBI**  
IND. E COM. DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS BIAGI LTDA

Rodovia Acesso Cajuru  
Ribeirão Preto - Km 0,8  
Tel.: (016) 667-1227 e  
667-2050 - Cx. Postal 85  
Cajuru - São Paulo  
CEP 14240

INCOBI - Ind. e Com. de Máquinas Agrícolas Biagi Ltda.

**GAIOLAS**

PARA CODORNAS  
Postura • Reprodução • Engorda  
PARA COELHOS  
Colocação em Fileiras  
Sistema de Sobreposição • Engorda  
PARA GALINHAS  
Postura

**FORNECEMOS PARA TODO O BRASIL**

**R. MARTINS GAIOLAS**  
R. Artur Rios, 812 - Campo Grande - RJ  
Tel.: (021) 316-1226 - CEP 23010

**SEMENTES**

Temos a melhor semente do mercado por preços honestos. Para plantar sua lavoura ou pastagem de gramíneas e leguminosas consulte-nos.

**SEMENTES SÃO JOSÉ**

Rua Cons. Ramalho, 415 - São Paulo  
Fones: (011) 34.5022 e 34.9516

**MAXICAIXA**



em fiberglass para grandes volumes.

**CAPACIDADES**  
2.500 - 5.000 - 7.500 - 10.000 - 15.000 Litros

**IDEAL PARA ARMAZENAGEM DE LÍQUIDOS E GRÃOS. ECONÔMICAS - HIGIÊNICAS - DURÁVEIS - PRÁTICAS**

**ZENITAL - Ind. Plásticos Reforçados Ltda.**  
Av. Brasil, 1287 - Ribeirão Pires - SP - CEP 09400  
TELEX: 1144762 ZENI-BR

**(011) 459-4233**

**SORGO**

**FALE COM QUEM É ESPECIALISTA**

Híbridos de ciclo

- precoce
- médio
- tardio

Plante sorgo. Mas antes fale com a Asgrow

**LIGUE (0192) 53-3987 (0192) 52-0555**

**ASGROW**

Caixa Postal 1564  
13023 - Campinas - SP

portal

### Assistência Técnica em:

- Determinadores de umidade de cereais e balanças em geral.
- Atendemos todo o Brasil.

**IBIEL — Indústria e Comércio de Transdutores Ltda.**  
Rua Professor Brandão, 883  
Fone: (041) 262.0067  
80040 - Curitiba - Paraná

### CONTROLE BIOLÓGICO DAS LAGARTAS DA SOJA COM BACULOVÍRUS

- ★ Inofensivo ao homem
- ★ Preserva os inimigos naturais
- ★ Não polui o meio ambiente

**NOVA ERA**  
Av. Munhoz da Rocha, 1733  
Fone (0434) 22.1411 - Apucarana - PR



**DETERMINADOR DE UMIDADE DE CEREAIS ELETRÔNICO DIGITAL**

- Fácil leitura através de displays de led's
- Leitura direta em 10"
- Alcance: 5 a 40%
- Compensação de temperatura: 0 a 58°C
- Resolução: 0,1% de umidade

**MUGA** INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE EQUIPAMENTOS ELETRO-ELETRÔNICOS LTDA.  
Rua Mauá, 1005 - Fone: (041) 253-5092  
Telex: (041) 2146 - 80030 - Curitiba - PR

### Potes e Frascos especiais para Mel e seus sub-produtos

Informações e Vendas



**Uber Plast** - IND. E COM. DE PLÁSTICOS  
Rua Leon Tolstoi, 646 - Fone (041) 246-2529  
CEP 81.500 - Curitiba - Paraná



Indústria de Carretas

Cães Lançamento



Rural-Cargas

Camping

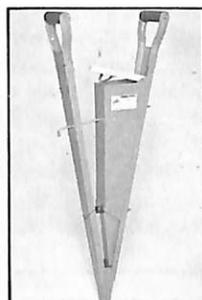
Esticadores • Reformas • Engates para todos os carros • Pagamento facilitado • Aceitamos Cartões de Crédito

**Jopason**

Atendemos todo o Brasil.

Rua Tangará, 35 - Fone: 549-2782 - CEP 04019  
Vila Mariana (Atrás do DETRAN) - São Paulo

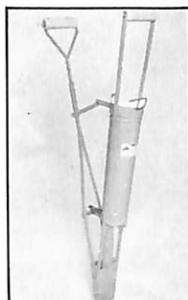
### PLANTADEIRAS MANUAIS GUIMATRA



PMG 2



PMG 3 e 4



PMG 5

Guimatra S/A fabrica plantadeira manual, para o plantio de cereais, em diversos modelos:

- Metálica** — Somente para sementes
  - Em caixa retangular
  - Ou caixa cilíndrica
- Com adubadeira**
  - Caixa com chapa galvanizada
  - Caixa com chapa inoxidável



Guimatra S/A Máquinas e Implementos Agrícolas  
BR 277 - Km 599,5 - Cx. P. 481  
85800 - Cascavel - PR  
Fone: (0452) 23-2522  
Telex: 452-183

### CHOCADEIRAS JS

- **Chocadeiras caseiras e industriais**
  - Elétricas c/circuito eletrônico
  - A gás
  - Garantia de maior eclosão
- **Criadeiras**  
Preços especiais para revendedores.

**J.S. IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS**

R. Gustavo Kabitchski, 770  
Fone: (041) 256-8635  
83400 - Colombo - Paraná

### CHEGOU O ESPETACULAR TELEFONE RURAL !!

O único inteiramente automático, sem mesa, sem telefonista (Local, DDD e DDI), basta discar.

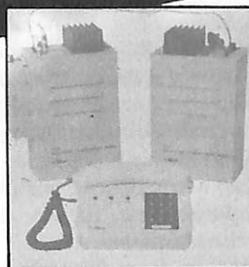
Licenciado, com garantia e instalado com alcance de até 50 km. O mais moderno e versátil equipamento que se fabrica no Brasil. CONSULTE-NOS e veja como é fácil comprar à vista ou financiado pela metade do preço de qualquer outro no mercado. Também dispomos de Rádios em HF/SSB para longas distâncias e VHF ou UHF. Estações Terrestres Fixas e Móveis.



**TeleControl**  
COMUNICAÇÃO E SISTEMAS, LTDA

Rua Conde de Porto Alegre, 391  
Tel.: (0512) 22.0680 e 22.9156  
PORTO ALEGRE - RS

Campo Grande: (067) 624.4670  
Pelotas: (0532) 25.4788  
Passo Fundo: (054) 312.3645  
Santa Maria: (055) 222.1795  
Sto. Angelo: (055) 312. 5820



### EXTERMINADOR DE RATOS

Trata-se de uma moderna técnica para eliminação de roedores. Empregada com muito sucesso na Europa, EUA e Japão agora no Brasil com moderna tecnologia japonesa. Disponível em três modelos para proteção de áreas de 150/700 e 1400m<sup>2</sup>.



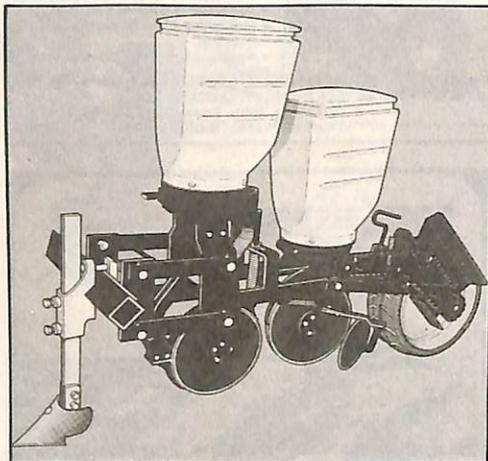
**BRASTEC INSTRUMENTAÇÃO INDUSTRIAL LTDA.**

Rua Major Sertório, 88 - Conj. 802  
Fones: 231-2513 e 257-9523  
01222 - São Paulo - SP

A maneira econômica de vender!

**CLASSIFICADOS**  
agraria

Fones: (0512) 331822 (021) 2247931  
(011) 2200488 (041) 2251972



**Plantadeira-adubadeira** — Em três modelos: JM 2040, 2070 e 2080. As três têm sistemas exclusivos de pantógrafo, discos duplos sulcadores para fertilizantes e sementes, permitindo a aplicação uniforme e invariável da quantidade de adubo e sementes. Utilizadas para o plantio de algodão, amendoim, soja, arroz, milho, girassol e feijão, entre outras culturas. Cada unidade de semeadura possui depósitos individuais. A capacidade do depósito de sementes é de 34 litros para as três, sendo que o depósito de adubo da JM 2040 é de 50 quilos; da JM 2070, 280; e da JM 2080, 350 quilos. **Jumil — Justino de Moraes, Irmãos S.A., rua Ana Luiza, 568, fone (016) 761.4000, telex 166-388, CEP 14300, Batatais/SP.**



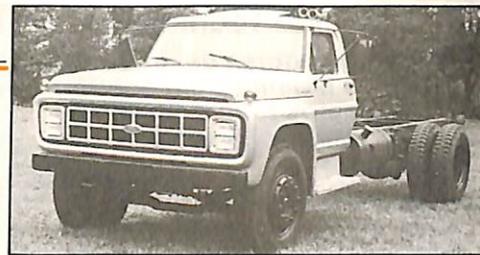
**Pequenos animais** — Chassi de construção metálica, com baú em madeira (compensado naval) ou em fibra de vidro, e suspensão independente, de braços oscilantes. Esta é a estrutura da carreta Hobby Way para transporte de cães e pequenos animais. Pintura sintética e engate para todos os tipos de veículos. **Hobby Way, rua Tangará, 35, Vila Mariana, fone (011) 549.2782, CEP 04019, São Paulo/SP.**



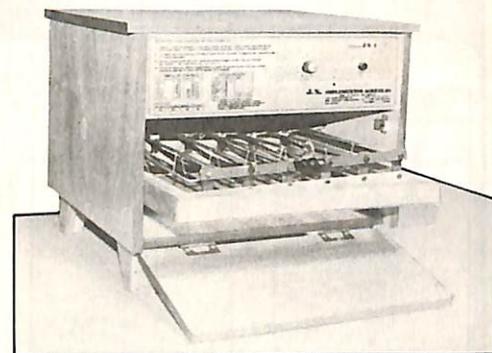
**Hormônio** — Utilizado para estimular e regular o crescimento vegetal na cultura da batata, interrompe a fase de dormência dos tubérculos-semente e força a germinação antecipada — o que possibilita programar o plantio e obter colheitas em períodos de entressafra. Activol GA é apresentado em pastilhas solúveis em água (caixa com dez pastilhas de um grama). **ICI Brasil S/A, rua Verbo Divino, 1356, fone (011) 525.2177, CEP 04719, São Paulo/SP.**



**Antitóxico** — A principal indicação de Toxifim é a desintoxicação em casos de intoxicações por alimentos contaminados, toxinas ou medicamentosas; ou como medicação auxiliar em processos de fotossensibilização e intoxicação por plantas tóxicas. Secundariamente, fornece dextrose e protege a célula hepática, além de atuar como energético em casos de estresse por transporte, exposição, desmame e trabalho intenso. Apresentação em frascos de 20 e 100ml. **Boehringer & Cia. Ltda. — Divisão Veterinária, alameda dos Quinimuras, 187, fone (011) 276.4899, telex 11-22065, CEP 04068, São Paulo/SP.**



**Caminhão** — Desenvolvido e otimizado em nova configuração (6x2), o Ford Cargo 2218 não apresenta emendas no chassi ou qualquer tipo de solda. De acordo com o fabricante, a nova suspensão Hendrickson, tipo E-4, é um dos aspectos que se sobressaem nessa versão trucada, em função de oferecer condições adequadas de resistência e robustez. Tem capacidade para 22 toneladas de PBT e seu chassi, com componentes da suspensão fundidos, utiliza uma viga central articulada, como um tandem central com jumelos e molas cujas extremidades são deslizantes. **Ford Brasil S.A., avenida do Taboão, 899, CEP 09731, fone (011) 418.6422, telex (011)44.262, São Bernardo do Campo/SP.**

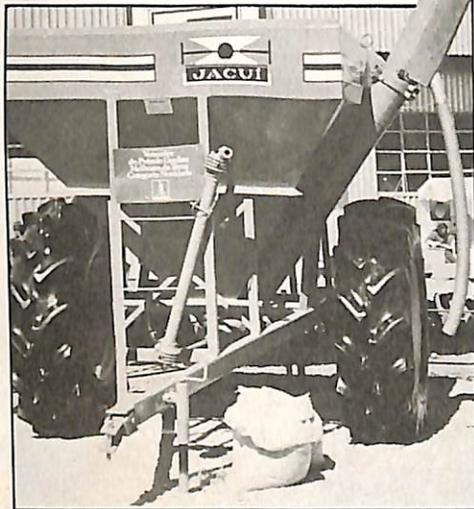


**Chocadeira** — Com circuito eletrônico de precisão, garante, segundo o fabricante, elevado índice de eclosão. Fabricadas com capacidade de 50, 120, 200, 600, 800, 1000, 2000 e 5000 ovos, serve para todos os tipos de aves. Garantia de um ano de funcionamento. **J. S. Implementos Agrícolas, rua Gustavo Kabitchski, 770, fone (041) 256.8635, CEP 83400, Colombo/PR.**



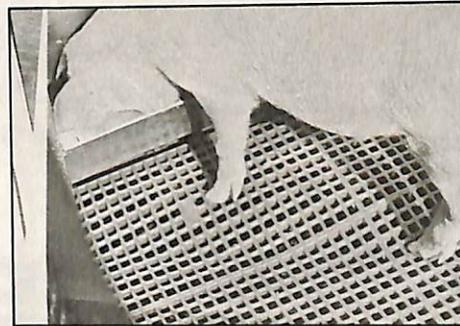
**Tandem** — Equipamento que permite acoplar-se duas plantadeiras, o Tandem 2M da Semeato proporciona um plantio com menor tempo, maior rendimento e baixo custo. Adaptável às plantadeiras PS, PSE e PS Master. **Semeato S/A. - Indústria e Comércio, avenida Presidente Vargas, 3800, fone (054) 313.1144, CEP 99100, Passo Fundo/RS.**

# NOVIDADES NO MERCADO



## Picanha eletrônica

— Facilita o manejo dos animais, especialmente no brete. Segura e fabricada segundo as recomendações técnicas internacionais, basta comprimir as ponteiros contra o corpo do animal. Econômica, utiliza-se de quatro pilhas médias de 1.5V cada. Três tamanhos: pequena (45cm), média (75cm) e grande (95cm). **Agro Pecuária Nytag Imp. e Exp. Ltda.**, avenida Ceará, 1209, fone (0512) 43-2102, CEP 90240, Porto Alegre/RS.



**Piso plástico** — Fácil de montar e higiênico, o piso plástico Fazendão pode ser utilizado em celas ou boxes de suínos, ovinos, caprinos, coelhos, cães, bezerras. De cor padrão azul, tamanho 48,8cm por 24,7cm, pesa 500g, resiste a 300kg/m<sup>2</sup> (7,7 peças cobrem 1m<sup>2</sup>) e possui abertura de malha de 1,5cm. Os engates são por pressão. **Fazendão — Indústria de Equipamentos Agropecuários Ltda.**, rua Tamandaré, 90, fone (016) 636.9596, CEP 14085, Ribeirão Preto/SP.

**Pré-limpeza** — Sem gastos extras de combustível ou eletricidade, a carreta agrícola graneleira da Jacuí retira até 80 por cento das sementes de inços na primeira passada, de carona ou na própria lavoura. Ao mesmo tempo em que evita descontos por quebra de qualidade do grão, permite o reaproveitamento dos inços como ração. Os dispositivos de pré-limpeza são intercambiáveis e específicos para cada cultura. **Fundição Jacuí S/A**, avenida Brasil, 1749, fone (051) 722.4493, CEP 96500, Cachoeira do Sul/RS.

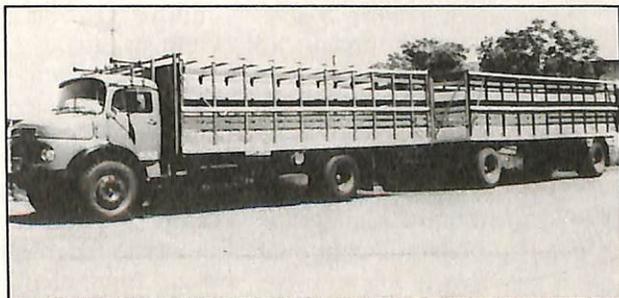


**Minitratores** — Projetados para locais que precisam de maior poder de tração e de flutuação, como banhados e hortas, os tratores Yanmar 1040 e 1050D, com tração nas duas e quatro rodas, respectivamente, facilitam muito o trabalho com diversos implementos para roçagem e capinação, segundo o fabricante. Eles são dotados de motor de 40cv que apresentam torque elevado e constante, mesmo em baixa rotação. **Yanmar do Brasil**, avenida Dr. Gastão Vidigal, 2001, fone (011) 261.0911, telex (011) 24080, CEP 05314, São Paulo/SP.



**Plantadeira** — Constituída de unidades independentes montadas em barra porta-ferramentas de engate em três pontos, possui sistema de plantio e adubação por sulcadores ou por discos duplos (opcional). Indicada para milho, soja, feijão, sorgo, girassol, com opcionais para algodão e amendoim, aplica o adubo separado das sementes. Tem recipientes de plástico com capacidade de 52 litros e sistema de distribuição de adubos e sementes acionado por eixo cardã. **Lavrare Máquinas Agrícolas Ltda.**, rua Oberdan Cavinatto, 290, fone (054) 222.2211, CEP 95001, Caxias do Sul/RS.

**Reboque** — Para transporte de gado e cereais, na versão boiadeiro, tem exclusivo sistema retrátil de engate pneumático que aproxima as duas carrocerias para carga e descarga. No transporte de grãos, pode ser rebocado por trator na lavoura e caminhão na estrada. Homologado para uso em rodovias, mede 8,5 metros de comprimento e carrega 12 toneladas de carga útil. **PPL — Indústria de Reboques Ltda.**, rua Vila Lobos, 298, Parque Tamandaré, fone (0512) 73.2257, CEP 93250, Esteio/RS.



*O secretário da Agricultura do Paraná acredita que o Conselho Nacional de Agricultura pode ajudar o Ministério a recuperar o espaço político perdido*

## E o Conselho, quando se reúne?

**N**ão se pode desenvolver uma política agrária eficiente se não tivermos uma política agrícola eficiente — e nós não temos uma política agrícola eficiente. Os preços mínimos que foram divulgados são a maior prova disso, pois não foram divulgados obedecendo a proposta nem das secretarias de Agricultura dos estados nem do Ministério da Agricultura. Eles foram determinados de acordo com o humor dos técnicos do Ministério da Fazenda, e isto é o que vem ocorrendo sempre. Quem decide sobre a agricultura do País é o Ministério da Fazenda, enquanto o Ministério da Agricultura age como repassador de políticas que, na maioria das vezes, são equivocadas.

Por isto que, antes mesmo de assumirmos, já fazíamos contatos com os prováveis secretários de outros estados para a constituição de um colegiado nacional que pudesse representar a voz do produtor. Foi quando descobri que existe um colegiado, criado por decreto em 1977, mas que infelizmente nunca se reuniu. Então, aproveitamos nossa proposta para reativar o colegiado.

O ministro da Agricultura fez três reuniões com os secretários, e nas três houve o consenso de que o Conselho Nacional de Agricultura deveria se reunir com frequência, ou pelo menos regularmente, para que pudéssemos formular propostas para alterar a política agrícola vigente no País. Mas até agora não houve nenhuma reunião do Conag.

No meu entendimento, o Ministério



**Osmar Dias: cobrança**

da Agricultura, que não tem poder de decisão, deveria se empenhar um pouco mais, inclusive utilizando o Conag, para, apoiado pelo colegiado, fortalecer-se e exigir de volta o espaço que foi sendo roubado por outras áreas do governo. O Ministério precisa readquirir o direito de decidir sobre agricultura, e sobretudo ter um orçamento próprio, para que as prioridades sejam estabelecidas a partir dele, e não do Ministério da Fazenda, ou até do Ministério das Relações Exteriores.

O Ministério da Agricultura ainda não promoveu nenhuma reunião do Conag, e por isto podemos continuar afirmando: a democracia que se prega no País é uma democracia urbana, que

não chegou ao campo. Há a oportunidade de o ministro poder desempenhar um papel importantíssimo, de extensão da democracia ao campo, ouvindo este colegiado e colocando em prática as propostas aprovadas.

Nós não queremos mais importações sem que sejamos ouvidos, para evitar-se equívocos. Aliás, o governo federal demonstra agilidade quando coloca em prática medidas equivocadas e demonstra lentidão insuportável ao adotar medidas favoráveis ao produtor.

Por outro lado, se não houver reuniões do Conag, nós, os secretários da Agricultura, continuaremos reunindo-nos, discutindo, pressionando o governo federal. Vivemos nos estados os problemas do produtor, conhecemos o drama da agricultura, e estamos já cansados de sugerir medidas que são desprezadas pelo governo federal. Mas continuaremos insistindo para que estas providências sejam adotadas, e para que o Ministério da Agricultura, além de um orçamento próprio, seja também o administrador da política do café, cacau, seringueira, que são produtos agrícolas e devem ser por ele administrados.

Continuaremos pressionando para que o ministro, que assumiu compromisso conosco, promova a reunião do Conselho Nacional de Agricultura o mais rapidamente possível. A partir do Conag, poderemos cobrar, junto ao governo federal, o atendimento aos anseios fundamentais da classe produtora do País.



## A saúde do seu veículo passa por este filtro.

Os filtros são tão essenciais para o bom funcionamento dos motores quanto o pulmão, o coração e os rins para a manutenção da vida. Com filtros vencidos ou de baixa qualidade, o motor respira ar poluído, bebe combustível contaminado e é lubrificado por óleo carregado de impurezas.

Isso afeta o rendimento, o consumo e a própria vida útil do veículo. É por isso que a Logan especializou-se em só produzir filtros. Nada mais. Quem tem nas mãos tanta responsabilidade não pode negligenciar. Precisa ser especialista naquilo que faz.

FILTROS Logan

# LOGAN

Quem só faz filtro faz o melhor.



# PENSE MAIOR



## SLC 7200

MAIOR QUALIDADE, MAIOR TECNOLOGIA, MAIOR PRODUTIVIDADE

A SLC projetou, testou e agora coloca à sua disposição a maior colheitadeira do Brasil.

A SLC 7200 incorpora os maiores avanços em colheita mecanizada, uma tecnologia já utilizada e aprovada em mais de 150 países, para você obter o máximo de produtividade em menos tempo.

A SLC 7200 não é apenas maior em tamanho. Ela é grande em todos os sentidos: colhe maior quantidade de grãos limpos com uma rapidez que nenhuma outra colheitadeira consegue atingir, proporcionando ainda os menores índices de perdas e mínimos custos de manutenção.

A SLC 7200 é a maior na lavoura.

Tem Plataforma de Corte de 16, 18 ou 20 pés. Tem a maior área de trilha, com cilindro e côncavo que processam máxima quantidade de produto. Tem a maior capacidade de separação, com 5 saca-palhas. Tem a maior área de limpeza, com exclusivo sistema de movimento em sentidos opostos das peneiras e ventilador duplo. Tem o maior tanque graneleiro, com capacidade para 4.800 litros. Tem a maior potência de motor, com 148 ou 162 cv Turbo.

A SLC 7200 foi especialmente desenvolvida para você que sempre pensa maior, que busca maior produtividade na lavoura.

Passa no seu Concessionário SLC.



A Melhor



A Melhor e Maior